

ciclo de celebração do Centenário de
CRUZEIRO SEIXAS

Atmosfera *m* Lisboa
3 de dezembro 2020 a 12 de fevereiro 2021

SNBA - Sociedade Nacional de Belas-Artes
Galeria Pintor Fernando de Azevedo
3 de dezembro a 30 de dezembro 2020

Casa da Liberdade - Mário Cesaryn
19 de setembro 2020 a 12 de fevereiro 2021

Curadoria | Carlos Cabral Nunes



Cruzeiro Seixas (Portugal, 1920-2020)
Sem Título, 1947
Tinta-da-china e aguada sobre papel, 19 x 13 cm, Ref.: CS251
Coleção António Prates

Pintor e poeta, Cruzeiro Seixas foi o representante do Surrealismo português que mais longa vida teve, sendo por isso uma testemunha atenta das mudanças do mundo durante um século em que os mais velozes progressos se cruzaram com as mais negras tragédias.

Na obra tão vasta que nos legou, com o seu traço inconfundível e a sua palavra ardente, estão presentes os nossos sonhos e os nossos pesadelos. Essa obra perdurará na memória do futuro. Tendo vivido uma grande parte da sua vida sob a ditadura, na sua obra há a impetuosa afirmação daquela “liberdade livre” de que fala Rimbaud e em que os surrealistas reconheceram um princípio fundamental da revolução poética que desejavam. Para Cruzeiro Seixas, como para o seu companheiro de aventura Mário Cesariny, viver essa liberdade livre foi pagar o preço da perseguição e do opróbrio.

Dando-nos o exemplo de uma independência pessoal e de uma fidelidade aos seus valores de sempre, Cruzeiro Seixas recusava um mundo movido pelo dinheiro e pelo mercantilismo. A personalidade, a vida e a obra de Cruzeiro Seixas são magnificamente ditas pelas palavras do pictopoema que Cesariny lhe dedicou:

este é o segredo
este é o segredo
para todos os usos
rapto desobediência
exaltação
e morte

Fernando Medina
Presidente da Câmara de Lisboa | Dezembro 2020

Quase cem anos viveu Cruzeiro Seixas, como traço contínuo e automático que de repente se suspende, algo tão próprio do surrealismo, deixando-nos agora com o olhar fixo na grandeza, complexidade e paradoxismos com sentido, que marcaram toda a sua vida e criação.

Artur do Cruzeiro Seixas foi autor de uma cosmogonia própria, com fortes aspirações metafísicas, e marcado pelo desejo da pluralidade das naturezas que se expressa no polimorfismo das criaturas e pela multiplicidade de reações que provoca, usando muitas vezes o preceptivamente inútil, o paradoxo, sem temor do que possa ser considerado estranho, adentrando-nos num mundo onírico que se afirma no concreto como possível, ao menos no seu pensamento. A pluralidade reflexiva interior ao artista torna-se ainda mais evidente nos seus “cadáveres esquisitos”, quer pictóricos quer poéticos, obras participadas por outros artistas a quem permitiu entrar no seu mundo e mesmo nas suas criações, acrescentando sem questionar outras visões ao seu universo. A atitude dialogante e generosa face ao outro é um traço do homem e do artista, um reflexo da consciência cidadã de comunidade enquanto lugar de pertença e possibilidade de desenvolvimento do próprio Eu, do afirmar dos seus valores e concretizar dos seus desejos e expectativas.

A obra de Cruzeiro Seixas pode ser entendida dentro do marco da libertação desejada, próprio de quem viveu grande parte da vida num Portugal de liberdade privado, juntando a isso a viagem e um conhecimento encyclopédico do onírico e do real. Mas também a recusa das lógicas impostas sem discussão e a abertura ao outro tido como criador subjetivo de um mundo partilhado.

Fugiu assim dos limites do tempo e do espaço; garantiu, assim, a eternidade, algo a que os quase 100 anos de Cruzeiro Seixas já nos vinham habituando.

Catarina Vaz Pinto
Vereadora da Cultura | Dezembro 2020

É preciso ainda uma voz, no deserto.

Agora que se extinguiu a sua, é preciso buscar nos relógios a pontaria certa, o luminoso dos segundos, por detrás dos ponteiros. Um martelar obtuso, sincrónico, mimético. O rigor absoluto, ou quase, das horas. É preciso o grito e a revolta. Um traço, que o seja. Um abandono no altar ou no princípio do fim. Um precipício que nos contemple, como se num espelho. É preciso a verticalidade e sua chave própria. É preciso, enfim, nunca dizer adeus, substituindo todo o saber por veredas onde caminhemos sozinhos, reclusos do Amor (im)possível.

NÃO HÁ MORTE, NA MORTE DE CRUZEIRO SEIXAS.

Há um espaço todo preenchido por noturnos desejos, relâmpagos incendiando a paisagem repleta de corpos distorcidos, dilacerados. Há sopros d'infinito e várias luas omnipresentes, em diálogo libertário.

Há Poesia, Liberdade, Amor, onde antes, no caminho trilhado, Már(io) adentro, havia inversão d'opostos, como que num jogo de espelhos onde se mimetizam gestos e um fenómeno mágico, grandioso, do ser, elevando-se na escala humana.

É preciso dizer UM SÉCULO, em vez de dizer UM DIA. É preciso dizer a estrada, num lugar de poesia. Assim foi a vida do Rei Artur, tal como se resignou ter. Tudo se fazendo dor e mágoa, até esse instante final onde um sopro, extinguindo-se, logrou apagar aquela chama, outrora intensa, que iluminava o caminho. Não sem antes cuidar de legar múltiplas formas de nos manter caminhantes.

Ele que, no epílogo da obra, ditou “prosseguimos, cegos pela intensidade da luz”. Amando intensamente estrelas e falésias crepusculares, nunca pernoitou em lugares de tédio ou de horror petrificado pela fatalidade do vazio, de ideias, sinais, nunca transigindo ante a mediocridade sua ou d'outrem. A sua tessitura elevando-se sempre e mais, exigência desmesurada ante si, antes que nos demais. A vista falhando-se, o ouvido em eclosão própria e um olvido pertinente para coisas pequenas e sórdidas, mágoas também, ainda que nos dias sempre claros, resilientes, não impedindo atenção permanente ao outro, aos poucos eleitos, a quem reconhecia mérito e razão, não obstante a falha, permanente. A esses dedicava manhãs, de escrita em fim de vida, às cegas, olho metido no papel procurando o traço e a letra. Escrever umas linhas num postal de Paris, era o prolongar do sonho de persistir vivendo. Dizer Madadayo, mesmo sem nunca ter visto o filme ou dele ter qualquer registo. Saberão os recetores da mensagem o que dela se fará? E como foi feita, com que amor e dedicação?

Foi-se o Artur Manuel, sem que dessemos conta, ocupados em viver uns “nadas imperfeitos”. Fica-nos a obra vasta de um Cruzeiro que também é Seixas, qual cometa lento e meticoloso percorrendo todos os segundos até perfazer quase um século, como um livro maravilhoso que se lê sem dele se desejar o fim. Ele que queria um dia igual aos outros, no seu centenário, sem comemorações ou pantomima, foi-se daqui num gesto voluntário e só. Extinguiu-se por dentro. Consumiu-se na luz própria, sem nunca dizer adeus.

Fica-nos um buraco no centro do peito. Uma ausência dilacerante. Um vazio a acompanhar outros. Uma pedra e um charco, neste semidesértico lugar onde fomos plantados. Saibamos nós, com isso, agitar águas, por debaixo do lodo, à passagem de um ciclone, em sua honra e memória, espalhando por todo o lado



Cruzeiro Seixas (Portugal, 1920-2020)

Sem Título (auto-retrato), n.d.

Técnica mista sobre papel, 37 x 36,7 cm, Ref.: CS196

Post Scriptum. Todas as homenagens lhe são devidas, pela excelência da obra que nos lega, mas a verdade também. A sua grandeza, exige-o.

Estive com ele, numa última e única visita que lhe fiz no hospital, na quarta-feira anterior à sua partida física deste mundo. Estava mal, muito, praticamente incapaz de dar sinal quando por ele chamei, repetidamente e aos gritos. Foi com um esgar, apenas uma espécie de encolher d'ombros (tão característico seu) que me devolveu resposta a um “como vai isso?”. E ali o deixei, assim como que adormecido, desejando-lhe força. Ele partiu porque não queria ter de aguentar, por mais tempo, a dureza da situação em que se viu vivendo, desde o início da pandemia. Chegou ao fim ali, àquele hospital, após deixar de comer e de beber na casa onde vivia. Amarravam-no à cama ou à cadeira, consoante a situação, porque se tornava agitado, para não correr o risco de cair, disseram-me. Tudo se lhe tinha tornado insustentável, indigno. A sua Liberdade, derradeira razão de existir, assim coartada, depois de há muito o amor se lhe ter escapado e de a poesia se ter tornado impossibilidade por via do isolamento forçado e da incapacidade visual. Queria partir. Conseguiu, finalmente.

Tudo isto deve fazer-nos ponderar sobre a forma como estão a ser tratados os idosos, nesta altura em que muitos se tornam vítimas colaterais da pandemia, mas também para lá disso. Não é admissívelvê-los ser enclausurados, institucionalizando-os no fim da vida em toda a espécie de guetos dedicados a seniores. Por melhores que sejam, assim, são sempre horríveis. É essa a dura realidade que fui conhecendo. É urgente, imperioso, repensar a forma como bem cuidar dos idosos, no fim das suas vidas, quando mais necessitam de estímulo e motivação para seguir vivendo. Talvez a solução passe por criar estruturas que misturem gerações, promovendo a troca de saberes.

Tínhamos, na Perve Galeria, a esperança que ele pudesse vir ainda a integrar o nosso projeto L.A.C.H.e., que lhe é dedicado, de residências artísticas multidisciplinares e multigeracionais. Tal já não será possível fisicamente, agora que partiu, infelizmente amargurado, após novo confinamento forçado, por 15 dias, por ter querido sair, numa manhã de outubro para ir receber a medalha de mérito cultural, atribuída pela Ministra da Cultura. Na altura, tentei demovê-lo e aos outros, pedindo que o fizessem doutra forma, não o levando a sair já que, no regresso, as normas impunham quarentena e isso, temia, lhe poderia ser fatal, por tão extremamente penoso. Não consegui evitar este desfecho. Lamento-o muito.

Artur do Cruzeiro Seixas quis ser livre até ao derradeiro suspiro

Sérgio Almeida
regista

ARTUR LIVRE durante a vida, Artur do Cruzeiro Seixas quis ser-lhe permitido na hora da morte, no entanto, faleceu, no Hospital de Santa Maria, em Portugal, de forma súbita, expulsado da sua vida não-monetária. Vida plena que teve. Artur do Cruzeiro Seixas, assim, adorava a sua casa, num bairro que resiste à urbanização, mantendo-o o seu lar e o seu amor à sua terra. Artur do Cruzeiro Seixas quis ser livre até ao derradeiro suspiro.

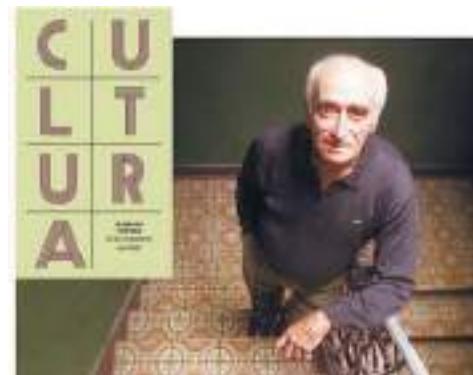
Valer da Costa "diáspora"
A obra de Cruzeiro Seixas está mais envolvida no mundo "de fora", mas continua a ser uma obra que resiste à sua terra e ao seu amor à sua terra.

Com paciência e忍耐, encontrou na liberdade uma paz constante e seu lar é que lamentei as horas de movimento e desordem, com Andrade, Maria Lamas e Mário Gómez que faleceram. Aviões que trouxeram os velhos

Tudo o mais que possa dizer sobre o farol que era, sobre a genialidade e a pertinência do que fazia e dizia, será sempre redutor e parco, dada a grandeza do ser que foi.

DESCANSE EM PAZ.

Querido amigo Artur Manuel Rodrigues do Cruzeiro Seixas, admirável Mestre, a sua Obra permanecerá acompanhando os nossos passos, guiando-nos.



Artur do Cruzeiro Seixas
quis ser livre até
ao derradeiro suspiro

Silvano Alvarado
silvano@ufrj.br

ARTH 1.1 se discorre a vida, Arthur do Cruzeiro do Sul, que só viveu também na terra, discorre, no domínio da natureza, no Universo da Terra.

2010-04-22 10:40:56

RESULTS. Chaperones

卷之三

六四

Valor da obra "disparo"
A obra de *Cruzeiro Feliz*
"está muito subvalorizada"
"não tem madeira, mas os
pintores a usaram - trazem
uma história, uma ideia de um

© 2008 Kluwer | Springer

Compagnie elettronica
informatica italiana s.p.a.

par donde o-ndo n-mero n-
que l-mparan as b-ndas
m-ovilizadas n-mero alta, con
Auxilia: María Lobo e M-
tildia Bem-figuer-Lutza.

西汉·史记·卷之三

Construir Cem Nadas Perfeitos | Atmosfera M

Inauguração

3 de dezembro de 2020





Construir Cem Nadas Perfeitos | Atmosfera M

Obras patentes na exposição de tributo ao centenário de Cruzeiro Seixas



Cruzeiro Seixas (Portugal, 1920-2020)
Espelhos enlouquecidos, n.d.
Tinta da china e têmpera sobre papel, 18,5 x 22 cm, Ref.: CS177



Cruzeiro Seixas (Portugal, 1920-2020)
Histórias das portas feridas pela tua ausência, 1999
Têmpera e tinta da china sobre papel, 41,5 x 29,6 cm, Ref.: CS186

Convergência nos caminhos

Há ideias criativas, estranhas aos olhos de quem as observa com lentes convencionais, que contêm a energia avassaladora para mudar o mundo. Pelo seu pioneirismo ou pela sua radicalidade, começam por suscitar reações de negação, até de medo, mas fazem o seu caminho e acabam por ser glorificadas ao gerarem novas correntes de pensamento ou rasgarem novos horizontes à vida humana.

O telefone, o motor a combustão, a penicilina ou a internet são exemplos de genialidade e marcos de progresso tecnológico, do mesmo modo que o conhecimento da natureza humana, a interpretação filosófica dos comportamentos, a construção de novos modelos económicos ou a representação plástica das tendências artísticas são motores de desenvolvimento civilizacional.

Há pessoas e instituições que radicam o sentido da sua vida ou o propósito da sua existência na assunção persistente de valores e princípios que, refletindo esses avanços da humanidade, podem contribuir para uma sociedade mais livre, mais democrática, mais educada, mais respeitadora, mais culta, mais justa, mais equitativa, mais solidária, ... mais amiga.

Em Cruzeiro Seixas, pintor poeta ou poeta pintor, personalidade maior do movimento surrealista português, e na Associação Mutualista Montepio descobrimos convergência nos caminhos.

Paradoxo, se evocamos um aventureiro movido pelas asas da imaginação. Absurdo, se mencionamos um vanguardista integrante do 'anti-grupo' Os Surrealistas, de finais da década de 1940 e início de 1950. Talvez nem tanto assim: não desvendamos no movimento surrealista uma ode à vida e ao movimento, à liberdade de pensamento, à vontade de transformação da sociedade?

Existe, de facto, convergência entre o profundo respeito pela honestidade que Artur do Cruzeiro Seixas acentuava e o comportamento ético e cidadão, humanista e cooperante, que são próprios ao posicionamento da Associação Mutualista Montepio perante os seus membros e a sociedade portuguesa.

Existe o mesmo sentido e o gosto pelo diálogo, pela expressão coletiva, que, aliás, em vida do artista, também motivaram o espaço atmosfera M a acolher a exposição 'Construir o Nada Perfeito'.

Existe, finalmente, em Cruzeiro Seixas, desenhador incomparável e pintor explorador de todas as técnicas, uma vida intensa e longa de 99 anos, e até nesta longevidade encontramos paralelo com o Montepio Geral, em plena comemoração dos seus 180 anos.

O ciclo de celebração do centenário de Cruzeiro Seixas coincide, assim, com um momento muito especial da vida da Associação Mutualista Montepio e que traz à memória os tempos dos seus pais fundadores. Estes, identificando necessidades não satisfeitas nas pessoas e riscos sociais não cobertos, tomaram o futuro nas suas mãos e organizaram-se para responder aos desafios.

Sobrevieram guerras, crises, dificuldades, mas a Instituição soube sempre, com tenacidade, confiança, solidariedade e independência, ultrapassar os momentos mais exigentes, tal como o presente, em que a pandemia da COVID-19 mergulha Portugal numa crise sanitária com consequências dramáticas a nível económico e social. Agora como antes, daremos a resposta de retoma que os nossos 600 mil associados nos exigem e sairemos robustecidos.

A Associação Mutualista Montepio afirma-se no dever que cumpre, menos de um mês decorrido sobre a morte do decano das artes portuguesas, ao prestar homenagem ao mestre da cenografia do desenho automático, do 'automatismo psíquico puro', e aos modernistas de expressão surrealista, que influenciaram gerações de autores.

Reviver a vida e a obra de Cruzeiro Seixas no universo do Surrealismo, através da Exposição "Construir Cem Nadas Perfeitos – Tributo a Cruzeiro Seixas", na galeria atmosfera M, um espaço de raiz mutualista, colaborativo e de diálogo por excelência, traduz um gesto de gratidão e reconhecimento por um legado artístico de valor inestimável.

Virgílio Boavista Lima
Presidente do Grupo Montepio
24 de Novembro de 2020



Cruzeiro Seixas (Portugal, 1920-2020)
Sem Título, n.d.
Tinta da china e têmpera sobre papel, 20 x 13 cm, Ref.: CS242
Coleção Pedro Bandeira Blanc



Cruzeiro Seixas (Portugal, 1920-2020)
Como às sete horas eram ainda duas horas o amor foi devolvido à procedência, 1968
Grafite e caneta, 27,4 x 21,3 cm, Ref.: CS069

Cruzeiro Seixas y sus relaciones con España

Con la muerte de Cruzeiro Seixas desaparece un histórico del surrealismo, no sólo en Portugal. No voy a cometer la descortesía de explicar a los portugueses quién era y cuál es su trascendencia. Aunque no conviene actitudes eufóricas, porque, hoy, cualquier nombre determinante de la cultura, ni en Portugal, ni en España, ni en lugar alguno, tiene la presencia y el reconocimiento que debiera. La cultura está en retroceso y de ello nos alertaba Cruzeiro en sus últimas entrevistas, en mi última visita antepandemia.

Por eso, más que de la presencia de Cruzeiro Seixas en la cultura española, quiero hablar de sus relaciones con España y algunos españoles. Hay bastante obra gráfica suya entre nosotros, algunas esculturas múltiples, pero escasas traducciones de su poesía, que es la gran desconocida de su poliédrica obra, de su ingente y genuina sensibilidad.

Cruzeiro Seixas, para mí y para algún amigo portugués de ambos, fue más que un poeta, que un artista. Una figura tutelar y, al tiempo, padre, hermano, amigo, un colega con el que jugar a muchos juegos maravillosos, siempre en un ámbito humanista, cultural, límpido, feraz y enriquecedor. Cruzeiro era un laberinto de ternura, que te atrapaba y del que no podías salir sin el socorro de su fantasía ícara. Detestaba parecer, era un volcán de seda, que fascinaba con armonía, sin distorsiones, ¡si provocaba era en silencio!

Cruzeiro: caballero, honesto, generoso, amigo, un ser libre y alado como un pájaro. Nació para volar y la vida le llevó en un barco encantado por muchos mares y puertos de África, Asia y Europa. La imaginación le hizo conocer mundos mágicos, que él transformó en poemas, dibujos, pinturas, objetos y sonrisas. Sonreía con cordialidad: acogedor, afable, íntimo, dulce, elegante, coqueto. Nunca altivo. Incluso cuando ya casi no veía, cuidaba su compostura y presencia.

En los cincuenta, residiendo en Lisboa Francisco Aranda, hizo gran amistad con Mario

Cesariny, a la que más tarde se unirían Artur do Cruzeiro Seixas y Manuel Rodríguez. Amistad que sólo se quebraría con la muerte. Cuando Mario o Cruzeiro venían a Madrid, se alojaban con Aranda, en su casa de Carlos III. Aranda, estudioso del cine es autor de Luis Buñuel. Biografía crítica, 1964, y de El surrealismo español, 1981.

¡El azar haciendo siempre trabajos delirantes! A Yuste, pintor extremeño, por gestión de Álvaro Perdigão, le propusieron una exposición en Estoril, Galería da Junta do Turismo. Amigo íntimo, me pidió que le acompañara y allá que nos fuimos, con la singular coincidencia de que la fecha, en la que entramos en Portugal, era el 25 de abril de 1974, día en que estalló la Revolução dos Cravos. Ni que decir tiene lo que aquello fue y lo que supuso para nosotros, un tanto sorprendidos por los acontecimientos. La exposición se inauguraba el 27 de abril y así se hizo. En 1976, volvió a exponer Yuste en ese espacio, que a la sazón dirigía Artur do Cruzeiro Seixas y hasta 1983, y allí regresamos y lo encontré por vez primera.

No volví a saber de él hasta 1986, después de la llegada definitiva a Madrid de Eugenio Granell, que era colega y amigo suyo y de Cesariny. Por medio de Granell tomé conciencia de su personalidad y de su obra. Lo vi en distintas ocasiones con Cesariny, Eugenio y Amparo Segarra.

Desde el principio, me ocupe de que, en El Punto de las Artes, aparecieran referencia de sus exposiciones, comentarios a sus libros, los actos que oficializaba con los diferentes grupos surrealistas del mundo. Sobre todo, exposiciones individuales y de grupo en Portugal, España, París, Londres, de lo que él me informaba puntualmente o daba instrucciones para que los espacios expositivos lo hicieran.

Pero el contacto mayor fue cuando la Galería de São Bento, que había montado Antonio Prates, vino a la Feria de Estampa y cuando nació el Centro Portugués de Serigrafía, CPS,



Prates, vino a la Feria de Estampa y cuando nació el Centro Portugués de Serigrafía, CPS, y se abrió la Galería António Prates en Lisboa. António y João Prates lo trajeron a Arco, Estampa y a la galería que António Prates abrió en Madrid, C/ Blanca de Navarra, y trataron de acercar su obra a los coleccionistas.

En esos años yo viajé con frecuencia a Lisboa y nos vimos y comenzamos a mantener una correspondencia, con cartas, postales y envíos de libros, siempre con sus característicos dibujos y pinturas. La persona de contacto era João Prates, que se ocupó de él como una especie de familiar, con cariño y con respeto manifiestos. También María João Fernandes, poeta y hada, que tanto ha aportado al entendimiento de su obra. Y más tarde, Carlos Cabral Nunes y Nuno Espinho da Silva, los amigos de Perve, otro punto de conexión.

Adoraba la escultura de Andrés Alcántara y escribió la presentación de uno de los catálogos de su exposición en Lisboa, y para otro hizo un poema. Con Alcántara y João Prates estuvimos en muchas ocasiones, en los restaurantes de A Madragoa, en su casa Rua da Rosa y en ostugos misteriosos. Es justo señalar que a Cruzeiro le gustaba coleccionar, que consideraba el coleccionismo indispensable, tanto como la lectura.

Por diligencia de João Prates conoció a Luis Moro, a quien estimaba y que también tiene textos y cartas de Cruzeiro. Luis Moro le visitaba e hizo algún libro con Cruzeiro y se frecuentaron hasta que Luis puso rumbo a México. Aún, una relación ancha y cordial con Juan Barreto y Fátima Rueda, a su vez muy cercanos a Amparo, Eugenio Granell y Natalia Fernández Segarra.

Perfecto E. Cuadrado, lusista tenaz y total, profesor de la Universidad de Les Illes Balears, es su testamentario y la persona que ha ordenado su legado y regido el Centro del Surrealismo de Vila Nova de Famalicão, donde se encuentra el mayor acervo de Cruzeiro Seixas. Ha publicado la Correspondencia Cesariny-Cruzeiro, ha

comisariado sus exposiciones y ha estado en todo el análisis y lanzamiento al mundo del surrealismo portugués. Traductor de sus versos e investigador fundamental en la andadura creativa de Cruzeiro.

Un contacto muy importante fue el que mantuvo con Juan Carlos Valera, poeta y editor conquense. Menú-Cuadernos de Poesía realizó una edición facsimilar de tres libros de Mario Henrique Leiría, que el poeta dejó a Cruzeiro, quién pidió a J. C. Valera su edición, las cuales se llevaron a cabo con participación de Granell, Raúl Pérez, Saura,

Jaguer, Antonio María Lisboa, Jules Perahim, Jose Pierre, Isabel Meyrelles, Carlos Calvet y el mismo J. C. Valera.

Cruzeiro Seixas participó en las siguientes ediciones conquenses: Dados, Poemas de I. Meyrelles, Homenaje a Philip West, Homenaje a PHASES, Cadavre Exquis y Africa, quince poemas de Cruzeiro Seixas, con serigrafía y collages del poeta y traducción de J.C. Valera. Y Valera ya ha puesto en marcha la exposición de la historia de Menú, en la que participará la obra de Cruzeiro y una huella fértil para su centenario.

En 2001, la Fundación Eugenio Granell de Santiago de Compostela montó una muestra antológica de Cruzeiro Seixas, que fue muy visitada. Y ese mismo año, "La Estirpe de los Argonautas" editó en Mérida, Galería de Espejos, una preciosa edición de poemas de Cruzeiro, al cuidado y traducción de Perfecto A. Cuadrado, que ya había publicado You Are Welcome to Elsinore. Poesía surrealista portuguesa, selección y traducción, Ediciones Laiovento, Santiago de Compostela, 1996.

Y no puedo dejar de mencionar a mi enciclopédico amigo, Xosé Antón Castro-catedrático, aventurero y marino- que escribió sucesivas veces sobre Cruzeiro y Cesariny. En aquella muestra conjunta de la Xunta de Galicia, 2010, y en otras circunstancias. Algún día tendremos que ocuparnos de que Antón Castro, ¡el auténtico!, deje de ser clandestino y airee la novela de su vida, su amor al mar y su



que ocuparnos de que Antón Castro, ¡el auténtico!, deje de ser clandestino y airee la novela de su vida, su amor al mar y su rigor determinante en el arte.

Cruzeiro adoraba a Mario Cesariny, le admiraba, le respetaba, incluso cuando estuvieron enfadados, no se hablaban, pero el respeto quedó intacto. Cruzeiro no daba importancia a nada de lo que hacía, poniendo siempre por encima de todo a O Mario. Y siempre que alguien refería algo de su poesía, él la situaba por debajo de la Mario. Y ese sistema se propagó y se ha convertido en una idea recibida, en un tópico, que precisa debate.

¡No desdeñen la poesía de Cruzeiro Seixas, es importante y luminosa! Su condición de secreta, su edición tardía -excepto Eu falo en chamas, 1986-, han rebajado u opacado su interés, lo que es absolutamente injusto. Sus pinturas son formatos breves, lo que no les resta interés, pero no alcanzan el misterio de su poesía; Edições Quasi publicó, en 2002, tres gruesos volúmenes de su poesía y otro está por salir. Ahora Porto Editora lanza una nueva edición de sus Poesías Completas. Si, era un surrealista integral, genial en sus objetos, pero eso no empecé la mágica belleza de su poesía ¡No la marginen, léanla y luego comenten, pero búsquenla con la pasión y sencillez con las que él la escribió! En 2012, la revista surrealista DERRAME, de Santiago de Chile, en su nº 8, dedicó un especial a la obra de Arturo Cruzeiro Seixas, "una de las figuras más importantes y señeras del surrealismo portugués", según la propia publicación chilena.

Participé en la presentación del Catálogo razonado de su obra seriada o múltiple, que tuvo lugar en el Centro Portugués de Serigrafía, Lisboa, cabe el Excmo. Sr Presidente de la República de Portugal, María João Fernandes, el autor y António Prates. Fue un acto memorable, pero aún lo fue mucho más la cena que siguió, en un bercito de enfrente, con unos cuantos amigos, y en la que Cruzeiro Seixas recitó a Camões, Lope de Vega, Pessoa, Cesariny...con una cabeza y un corazón deslumbrantes, ¡lo

apreciamos como un tesoro!

El 15 de noviembre, próximo pasado, el diario ABC publicaba una hermosa necrológica de Cruzeiro Seixas escrita por Juan Manuel Bonet, poeta y bibliógrafo de fuste, que sabe de sus libros y pinturas. Bonet conoce bien la obra de Cruzeiro y en doble vertiente de lusofonía, dominando los ambientes portugués y brasileiro. Cruzeiro está editado en Brasil.

Estas líneas responden a la petición de Carlos Cabral Nunes para el homenaje que Perve Galería ofrecerá a Cruzeiro Seixas, no

tienen otra pretensión que registrar estas relaciones con lo español, que es probable sean más, pero sólo puedo hablar de lo que conozco. Y la de celebrar la existencia de un ser maravilloso, que tuvimos la fortuna de conocer y disfrutar ¡Cruzeiro ha sido un milagro y los milagros son eviternos!

Tomás Paredes

Miembro de AICA

Madrid, 25 de noviembre de 2020



Cruzeiro Seixas (Portugal, 1920-2020)

Sem Título, n.d., circa 1952

Técnica mixta sobre papel., 31 x 22 cm, Ref.: CS162



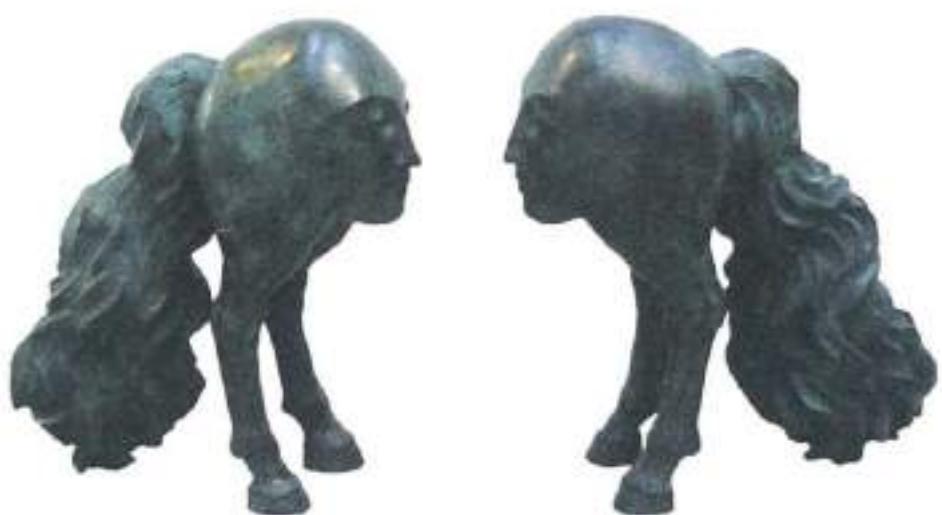
Cruzeiro Seixas (Portugal, 1920-2020)
Sem Título, n.d.
Tinta da china sobre papel, 17 x 13 cm, Ref:CS215
Coleção Maria Helena de Sousa Figueiredo



Cruzeiro Seixas (Portugal, 1920-2020)
Sem Título, 2001
Bronze, 83 x 49 x 49 cm, Ref: 231
Edição de 7 exemplares. 3 provas de artista (PA) e 2 provas do editor (HC) numeradas a romano
Coleção António Prates



Cruzeiro Seixas (Portugal, 1920-2020)
Sem Título, 1956
Tinta da china e têmpera sobre papel, 20,5 x 14,5cm, Ref.: CS129



Cruzeiro Seixas (Portugal, 1920-2020)
Silêncios Antiquíssimos, 1998
Bronze (2 peças), 36 x 33 x 13 cm (cada), Ref.: 220
Edição de 7 exemplares, 3 provas de artista (PA) (A e B)
Coleção António Prates



Cruzeiro Seixas (Portugal, 1920-2020)
Paisagem em preparativos de naufrágio, 1961
Tinta da china sobre papel, 49 x 39 cm, Ref.: CS240
Coleção António Prates



Cruzeiro Seixas (Portugal, 1920-2020)
Sem título, n.d.
Tinta da china e lápis sobre papel, 20 x 23 cm, Ref.: CS243
Coleção Pedro Bandeira Blanc



Cruzeiro Seixas (Portugal, 1920-2020)
Sem título, 1954
Guache sobre cartão, 39 x 25 cms, Ref.: CS248
Coleção António Prates



Cruzeiro Seixas (Portugal, 1920-2020)
Sem título, n.d.
Tinta da china e lápis sobre papel, 23 x 11 cms, Ref.: CS241
Coleção Pedro Bandeira Blanc



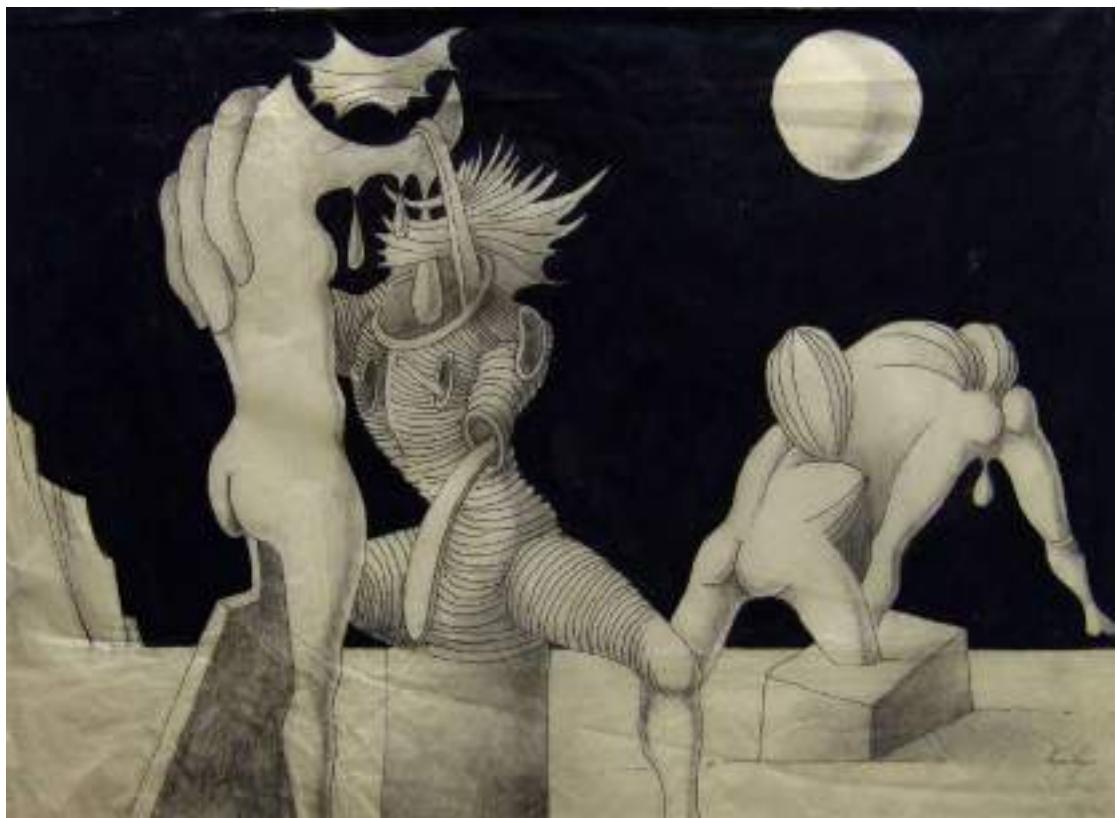
Cruzeiro Seixas (Portugal, 1920-2020)
Sem título, circa 1960
Tinta da china e lápis sobre papel, 30 x 42 cm, Ref.: CS246
Coleção António Prates



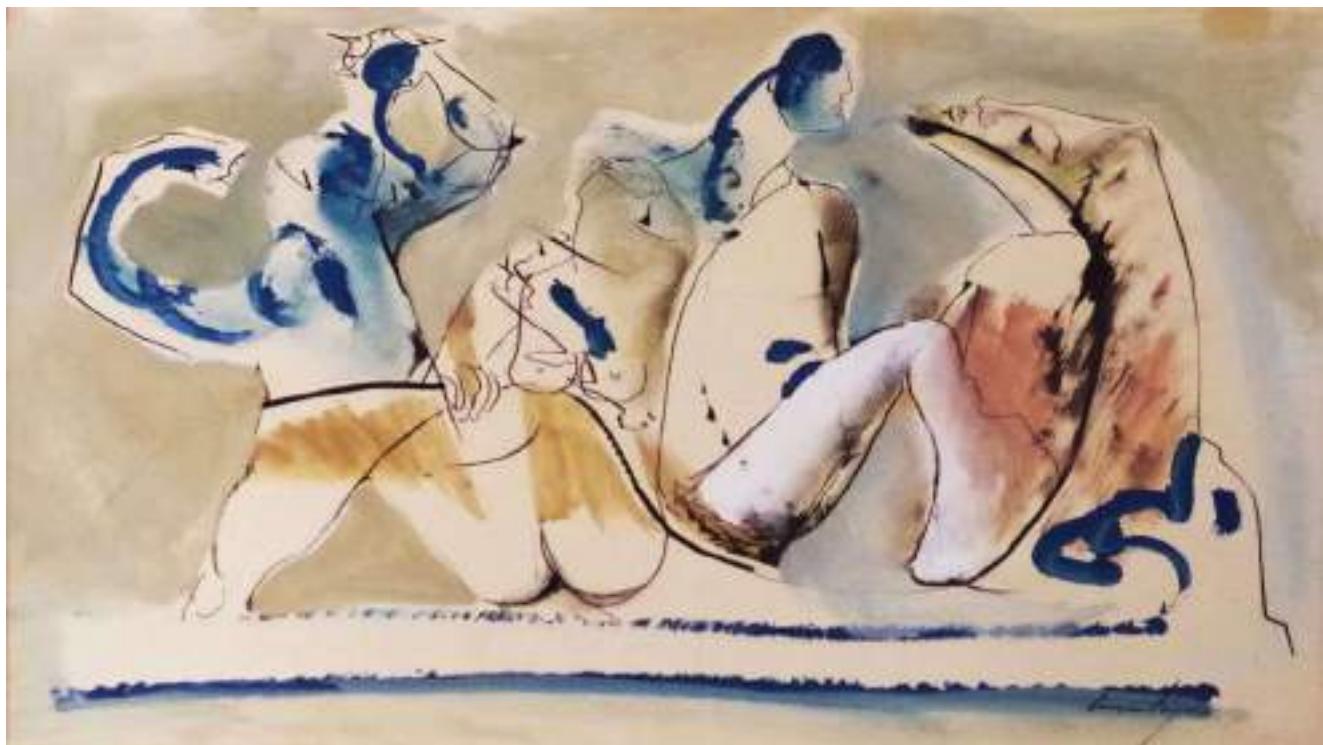
Cruzeiro Seixas (Portugal, 1920-2020)
...nascente das palavras e da poesia, n.d., circa anos 60
Têmpera e tinta da china sobre papel, 25,5 x 16 cm, Ref.: CS046



Cruzeiro Seixas (Portugal, 1920-2020)
Sem Título, 1952
Têmpera e tinta da china sobre papel, 23 x 22cm
Ref.: CS137



Cruzeiro Seixas (Portugal, 1920-2020)
Estudo para um desenho perdido, n.d. - circa 1950,
Tinta da china sobre papel, 29 x 39 cm, Ref.: CS119



Cruzeiro Seixas (Portugal, 1920-2020)

Sem título, n.d.

Têmpera e tinta da China sobre papel, 19,5 x 29,7 cm, Ref.: CS206

Coleção Maria João Bandeira de Campos



Cruzeiro Seixas (Portugal, 1920-2020)

As ilhas desconhecidas, 1970

técnica mista sobre papel, 62 x 70 cm, Ref.: CS250

Coleção António Prates

Solidão

ao Cruzeiro

Recusou-se a comer, a beber –
Desistiu de sonhar?
quem sabe –
entregou-se à aventura mais incerta.

Deixou tanto –
não nos despedimos.
Olhamos as paredes:
não estão brancas.
No horizonte
vemos o amigo –

Teresa Balté

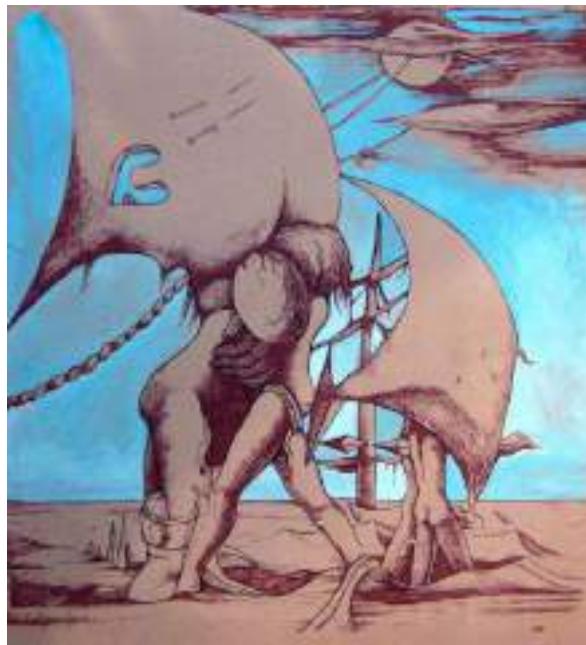
Lisboa, 8 de Novembro de 2020



Cruzeiro Seixas (Portugal, 1920)
Sem Título, n.d., circa anos 1980
Têmpera sobre papel, 13,5 x 21 cm, Ref.: CS171



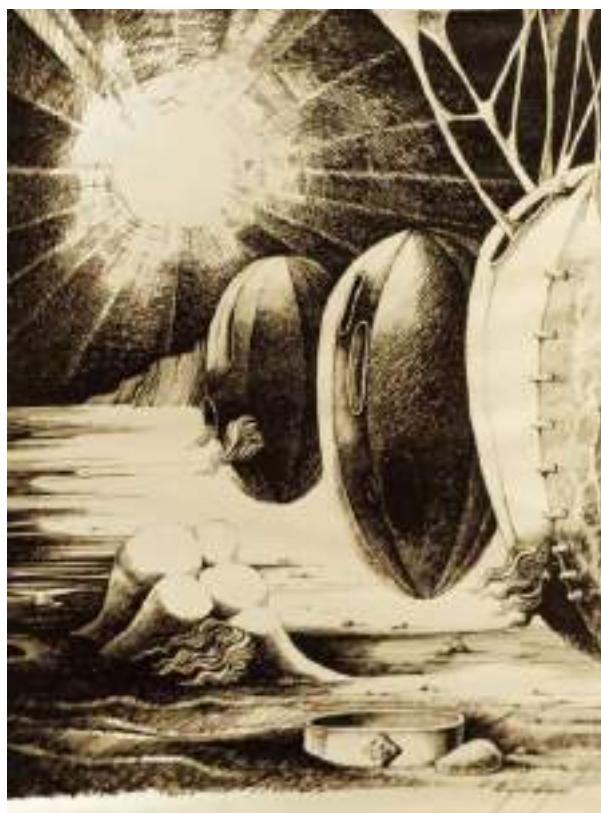
Cruzeiro Seixas (Portugal, 1920-2020)
Sem Título, n.d.
Tinta da china, caneta esfertográfica e tempera sobre papel, 22,7 x 23,7 cm, Ref.: CS205
Coleção Maria João Bandeira de Campos



Cruzeiro Seixas (Portugal, 1920-2020)
Sem Título, n.d. - circa 1960
Tinta da china e tempera sobre papel, 30,5 x 32,5 cm Ref.: CS122



Cruzeiro Seixas (Portugal, 1920-2020)
Sem Título, n.d. - circa anos 70
Tinta da china e têmpera sobre papel, 28 x 19 cm, Ref.: CS078

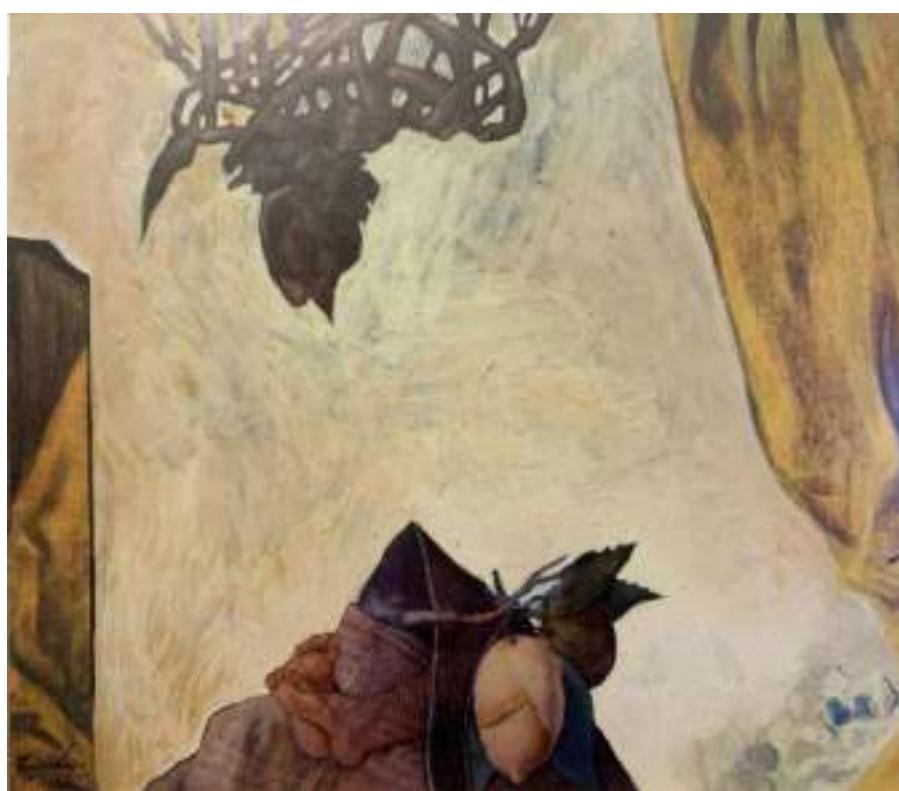


Cruzeiro Seixas (Portugal, 1920-2020)

Sem título, n.d.

Tinta da china sobre papel, 17,5 x 23 cm, Ref.: CS202

Coleção Frederico Blanc de Sousa



Cruzeiro Seixas (Portugal, 1920-2020)

Sem título, c. 1980

Técnica mista sobre papel, 15,5 x 19,5 cm, Ref.: CS203

Coleção Maria Helena de Sousa Figueiredo



Cruzeiro Seixas (Portugal, 1920-2020)
Sem Título, 1962
Óleo em cartão, 32,5 x 23,5 cm (oval), Ref.: CS166

Carlos Cabral Nunes: Para além da questão das exposições, havia também uma outra proposta. O Mário (Cesariny) dizia: "Proposta de transformação da Sociedade".

Cruzeiro Seixas: Ah, mas isso... Isso é uma coisa que está a acontecer e que aconteceu com a Revolução Francesa, que aconteceu também com a Implantação da República em Portugal, que aconteceu com os novos regimes como tem acontecido em Inglaterra, e na América, sendo que cada presidente faz uma nova América. Quer dizer que tudo isto realmente são situações que vão acontecendo, e que coisas muito brilhantes resultaram disso tudo? Resultaram realmente coisas muito esquisitas. Mas coisas que sejam grandiosas, aquilo que a humanidade precisava, está muito longe de acontecer. Da Revolução Francesa o que é que nos ficou? Do Comunismo na Rússia o que é que nos ficou? De todas esses grandes acontecimentos; do assassino da família real, daquilo o é que nos ficou? Quer dizer, umas tontices, bater com a cabeça nas paredes, não sei quantos, e pouco mais...

CCN: E o que é que o Artur quer dizer, quando afirma "Daquilo que a humanidade de facto precisava não ficou nada". Mas o que é que a humanidade de facto precisava?

CS: Nada não! Alguma coisa fica, mas pouco.

CCN: Mas o que é que precisava mesmo?

CS: Algo que você fala muitas vezes, nesse seu projeto de discurso (n. Ed. sobre a ação Artivista Cultural, realizada no dia 28 de Junho, onde foram vendadas, em Lisboa, 9 estátuas de figuras ilustres das artes e da cultura). Por exemplo: as pessoas respeitarem-se umas às outras, isto é, falando a linguagem mais fácil, pois é claro que, para além disso, há imensas dificuldades de toda a ordem, com a ciência, com os exércitos, com tudo isso; isso tudo são problemas gravíssimos a serem resolvidos. Como é que nós hoje estamos a manter exércitos em todo o mundo? Aqui em Portugal, por exemplo, como é possível que nós mantenhamos um exército?

Quer dizer: não temos dinheiro para comprar uma obra de Max Ernst que representa a Soror Mariana Alcoforado, mas temos dinheiro para comprar canhões? Quer dizer: os senhores todos cheios de condecorações e muito importantes a tomarem whiskey a toda a hora julgam-se no direito de ensinar um jovem de vinte anos a matar outro jovem de vinte anos. Isto pode ser? isto é intolerável, como é possível um jovem de vinte anos matar outro jovem de vinte anos? é uma coisa incrível... E por aí fora, tudo coisas deste género.

CCN: E acha que a arte e a cultura têm algum papel a desempenhar nessa transformação, ou pelo contrário, também já são só um adorno. Ou o que é que podem ser, ou o que é que deviam de ser?

CS: O nome que se lhes dá, é um nome. Entre muitos nomes que se dão, como cão, como gato, como relógio, como parafuso. Agora o que é, é claro. São nomes que transcendem tudo, e isso realmente é que não se vê que aconteça. Não se vê, onde é que está realmente o resultado da cultura. Há os senhores absolutamente geniais, é o nome que se lhes dá até, são geniais. E que fazem propostas, que fazem obras, que fazem coisas extraordinárias como foi todo o Surrealismo, com gente extraordinária e honesta, sobretudo. E o que é que se vê? Continua tudo na mesma, um bocadinho mais na mesma.

Há uma palavra que eu gosto muito: é a honestidade, e isso é muito difícil de exigir aos Homens, que sejam honestos. Honestos consigo mesmos, até. E as pessoas estão a aldrabar, consigo mesmas, constantemente. Pergunto-me se isso faz parte do ser humano, ou se é uma coisa que entrou em nós com a ideia de sociedade, de sociedade organizada.

Eu não tenho o dom da palavra, tudo isto são tontices, mas são coisas que me provocam uma grande raiva e um grande mal estar.

CCN: O que é que o faria feliz, agora que está quase a caminho dos 100 anos?

CS: Ah, bom... isso de caras, é que as pessoas se entendessem umas com as outras e que não andassem a guerrilhar, mas claro, não se vê nada. Esse caminho não se vê, não se vê anunciado, não se vê realizado, não se vê sequer pronúncios dele porque os Homens não querem, porque os Homens descobrem coisas como aldrabar, que é o que eles gostam mais de fazer uns com os outros, para terem mais um automóvel, para terem mais uma amante, mais uma casa na província, mais uma casa de fim-de-semana, enfim, são "ideais" como estes que preenchem a sociedade, infelizmente.

Excerto de entrevista a Cruzeiro Seixas, realizada no âmbito do ciclo de celebração dos 70 anos sobre a 1ª exposição de Os Surrealistas em Portugal, por Carlos Cabral Nunes, assistido por Mariana Guerra. Junho de 2019.



Cruzeiro Seixas (Portugal, 1920-2020)
Sem Título, n.d.
Gravura - prova de autor, 38,3 x 48,5 cm, Ref.: CS207
Coleção Maria João Bandeira de Campos



Cruzeiro Seixas (Portugal, 1920-2020)
Sem título, n.d.
Tinta da china, lápis e têmpera sobre papel, 17,5 x 23,5 cm, Ref.: CS208
Coleção Frederico Blanc de Sousa



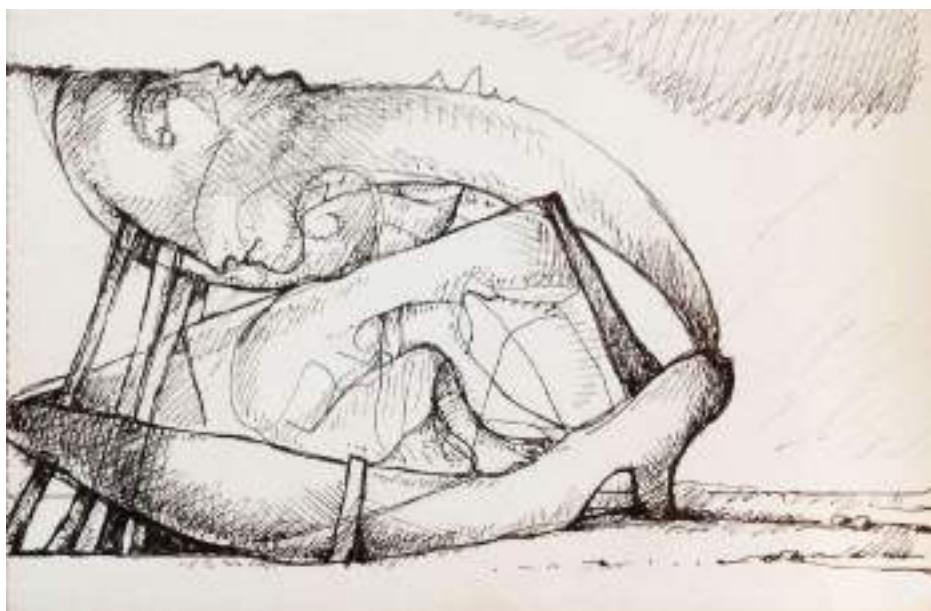
Cruzeiro Seixas (Portugal, 1920-2020)
Sem Título, n.d.
Técnica mista sobre papel, 21 x 29,6 cm, Ref:CS187



Cruzeiro Seixas (Portugal, 1920-2020)
Sem Título, n.d.
Técnica mista sobre papel, 42 x 59,5 cm, Ref:CS190



Cruzeiro Seixas (Portugal, 1920-2020)
Sem Título, 2000
Tempera e tinta da china sobre papel, 24,5 x 14,5cm, Ref.:CS049



Cruzeiro Seixas (Portugal, 1920-2020)
Sem Título, n.d.
Técnica mista sobre papel, 13,5 x 19,7 cm, Ref:CS195



Cruzeiro Seixas (Portugal, 1920-2020)
Sem Título, n.d.
Técnica mista sobre papel, 24,7 x 36, Ref:CS192



Cruzeiro Seixas (Portugal, 1920-2020)
Sem Título, n.d.
Técnica mista sobre papel, 54,7 x 67,7 cm, Ref:CS189



Cruzeiro Seixas (Portugal, 1920-2020)
Sem Título,
Técnica mista sobre papel, 21 x 29,6 cm, Ref:CS194



Cruzeiro Seixas (Portugal, 1920-2020)
Sem Título, n.d.
Técnica mista sobre papel, 32,5 x 42,7 cm, Ref:CS188



Cruzeiro Seixas (Portugal, 1920-2020)

Sem Título, n.d.

Tinta da china, lápis e tempera sobre papel, 17x 34 cm, Ref:CS209

Coleção Frederico Blanc de Sousa



Cruzeiro Seixas (Portugal, 1920-2020)

Sem Título, n.d.

Tinta da china, lápis e tempera sobre papel, 13,5 x 14,5 cm, Ref.: CS210

Coleção Frederico Blanc de Sousa



Cruzeiro Seixas (Portugal, 1920-2020)

Sem Título, n.d.

Tinta da china, caneta esferográfica e tempera sobre papel, 30,7 x 21 cm, Ref:CS204

Coleção Maria João Bandeira de Campos



Cruzeiro Seixas (Portugal, 1920-2020)

Sem Título, 2000

Bronze, 29 x 29 x 9 cm, Ref: 226

Edição de 7 exemplares. 3 provas de artista (PA)
e 2 (HC) numeradas a romano

Coleção António Prates



Cruzeiro Seixas (Portugal, 1920-2020)
Sem Título, n.d.
Técnica mista sobre papel, 20,5 x 28 cm, Ref:CS198
Coleção Carlos Cabral Nunes



Cruzeiro Seixas (Portugal, 1920-2020)
Sem Título, n.d.
Técnica mista sobre papel, 26,9 x 29,2 cm, Ref: CS197
Coleção Carlos Cabral Nunes



Cruzeiro Seixas (Portugal, 1920-2020)
Sem título, c. 1980
Têmpera e tinta da China sobre papel, 21 x 16 cm, Ref.: CS74



Cruzeiro Seixas (Portugal, 1920-2020)
Pequena homenagem ao Barão de Gilles de Rais Companheiro de Jeanne D'arc e meu, 1954
Tinta da china sobre papel, 33,5 x 22 cm, Ref.: CS126



Maria João

Envio-lhe este lembrete em sinal de muito simpatia e agradecimento pela sua presença naquela exposição da Andorra.

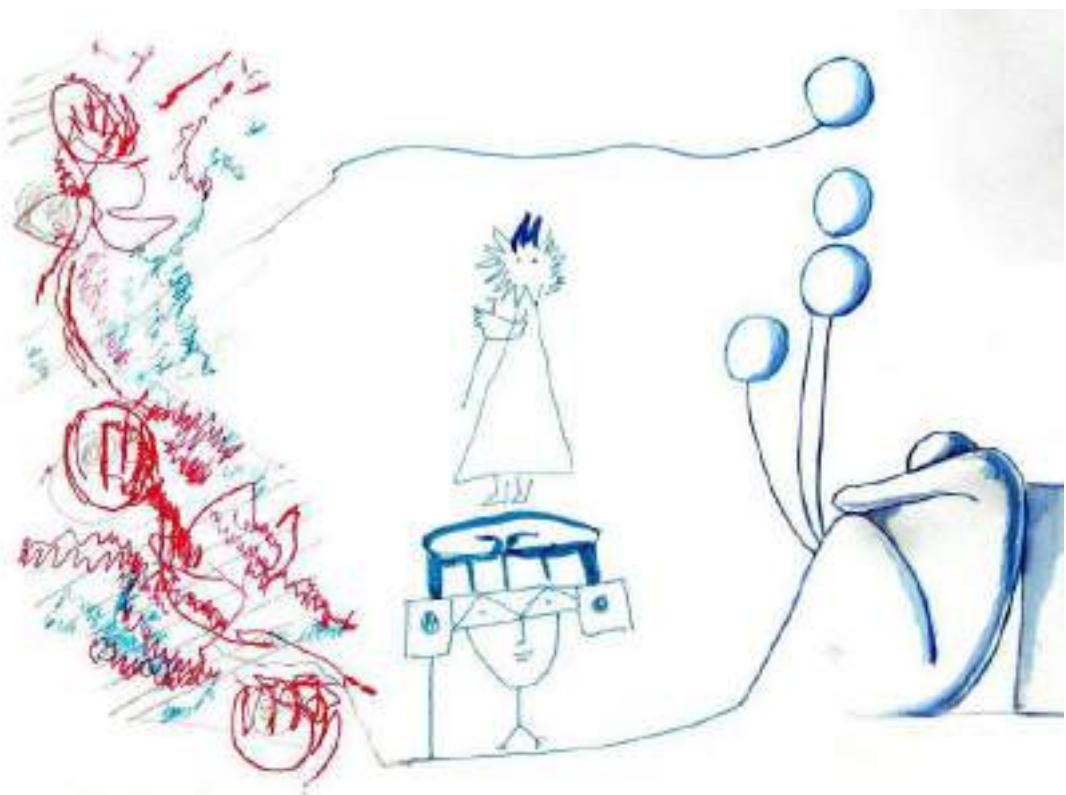
Dei-lhe com 5 anos e ali se instalou o Búzio fazendo tudo para que eu fosse enfei-
do. Agora surpreendentemente a filha que dirige o Pelourinho Cultura considera-me
insistente e desculpou-me de tanto excesso de Búzio. Assim tudo decorreu muito
melhor do que poderia esperar um velho enbugento como eu sou naturalmente.

Cruzeiro Seixas (Portugal, 1920-2020)

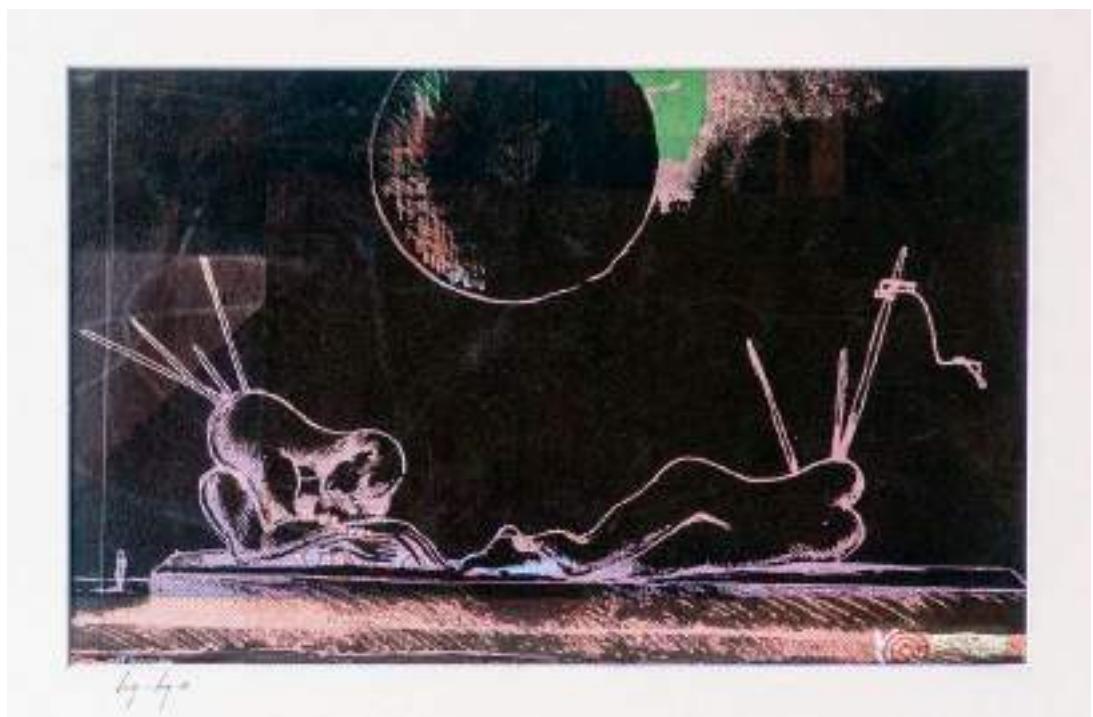
Sem Título, n.d.

Tinta da china e tempera sobre papel, 29 x 20,5 cm, Ref:CS217

Coleção Maria João Bandeira de Campos



Fernando José Francisco | Mário Cesariny | Cruzeiro Seixas
Núcleo Cadavre Exquis, 2006
Técnica mista sobre papel, 31,5 x 41 cm, Ref.: CESQ_C4



Cruzeiro Seixas (Portugal, 1920-2020)
Sem Título, n.d.
Técnica mista sobre papel, 33,5 x 44 cm, Ref:CS191



Cruzeiro Seixas (Portugal, 1920-2020)

Sem título, n.d.

Tinta da china sobre papel, 42 x 21 cm, Ref.: CS211

Coleção Frederico Blanc de Sousa



Cruzeiro Seixas (Portugal, 1920-2020)

Sem título, n.d.

Tinta da china sobre papel, 31 x 21,5 cm, Ref.: CS29

Coleção Aurora e Carlos Cabral Nunes



Cruzeiro Seixas (Portugal, 1920-2020)

Sem título, n.d.

Tinta da china sobre papel, 21 x 16 cm, Ref.: CS28

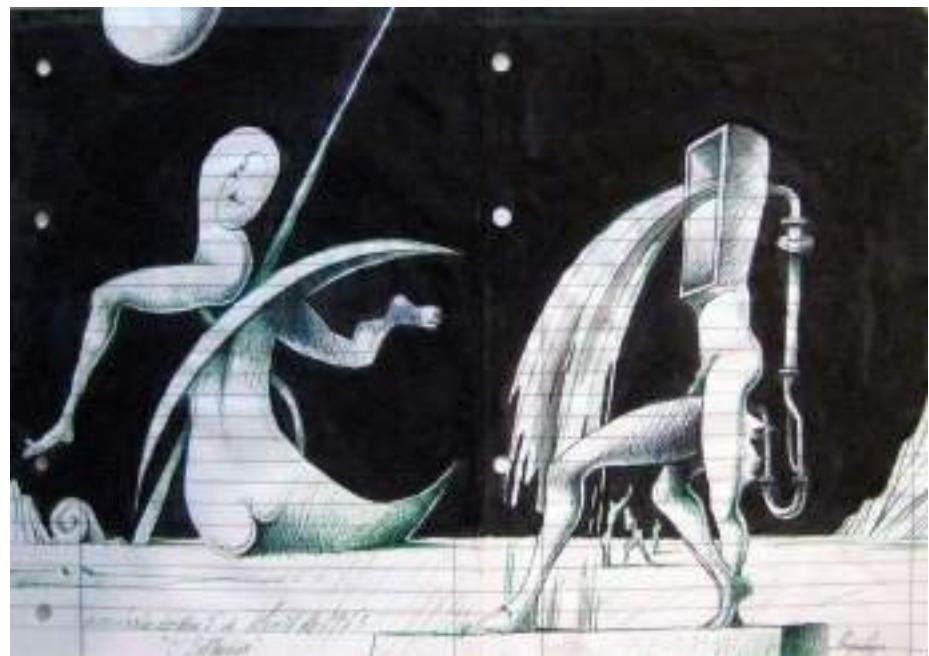
Coleção Aurora e Carlos Cabral Nunes



Cruzeiro Seixas (Portugal, 1920-2020)
Sem título, n.d.
Tinta da china e lápis sobre papel, 28,5 x 20,5 cm, Ref.: CS212
Coleção Maria Helena de Sousa Figueiredo



Cruzeiro Seixas (Portugal, 1920-2020)
Sem título, n.d. - circa anos 90
Tinta da china e tempera sobre papel, 26,5 x 16 cm, Ref.: CS75



Cruzeiro Seixas (Portugal, 1920-2020)
Sem Título, 2012
Técnica mista sobre papel, 14,8 x 21 cm, Ref:CS193

Obras de Homenagem a Cruzeiro Seixas



Eurico Gonçalves (Portugal, 1932)
Homenagem a Artur Manuel Cruzeiro Seixas com o Abraço do Eurico, 1970
Colagem e lápis de cor sobre papel, 72 x 37 cm, Ref.: EU28

“Artur do Cruzeiro Seixas deu longa vida ao surrealismo português. Os seus desenhos e objetos, nascidos da associação livre de elementos inesperados, continuam hoje tão irreverentes como quando foram criados. O ‘rei Artur’ deixou-nos, mas a sua obra seguirá sendo uma inspiração.”

Primeiro Ministro, António Costa
9 de Novembro de 2020 - in plataforma digital twitter



Javier Félix (Colômbia, 1976)
Homenagem a Cruzeiro Seixas, 2020
Dimensões variáveis, Ref.: JVF067

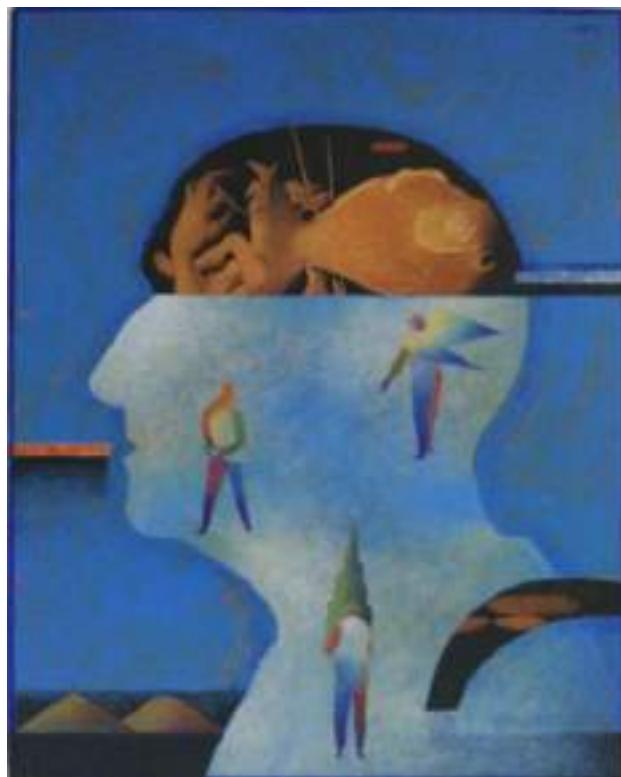
“Recebo com tristeza a notícia do falecimento de Cruzeiro Seixas, aos 99 anos. Decano dos artistas portugueses, Artur do Cruzeiro Seixas era o último dos surrealistas, movimento que integrou com Cesariny, Calvet ou Vespeira, e a que foi fiel, na arte e na vida, até ao último dos seus dias.

Tive a honra de o receber na Assembleia da República em 2018, por ocasião da Exposição “Arte, Resistência e Cidadania”, organizada pela Bienal Internacional de Arte de Cerveira nos 40 anos do certame, em cujo acervo se incluem obras de Cruzeiro Seixas, sem dúvidas um dos artistas que mais marcaram a evolução da arte contemporânea em Portugal.

O seu desaparecimento, a semanas de completar 100 anos, constitui uma enorme perda para Portugal e para as artes a nível internacional, ou não fosse o traço inconfundível de Cruzeiro Seixas o traço de um dos últimos surrealistas vivos.

Em meu nome e no da Assembleia da República, endereço à sua Família e Amigos as mais sentidas condolências.”

Presidente da Assembleia da República, Eduardo Ferro Rodrigues
8 de Novembro de 2020 - *in* portal digital parlamento.pt



Cruzeiro Seixas (Portugal, 1920-2020)

Sem Título, 2012

Técnica mista sobre papel, 14,8 x 21 cm, Ref: CS193



Cruzeiro Seixas | Alfredo Luz

Sem título- Cadávre-exquis, 2019

Técnica mista sobre papel, 12,5 x 9 cm, Ref.: CESQ_ALCS12

Coleção Alfredo Luz

100 imagens para Artur do Cruzeiro Seixas

É uma homenagem a Artur do Cruzeiro Seixas, no quadro do colectivo/plataforma artística Borderlovers¹. São 100 imagens que resultam de uma prática de atelier e vida muito grata a diversos artistas: o diário gráfico, embora neste caso, em folhas (de formato próximo do A4) soltas. Formal e tecnicamente recorre a técnicas de desenho, ilustração, pintura, e impressão mecanográfica. As sete ilustrações originais, feitas por mim, a acrílico e alusivas ao centenário do artista, foram impressas em múltiplas cópias, c-prints, que foram depois intervencionadas por mim e pelo meu amigo e colega Ivo Bassanti. Sob a curadoria do, provavelmente, maior especialista da obra de Cruzeiro Seixas e do surrealismo em Portugal, Carlos Cabral Nunes e em estreito e constante diálogo com ele, tomei a meu cargo a vertente iconográfica e relacional, com outros autores, obras e figuras. Ao Ivo coube a parte mais lírica e surrealizante, por via da sua figuração livre. O resultado é uma viagem visual, pela vida, obra e referências do poeta.

Escrevo este texto, uns dias antes da abertura da exposição “Construir 100 Nadas Perfeitos” e uns dias após a sua morte e a série ainda não está concluída. Não me apetece que esta viagem termine. A vida, obra e pensamento daquele que foi o “homem que pinta” constituem uma maravilhosa e fascinante confluência de sinais, presenças e intersecção de luzes criativas que se mistura com a história da arte e da literatura dos séculos XIX e XX e de todo o trajecto cultural da humanidade. Gostava de ficar mais tempo a revisitar e reinterpretar / remisturar esse(s) universo(s), através de exercícios diários de grafismo e pintura, em parceria com o Ivo e com o Carlos. Mas aproxima-se a data da festa dos 100 anos - é já no dia 3 Dezembro deste ano de 2020. Será em Lisboa e um pouco por todo o Portugal e Mundo. Mas no meu coração e no meu sonho, estas pequenas obras funcionam como 100 convites para uma outra festa, mais etérea e hiperbólica, uma enorme celebração, com 100 dos seus amigos e convidados especiais: só poderá ser no Palais Idéal de Facteur Cheval, arquitecto que Cruzeiro Seixas tanto admirava. Lá estarão o Carlos e o Nuno Espinho da Silva, O João e o António Prates, a Isabel Meyrelles e a Paula Rego, entre tantos outros. Mas acendam-se os candeeiros do palácio, André Breton e Madame Rrose Sélavy estão para chegar! uma vasta lista de seus notáveis pares quis estar presente, para festejar a importância de uma figura e autoria maiores. Natália Correia dirá poesia e Pablo Picasso fará pinturas com luz. De Chirico, Picabia e o Conde de Lautréamont estarão em animada conversa com Mário Botas, Pedro Oom, Vespeira e Mário de Sá Carneiro. Cesariny tocará piano e Man Ray fará belas fotografias, da festa do Rei Artur, fazedor de 100 nadas perfeitos e merecedor de 1000 tributos.



Projeto Borderlovers | Perve Galeria

Curadoria: Carlos Cabral Nunes

Artwork Pedro Amaral com a participação especial de Ivo Bassati

A festa do Rei Artur, 100 Nadas Perfeitos para Cruzeiro Seixas, 2020

Instalação, dimensões variáveis

Pedro Amaral - Mem Martins, 24 de Novembro de 2020

¹ Fundado, em 2017, por Pedro Amaral e Ivo Bassanti, a Borderlovers é uma plataforma colectiva artística, que tem como objectivo, neste momento de crise cultural e civilizacional, desenvolver uma prática criativa onde se insiram noções de esperança, espiritualidade, cura e pacificação universais. O projecto assume-se como ecuménico e defensor dos valores da integração dos povos, culturas e religiões e dos valores da democracia, igualdade social e defesa de todas as minorias. Tem desenvolvido, nos últimos três anos, diversas acções de celebração de obras e autores, sobretudo lusófonos, frequentemente em exercícios de relacionamento com obras e autores de outras expressões culturais e linguísticas.



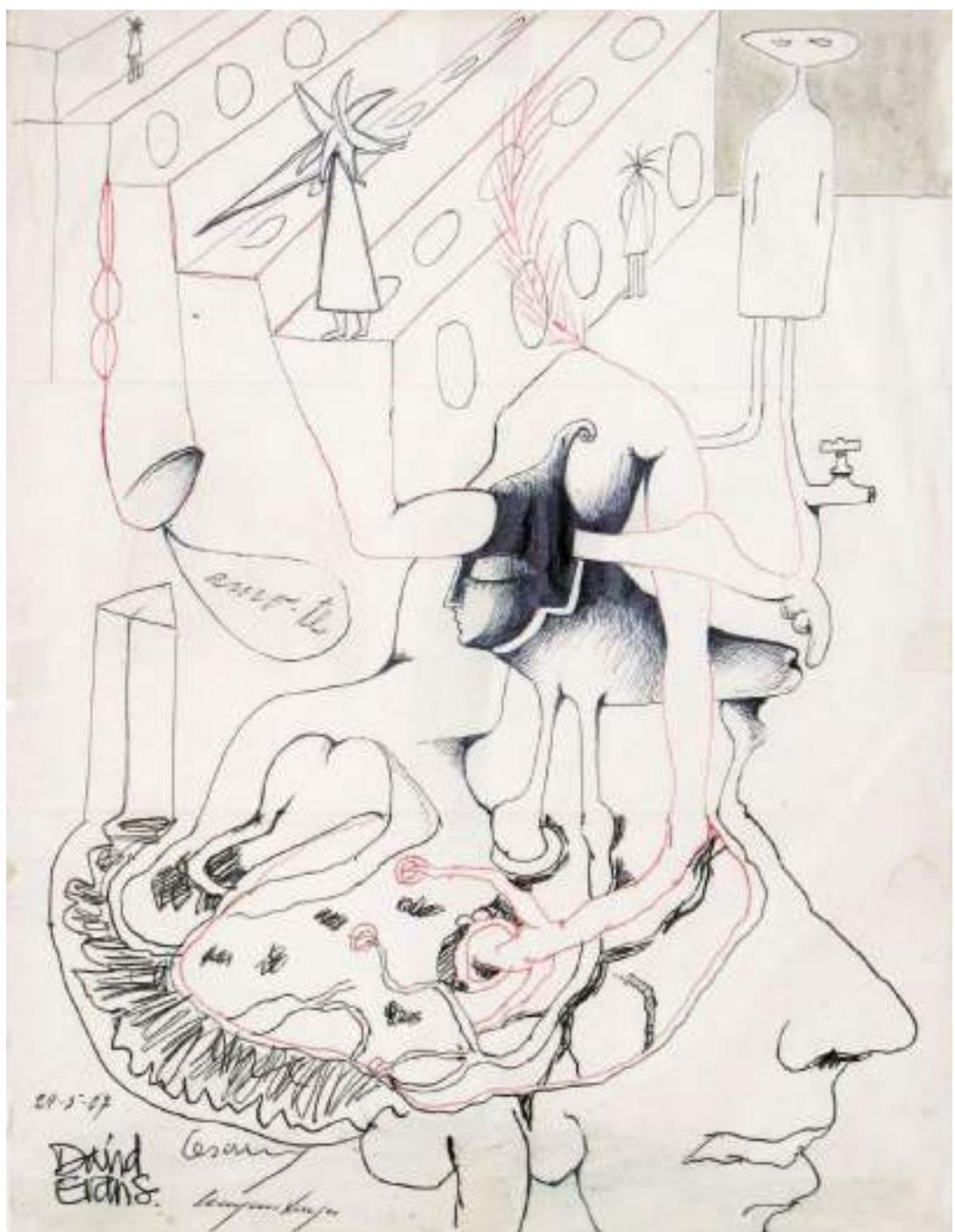
Projeto Borderlovers | Perve Galeria

Curadoria: Carlos Cabral Nunes

Artwork Pedro Amaral com a participação especial de Ivo Bassati

A festa do Rei Artur, 100 Nadas Perfeitos para Cruzeiro Seixas, 2020

Instalação, acrílico sobre c-prints, 100 folhas, 25 x 32 cm (cada)



Cruzeiro Seixas | Mário Cesariny | D. Evans
do Núcleo *Cadavre Exquis*, 1967
Tinta da china e esferográfica sobre papel, 27,5x 20,5 cm, Ref: CESQ_CSY_CS_DE

Núcleo Cadavre Exquis | Sociedade Nacional de Belas-Artes

Inauguração
3 de dezembro de 2020





Núcleo Cadavre Exquis | Sociedade Nacional de Belas-Artes

Obras do Núcleo Cadavre Exquis e outras obras colaborativas, patente até 30 de dezembro de 2020 na Galeria Fernando José Azevedo na SNBA



Cruzeiro Seixas | Gabriel Garcia

Sem Título, 2009

Tinta da china e aguada sobre papel, 21 x 50 cm, Ref.: CESQ_CSL_CS1

No Centenário de Cruzeiro Seixas

Companheiro desde a escola António Arroio de Cesariny, Vespeira, Pomar e Fernando Azevedo, Cruzeiro Seixas tem uma obra plástica intervventiva desde os anos 40, partindo da Sociedade Nacional de Belas Artes. Com o grupo de Cesariny e António Maria Lisboa, estabelece o Grupo Surrealista, cindido do primeiro grupo, de António Pedro.

Estabeleceu-se em Angola na década 50 e em 1953 expõe com o poeta Alfredo Margarido. Em Portugal, Bolseiro Gulbenkian em 1967, expõe na Galeria Bucholz, com a curadoria de Rui Mário Gonçalves e Pedro Oom. Estabeleceu-se no Algarve na década seguinte, sempre ligado à promoção cultural e ao surrealismo, a que se manteve fiel até ao fim: “Aquilo com que me envaideço é sair da vida tão pobre como quando comecei” [entrevista em 2019 com Fernanda Cachão]

Associado e amigo da SNBA, onde expôs em numerosas ocasiões, e em que se destaca uma retrospectiva em 1982, no Salão, ou a exposição “O Surrealismo Abrangente,” organizada pela Fundação Cupertino de Miranda / Centro de Estudos do Surrealismo, em 2005.

Aqui o recebemos, no seu centenário, assinalando-o agora para sempre.

João Paulo Queiroz, SNBA, Presidente da Direção - 25 de Novembro de 2020

Placas escultóricas, Jóias e Livros de artista



Cruzeiro Seixas (Portugal, 1920-2020)
Sem Título, 2010
Jóia em Prata e zircão - Prova Única, 7 x 9 x 1 cm
Ref.: CS164



Cruzeiro Seixas (Portugal, 1920-2020)
Sem Título, 2010
Jóia pregadeira em Prata e zircão - Prova Única, 7,5 x 4 cm
Ref.: CS165



Cruzeiro Seixas (Portugal, 1920-2020)
Sem Título, n.d.
Objeto interventional, 2,2 x 3,5 cm, Ref.: CS218
Coleção Maria João Bandeira de Campos



Cruzeiro Seixas (Portugal, 1920-2020)
Sem título, 2013
Ferro e alumínio, 11 x 20 cm, Ref.: CS N2



Cruzeiro Seixas (Portugal, 1920-2020)
Sem Título, 2013
Ferro e alumínio, 15 x 24 cm, Ref.: CS N6

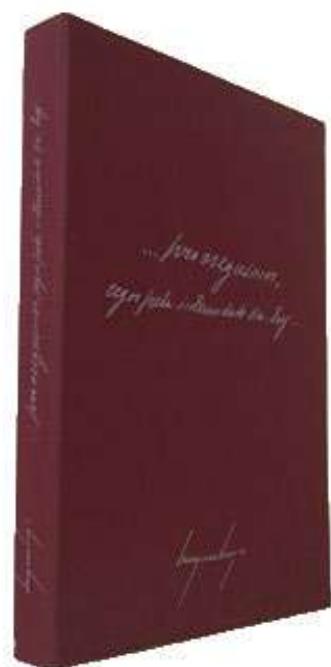
Livro-objecto artístico

Prosseguimos, cegos pela intensidade da luz
de Artur do Cruzeiro Seixas

“No dia 30 de Junho foi lançado no Porto um livro-objecto artístico, da autoria de Artur do Cruzeiro Seixas, intitulado, sugestivamente, “Prosseguimos, cegos pela intensidade da luz”. O lançamento decorreu na altura em que também ali inaugurou um pólo da exposição iniciada na antiga sala de projecções da Pathé-Baby, em Lisboa.

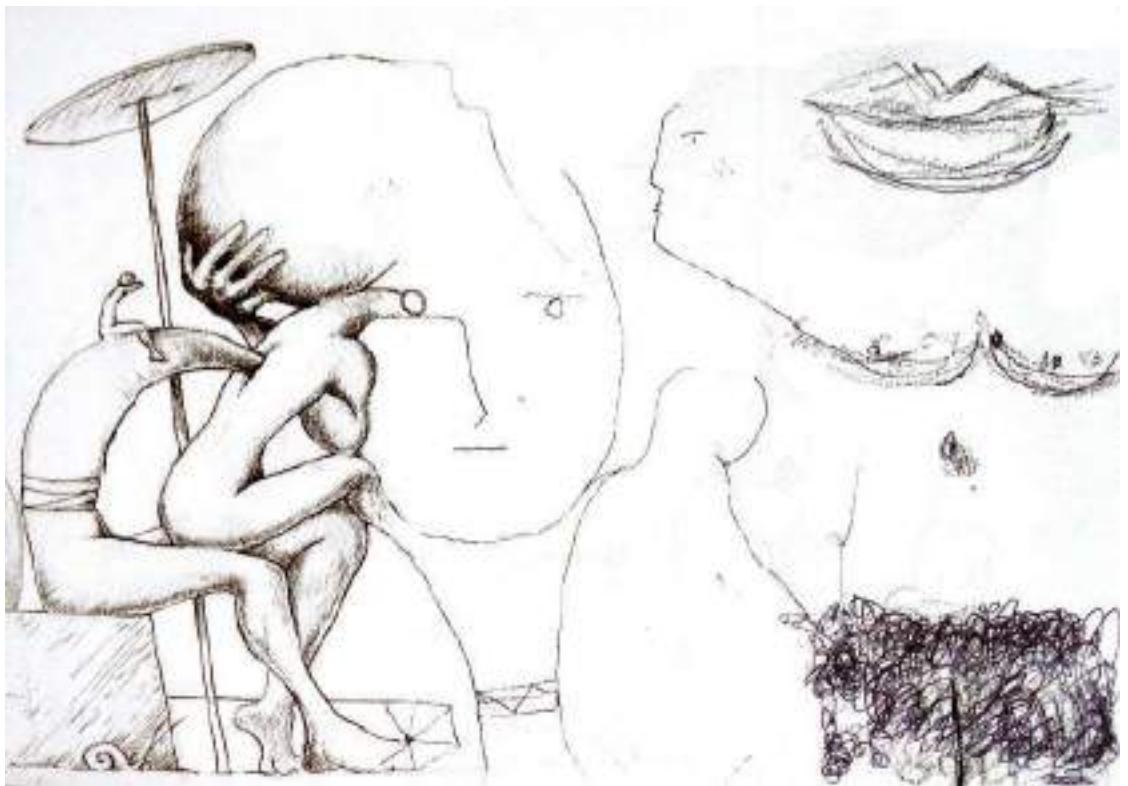
O livro foi também apresentado em Lisboa no auditório do Museu Colecção Berardo, no CCB, com a presença do autor. Acompanhou esta apresentação a exibição de um conjunto de filmes realizados, nos anos 50 do século XX por Carlos Calvet, também ele membro do Anti-Grupo Surrealista português”.

Carlos Cabral Nunes, 2009





Mário Cesarin | Cruzeiro Seixas | Fernando José Francisco
do Núcleo *Cadavre Exquis*, 2006
Técnica mista sobre papel, 31,5 x 41 cm, Ref.: CESQ_C1



Cruzeiro Seixas | Mário Cesarin | Fernando José Francisco
do Núcleo *Cadavre Exquis*, 2006
Técnica mista sobre papel, 25,5 x 35,5 cm, Ref.: CESQ_CS2

CRUZEIRO SEIXAS - O Amigo que nunca se esquece

“Alô Monsieur Breton! Commen ça và?!” Era este o código que utilizávamos para que Cruzeiro Seixas me identificasse ao telefone. O ouvido já não lhe obedecia como há cerca 38 anos, quando o conheci no atelier do Eurico, em Lisboa. Do outro lado, ele achava graça. Sorria sempre.

Monsieur Breton n'est plus la...

Pouco depois de o ter conhecido, cerca de 1982/83, refugiou-se no Algarve, em São Brás de Alportel, onde transformou um antigo curral numa maravilhosa casinha de campo, a sua “Caverna”, em homenagem a Dorothea Tanning, autora de uma litografia da sua Colecção, *La Caverne*. E foi com imenso prazer que a revisitámos por volta de 2004, então habitada por um casal de ingleses que nos receberam com imensa simpatia. Aqui se relacionou com os artistas e galeristas do meio, participando e desenvolvendo, como sempre, uma intensa actividade cultural.

Do Algarve regressou a Lisboa, para se alojar num amplo 3º andar da Rua da Rosa, no Bairro Alto. Sem elevador, subia e descia vezes sem conta aquelas escadas, e, quando saía, deixava o rádio ligado na música clássica “por causa da ladroagem”, sugerindo que havia gente em casa. Tanto eu como o Eurico tivemos o enorme privilégio de folhear os livros da sua fabulosa Biblioteca, muitos dos quais ele magistralmente intervencionava. Aí, admirámos a sua fantástica Colecção de obras, maioritariamente relacionadas com o Surrealismo, onde sobressaía um pequeno “cadavre-exquis” datado de 1936, da autoria de Breton, Tzara, Greta Knutson e Valentine Hugo.

Cruzeiro Seixas confessava com orgulho que todas as suas economias eram aplicadas em novas aquisições. Da sua Colecção destacam-se nomes, como: Ana Hatherly, Anne Éthuin, António Areal, António Domingues, António Quadros, Arpad Szenes, Jorge Camacho, Carlos Calvet, Carlos Eurico da Costa, Cavalcanti, Cesar Moro, Mário Cesarin, Dorothea Tanning, Eugenio Granell, Eurico, Giordano Bruno, Gonçalo Duarte, Hein Semke, João Rodrigues, Jorge Barradas, Jorge Vieira, José Escada, José Francisco Aranda, Jules Perahim, Júlio Pomar, Júlio dos Reis Pereira, Malangatana, Manuel d' Assumpção, Mário Botas, Mário Eloy, Mário Henrique Leiria, Max Ernst, Menez, Paula Rego, Philip West, Raúl de Carvalho, Raúl Perez, Rik Lina, Franklin e Penélope Rosemont, Saura, Sónia Delaunay, Teixeira de Pascoais e Victor Brauner, entre outros.

Na casa do Bairro Alto, a sala era confortavelmente decorada com gosto e com requinte. Os nichos das paredes, em tom marfim, exibiam fotos de família e de amigos chegados, que ele ia apresentando: A minha avó com o irmão...tem aqui a data...imagine, uma fotografia da minha avó menina, com 15 anos, parecia já uma velha! Havia inúmeras miniaturas herdadas da mãe, Maria Rita Andreia do Cruzeiro Seixas, bonecas de biscuit, caixinhas, brinquedos, pequeninas gavetas cheias de surpresas, um belo cinto de artesanato turco, em prata, que Cruzeiro Seixas usara em tempo de juventude, ou um pequeno copo, que assim recordava: O meu avô bebeu por este copinho, o meu pai bebeu por este copinho, o meu tio bebeu por este copinho, eu bebi por este copinho de prata, engraçado!

Ainda na sala, uma cama estreita e muito antiga, de madeira escura, servia de sofá. Tinha almofadas verde-garrafa, iguais à do cadeirão, que pedia conserto. A propósito, ele sorria dizendo: “Conserto? Já não vale a pena! Quero ir-me embora!” – Desejo que manteve durante mais de trinta anos!

Fascinava-me um conjunto de objectos, pequenas estatuetas e máscaras africanas sobre uma mesa com tampo de vidro. Uma delas pertencia a Henrique Galvão. Cruzeiro Seixas conhecia o seu significado. Este é um “gingongo”, fazem disto metido nos panos, para terem gémeos, imagine!

A “aventura surrealista” reabilita os rituais e a magia das artes e das culturas ditas primitivas. São conhecidas as Colecções de arte primitiva de Max Ernst, Lévi Strauss, Carlbach, Segredakis André Breton, Masson, Lam, Matisse, Picasso, e, em Portugal, de Cruzeiro Seixas, hoje na Fundação Cupertino de Miranda, em Famalicão.

O pintor fixou-se em Angola entre 1952 e 1964. A sua aventura por terras de África, “um amor inteiramente correspondido”, proporcionou-lhe o encontro com as raízes milenares dos “primitivos”, que inspiraram a realização de uma parte significativa da sua obra poética e plástica. Aí iniciou a sua Colecção de arte africana, posteriormente aberta aos povos da América latina, manifestando também uma grande paixão pela arte “naïf” do homem comum, da criança e do “louco”. Cruzeiro Seixas redescobriu na arte dita primitiva o seu significado profundo e espiritual, o fascínio e a nostalgia das imagens de um passado longínquo, que não se processa apenas por via do exotismo, mas também pelo imediatismo com que nos transportam para as quimeras, fábulas, superstições, e estranhas crenças, que o homem primitivo soube exprimir de forma tão tocante.

Cruzeiro Seixas odiava os mecanismos institucionais da Igreja e seu “pecado original” - “a noção mais infame da religião cristã”, nas palavras de André Breton. Nesta perspectiva, a sua obra evoca as admiráveis cenas orgânicas do “Jardim das delícias” de Jerónimo Bosch, precursoras do Surrealismo numa época em que os cristãos se dividiam entre a tentação e a “salvação”. Visionário e subversivo, o pintor quinhentista contribuiu para a desocultação de todo um processo mental obscurantista, ao abrir as portas do subconsciente. As “Tentações” são representações simbólicas que se relacionam com a temática artística da época. A vida dos santos, os “mistérios”, as “farsas” e os temas diabólicos, abrem definitivamente o caminho à interpretação alegórica do monstro, semi-humano, semi-animalesco, que confirma a ordem divina da criação. As alegorias e as metáforas medievais, as metamorfoses e as transformações, denunciam o homem “corrupto” e “pecador”. À beira da loucura, o “sonho” e a “visão” dão-nos a dimensão global do homem medievo: o sonho do heroísmo e do amor, herdado da cavalaria; a visão da morte, as emoções e os fantasmas. A fundamentação erótica e o recalcamento colectivo têm por base uma ética igualmente colectiva, baseada em normas e leis rigorosas, de que o erotismo não se compadece, ao exigir o prazer da transgressão. A época apresenta-se com um vivo sentimento do corpo e da sensualidade.



Cruzeiro Seixas (Portugal, 1920-2020)
Sem Título, 1999
Bronze (2 peças), 38,5 x 38 x 14,5 cm (cada), Ref.: 227
Edição de 7 exemplares, 3 provas de artista (PA)
e 2 provas do editor (HC) numeradas a romano (A e B)
Coleção António Prates

Perturbadora, visionária, nocturna, estranha e inquietante, a imagética simbólica, metafórica e metamórfica de Cruzeiro Seixas remete-nos para o universo boscheano. A tentação, o prazer delirante, a paixão sublime de sensuais copos juvenis erotizados; rochosas paisagens, áridas planícies, estranhas arquitecturas vazadas; imagética cenográfica de baixos horizontes, abismo e vertigem; o silêncio e o crepúsculo, a lua e o mar, a nau e a sombra, a noite e o raio, o clarão e o astro; o cavalo-homem e o homem-pássaro; a fechadura sem chave e a chave sem fechadura; o ritmo ondulante, silencioso e orgânico; o violino, a pena, o garfo, o aparo, o bastão e a bandeira; as criaturas híbridas, de pesadas asas que não voam; o ser colossal e o minúsculo ser em movimento, ou a monumentalidade ilusória no pequeno formato.

A nossa grande esperança é sermos expulsos do inferno, como fomos do céu (C. Seixas, Desaforismos).

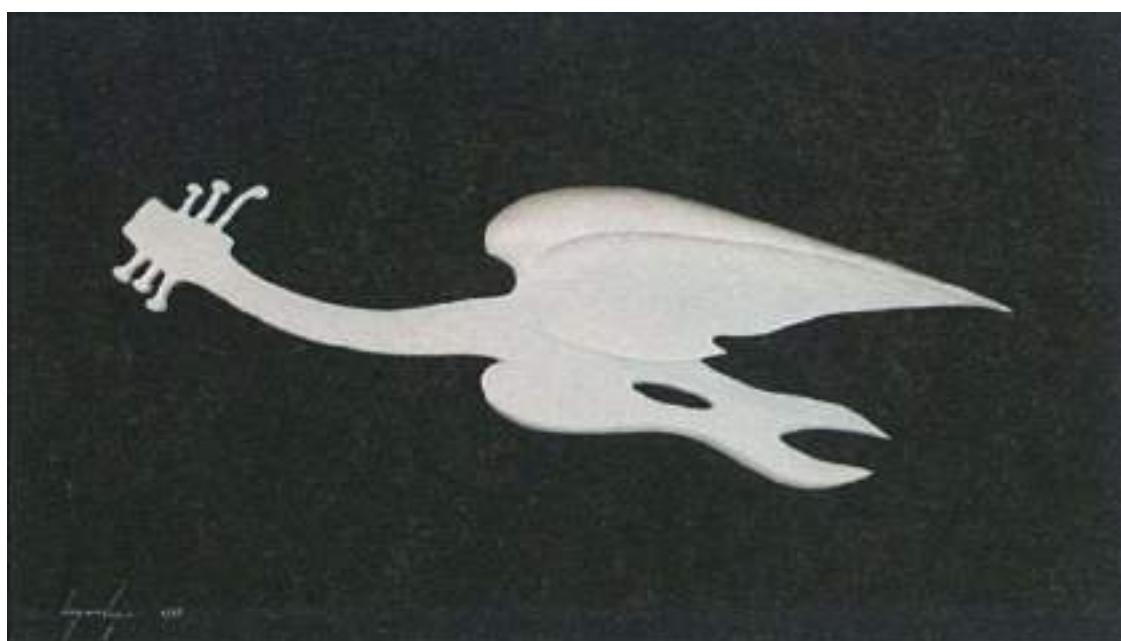
Por toda a parte há sonhos a empurrar outros sonhos para o abismo (Cruzeiro Seixas, A liberdade Livre, Lisboa, S.P.A., 2014).

Cruzeiro Seixas referia frequentemente as dificuldades económicas com que viveram os pais, que, no entanto, puderam contar sempre com a ajuda do filho, motivo porque nunca pode desenvolver actividade artística a tempo inteiro. Trabalhou nos mais variados ofícios, chegando a alistar-se na Marinha Mercante, experiência que lhe proporcionou importantes viagens, as quais, de outro modo não poderia ter realizado, em momentos mais difíceis. Nunca se serviu do poder instituído, nem mesmo nos últimos anos de vida, vivendo de forma bem modesta, sem o conforto e o desafogo que conquistara por direito!

Nunca pedi nada a ninguém e não vai ser agora que vou pedir!" - Dizia, com orgulho.

Desprezava a ganância do poder e do dinheiro, mais preocupado com a relação ética e humana com os amigos e com a vida. "Para que quero eu o dinheiro?" – Dizia, fazendo questão de lembrar a felicidade dos pais, apesar de tudo...

O sol é feito de delinquentes de delito comum, de gentes que não vêm biografadas em parte alguma e nunca vestirão ridículos fatos de bronze na Praça Pública. (C. Seixas in catálogo da exposição "Cesariny, Cruzeiro Seixas, Fernando José Francisco – e o passeio do cadáver esquisito", Perve Galeria, Outubro, 2006)



Cruzeiro Seixas (Portugal, 1920-2020)

Guitarra Alada, 1999

Escultura alto relevo em pó de pedra sobre base de madeira pintada, 35,5 x 60 cm, Ref. 219

Edição de 25 exemplares e 5 provas de artista (PA)

Coleção António Prates



Cruzeiro Seixas (Portugal, 1920-2020)
Sem título, 1999
Escultura alto relevo em pó de pedra sobre base de madeira
pintada, 50 x 60 cm, Ref.: CS235
Edição de 25 exemplares e 5 provas de artista (PA)
Coleção António Prates



Cruzeiro Seixas | Mário Botas | Fernando José Francisco
do Núcleo *Cadavre Exquis*, 2006 (assinaturas no verso)
Técnica mista sobre papel, 25,5 x 35,5 cm
Ref.: CESQ_CS_MB_FJF01

O Mestre do Surrealismo teve uma vida cheia de sensações e contradições. Com Mário Cesariny manteve uma relação de Amor / Ódio, não se cansando, no entanto, de exaltar o seu génio criador, que colocava num pedestal que ele próprio admitia não alcançar. “Era um tipo genial!” – afirmava, citando-o com admiração: Os bois puxam para a frente; os homens puxam para cima! E dizia de cor páginas e páginas da poesia de Cesariny, Teixeira de Pascoais, Mário de Sá Carneiro e tantos outros, que admirava. Todas as noites digo poesia. São as minhas orações! E a dele próprio, não a sabia de cor, curiosamente.

Em 1998, Cruzeiro Seixas comemorou, como já se tornara habitual, o aniversário do Eurico em nossa casa, onde lhe ofereci um pequeno livro (16,1x11,9x1cm de lombada) com 48 páginas, em papel reciclado, que “cobiçara”, em cima de uma mesa. Cerca de um mês depois, para grande espanto nosso, recebi-o na volta do correio, completamente intervencionado com desenhos, “desaforismos”, recortes de jornal, citações e textos poéticos, com a seguinte dedicatória: “Este livrinho volta à Dalila, agora mais completo, com a amizade do Cruzeiro Seixas”.



Cruzeiro Seixas (Portugal, 1920-2020)
Sem título, 2000
Bronze (2 peças), 175 x 75 x 35 cm, Ref: 230
Edição de 7 exemplares, 3 provas de artista (PA)
e 2 provas do editor (HC) numeradas a romano (A e B)
Coleção António Prates

O pintor não deixa de nos surpreender com a sua espantosa imaginação, humor e qualidade humana. Num recorte colado numa página deste pequeno livro, pode ler-se: Levará sete anos a chegar a Saturno. Na Terra houve mais um dia mundial da alimentação, durante o qual ficou a saber-se que há mais de 800 mil pessoas a passar fome, enquanto há dinheiro de sobra para a corrida às armas. E, mais adiante, acrescenta: Perante o panorama existente pergunto-me se ainda é legítimo alguém considerar-se surrealista neste 1997 aqui (...) perante o ensino que continua a ignorar os jovens dos bairros de lata e os do terceiro mundo, a mim me parece que seria preferível ter a coragem de correr o pano desta tragi-comédia...; Que é o meu nada, comparado com o horror que vos espera?" (citando Rimbaud); São em número muito superior aos que vendi, os desenhos e pinturas que dei, e é destas ofertas que tiro prazer; Na terra dos cegos, quem tem olho é Presidente da República...

Cruzeiro Seixas interroga-se sobre o papel social da Arte, que, à margem do sistema e contra o sistema, não abdica de valores éticos, estéticos e poéticos: Sim moral no hay Arte (evoca Saura); Será que muitos dos monstros sagrados do pensamento actual não passam de impostores? ; Ceux qui font les révolutions à moi, ne font que creuser leur propre tombeau (cita Saint Just); Que fazer, se cheguei a uma altura da vida em que os mortos me acompanham mais do que os vivos? O livrinho intervencionado por Cruzeiro Seixas integra ainda fotos e referências a autores seus amigos, vivos ou mortos (Mário Botas, Cesariny, Raúl Leal e Maria Helena Vieira da Silva), fotos das suas montagens objectuais e desenhos originais, frequentemente vinculados a Lisboa e a Portugal. É o caso de "Mar Português" (gaiola com um búzio), com a seguinte legenda: ...não preciso de um búzio, numa rosa ou num malmequer ouço o mar (...) um dos espectáculos mais belos desta minha Lisboa de há uns anos era ao fim da tarde o desembarque da "vedeta" vinda do Alfeite, cheia de marinheiros estilizados nas suas fardas, invadindo alegremente as ruas da baixa. Hoje não resta qualquer lembrança viva do mar nesta cidade. Se eu tivesse algum poder, organizava todos os dias este mesmo espectáculo, nem que fosse com figurantes..." E o pintor-poeta, nostálgico de um tempo que já não volta, continua: seria eu capaz de te amar tanto e com a mesma constância como amo a tua ausência? (...) Grave erro foi querer que os outros me amassem / sem eu me amar a mim mesmo...



Cruzeiro Seixas (Portugal, 1920-2020)
Sem título, 2000
Bronze (2 peças), 175 x 75 x 35 cm, Ref: 238
Edição de 7 exemplares, 3 provas de artista (PA)
e 2 provas do editor (HC) numeradas a romano (A e B)
Coleção António Prates

Recentemente, pouco antes de mais uma das múltiplas homenagens que lhe foram dedicadas, Cruzeiro Seixas escrevia-nos:

Amigos Dalila e Eurico / tudo mexe como se fosse novo, mas, afinal, trata-se de uma repetitiva mascarada. À falta de melhor, e com saudades vossas, aqui fica o abraço do, Rei Artur (20-03-2018).

Em Setembro do mesmo ano, seguiu-se a viagem que realizámos até Palma de Maiorca, para vermos uma anunciada exposição de Chirico. A visita estendeu-se à maravilhosa Catedral de Palma e à Fundação Pilar e Joan Miró, com a maior lucidez e entusiasmo do nosso Amigo. Viagem para sempre na nossa memória.

Mais recentemente, numa das últimas ocasiões em que almoçámos e passeámos junto ao mar, e a propósito do que íamos conversando, perguntei-lhe:

- Cruzeiro Seixas, o que é para si o “bom gosto”?
- Resposta imediata: “É uma árvore
- Uma árvore?
- Sim, uma simples árvore!

Assim era o nosso Amigo Artur Manuel de Cruzeiro Seixas. Foram quase 100 anos de uma personalidade inesquecível!

Dalila d' Alte Rodrigues - 27 de Novembro de 2020



Cruzeiro Seixas (Portugal, 1920-2020)
Sem Título, 1999
Bronze (2 peças), 38,5 x 38 x 14,5 cm (cada), Ref.: 227
Edição de 7 exemplares, 3 provas de artista (PA)
e 2 provas do editor (HC) numeradas a romano (A e
B)
Coleção António Prates

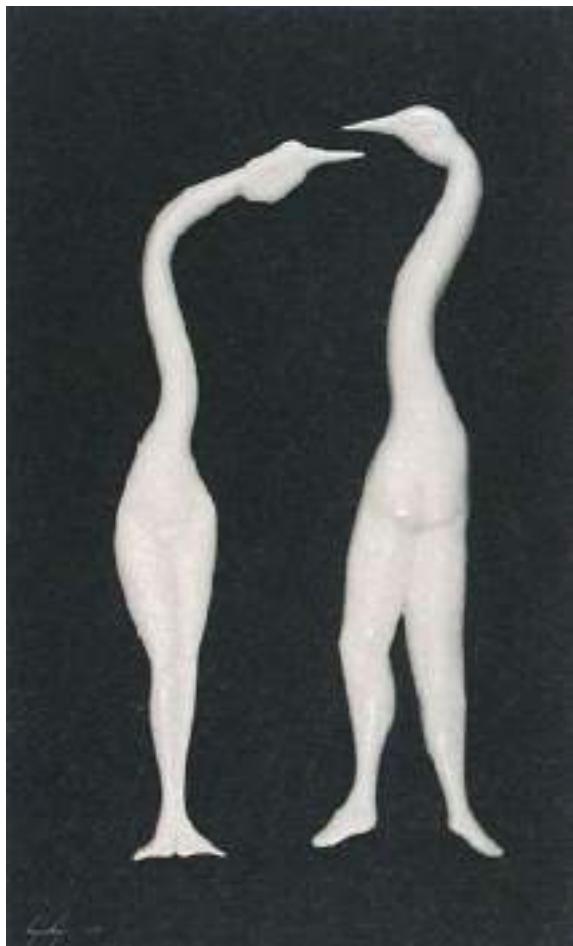
Liberdade em estado líquido

CS01: foi este o código de inventário que digitámos há talvez 20 anos quando expusemos pela primeira vez uma obra do Artur do Cruzeiro Seixas. Trata-se de uma obra icónica, datada de 1971, ano do meu nascimento e também do meu amigo e parceiro de aventuras artísticas, Carlos Cabral Nunes. Agora, é com enorme entusiasmo, apesar do desaparecimento físico do Artur, ainda muito recente, que no processo de preparação do ciclo de exposições do celebração dos 100 anos de Cruzeiro Seixas, inventariamos a obra CS250 que, com muitas outras vão dar corpo, daqui a poucos dias, a um momento que esperamos importante na divulgação, estudo e mais do que tudo de fruição, da obra de Cruzeiro Seixas. Muitas outras obras, para além destas, tive oportunidade de ver, quer em coleções privadas, exposições, catálogos em papel e on-line e, de uma forma geral todas elas geraram em mim uma forte emoção pelo efeito da permanente surpresa e encantamento que transportavam. Assim era também o Artur que conheci, uma pessoa apaixonada pela poética da vida, agindo e pensando segundo os gestos e processos surrealistas que o conduziam uma liberdade plena. Isso é de facto admirável! Talvez uma liberdade em estado líquido, tal como água, passando as mais estanques fronteiras, inundando tudo e todos. Que esse líquido de liberdade, lançado pelo Artur através da sua magnífica obra, consiga humedecer o nosso mais íntimo ser e então, após o prazer provocado por essa indelével sensação, possamos nele submergir para sempre!

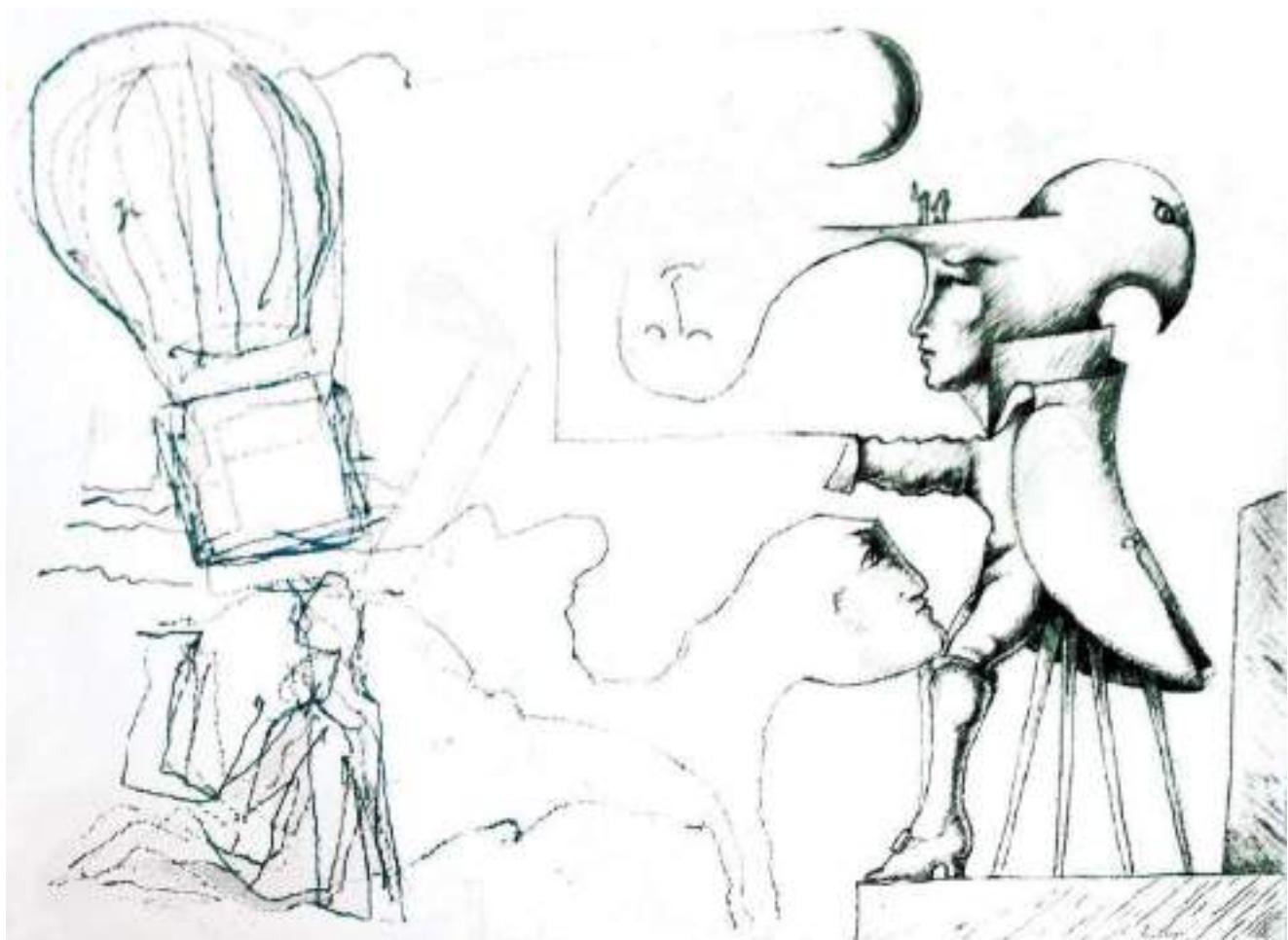
Nuno Espinho da Silva - Director executivo da Perve Galeria | Novembro 2020

Cruzeiro Seixas (Portugal, 1920-2020)
Sem título, 2000

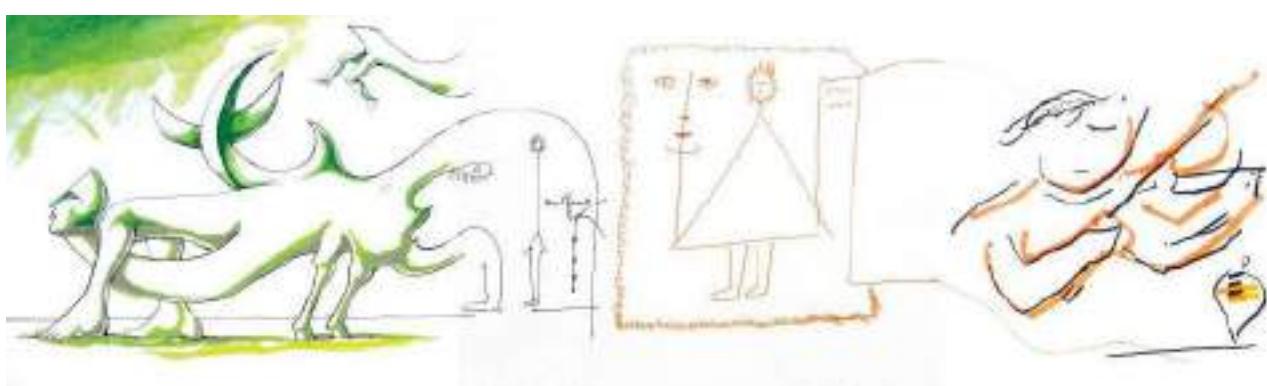
Escultura alto relevo em pó de pedra s/ madeira, 110 x 70 cm, Ref.: 236
Edição de 25 exemplares e 5 provas de artista (PA)
Coleção António Prates



Cruzeiro Seixas (Portugal, 1920-2020)
Austero, 2000
Escultura alto relevo em pó de pedra s/ madeira 90 x 54 cm, Ref.: 237
Edição de 25 exemplares e 5 provas de artista (PA)
Coleção António Prates



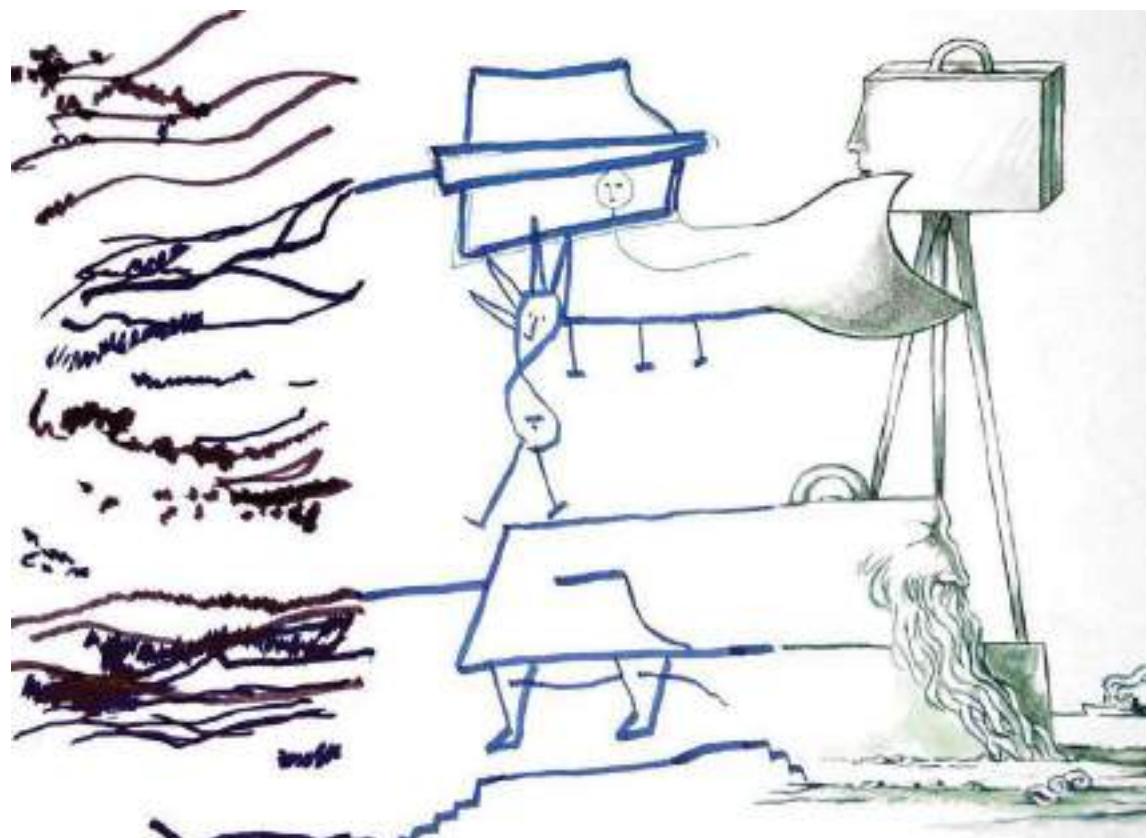
Mário Cesariny | Cruzeiro Seixas | Fernando José Francisco
do Núcleo *Cadavre Exquis*, 2006
Técnica mista sobre papel, x cm, Ref.: CESQ_CS1



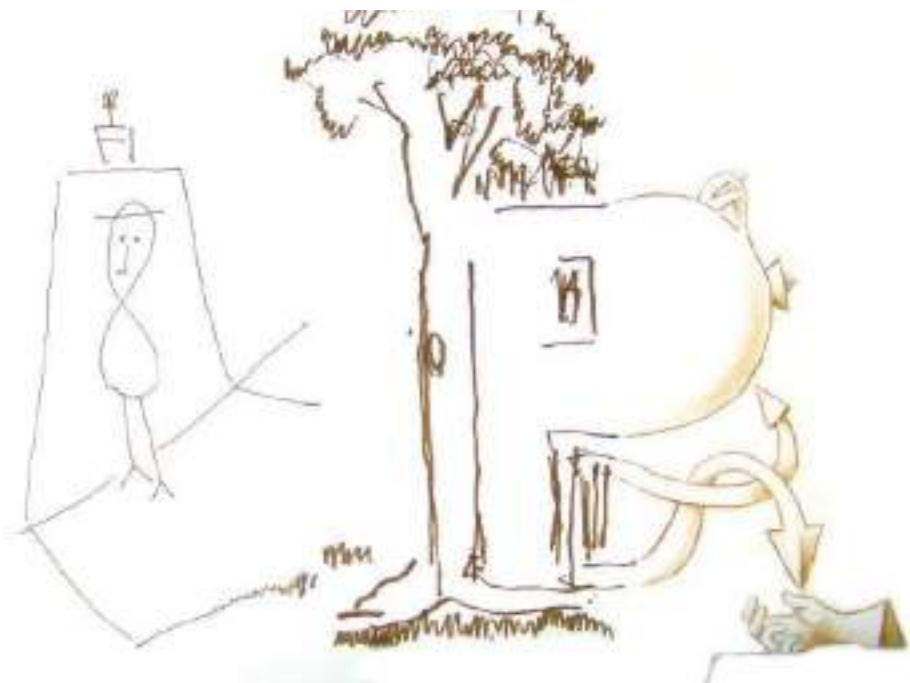
Cruzeiro Seixas | Mário Cesariny | Fernando José Francisco
Sem Título, 2006
Técnica mista sobre papel, 20x70 cm, Ref.: CESQ_CS4



Cruzeiro Seixas | Gabriel Garcia
Sem Título do Núcleo *Cadavre Exquis*, 2009
Tinta da china e aguarela sobre papel, 24 x 70 cm, Ref.: CESQ_CSL_CS2
Coleção Cabral Nunes



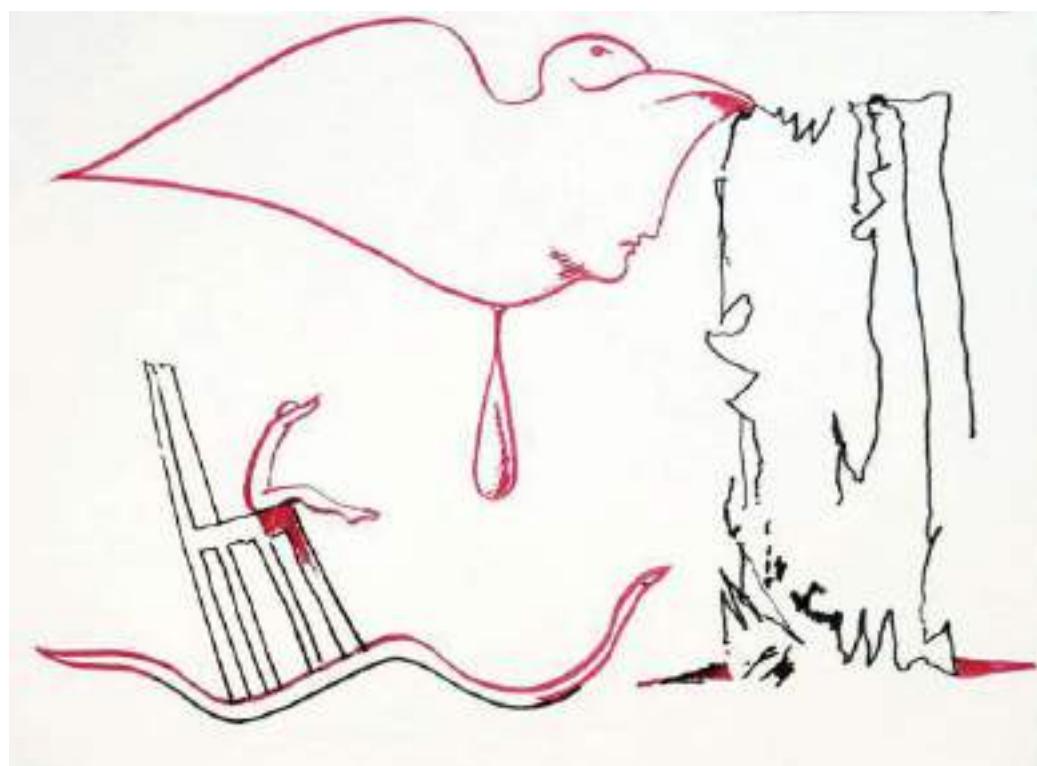
Fernando José Francisco | Mário Cesariny | Cruzeiro Seixas
do Núcleo *Cadavre Exquis*, 2006
Técnica mista sobre papel, 31,5 x 41 cm, Ref.: CESQ_C2



Mário Cesariny | Fernando José Francisco | Cruzeiro Seixas

do Núcleo *Cadavre Exquis*, 2006

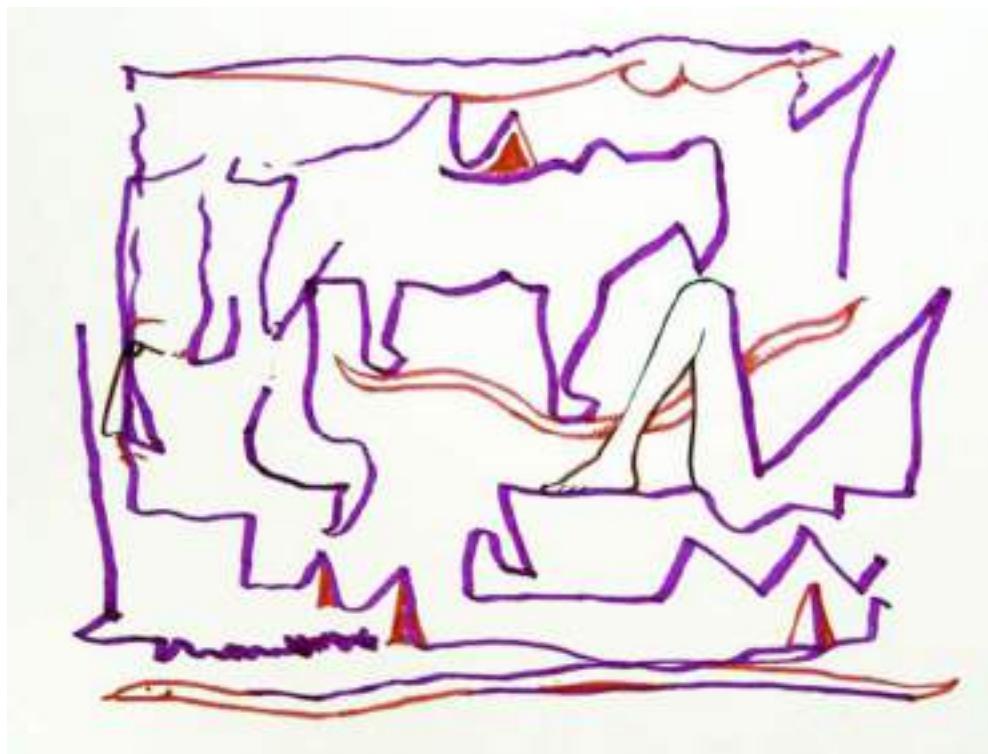
Técnica mista sobre papel, 31,5 x 41 cm, Ref.: CESQ_C1



Cruzeiro Seixas | Fernando José Francisco

As Descobertas, 2007

Técnica mista sobre papel, x cm, Ref.: CESQ_CSF1



Cruzeiro Seixas | Fernando José Francisco
Esperança, 2007
Técnica mista sobre papel, 24 x 30 cm, Ref.: CESQ_CSF2



Cruzeiro Seixas | Fernando José Francisco
Pescarias da Alma, 2007
Técnica mista sobre papel, 24 x 30 x cm, Ref.: CESQ_CSF2

Artur do Cruzeiro Seixas, l'alchimiste

Par *Françoise Py*

L'immense artiste surréaliste Artur do Cruzeiro Seixas (de son nom complet Artur Manuel Rodrigues do Cruzeiro Seixas Gose) vient de nous quitter le 8 novembre 2020. Né à Amadora le 3 décembre 1920, il avait presque cent ans et était resté merveilleusement actif. Il a vécu la dernière période de sa vie à la Casa do Artista (Maison des artistes) de Lisbonne. Il se définissait d'abord comme poète, fidèle en cela à André Breton pour qui la poésie englobait tous les arts. Au qualificatif « peintre », trop restrictif à ses yeux, il préférait celui d'"homme qui peint", comme il le confiait à son grand ami le galeriste Carlos Cabral Nunes. C'était en poète qu'il vivait, dessinait et écrivait. En poète surréaliste ! C'était non seulement un artiste exceptionnel mais aussi un homme d'une grande simplicité, très direct et très chaleureux, avec un sens aigu de l'amitié.

Parmi ses amis les plus chers, Carlos Cabral Nunes, artiste et galeriste, qui a beaucoup œuvré à sa reconnaissance par de nombreuses expositions, accompagnées de publications, et à qui Artur vouait un très grand attachement et une vive affection. Carlos emmena Artur à Paris, en 2019, retrouver la ville qu'il avait tant aimée et visiter l'exposition Miro. J'ai eu le plaisir de les revoir tous les deux à cette occasion. Mentionnons aussi l'amie de toujours, Isabelle Meyrelles, merveilleuse poète et sculptrice surréaliste, qui a traduit les poèmes d'Artur en français et l'a fait connaître en France. Ils ont réalisé des œuvres en collaboration, Isabel traduisant en sculpture les dessins. Artur a aussi illustré les poèmes d'Isabel. Ce furent soixante-dix ans d'amitié, de rencontres entre Lisbonne et Paris, de collaborations artistiques, d'échanges intellectuels et poétiques.

Les premières peintures surréalistes d'Artur remontent à 1942. Il n'a alors que 22 ans mais il a déjà trouvé ses formes d'expression privilégiées, l'art et la poésie, et son univers, le surréalisme, auquel il restera fidèle toute sa vie. En 1949, il participe à l'exposition du groupe

« Os Surrealistas » et rejoint le groupe des surréalistes portugais fondé par Mario Cesariny. Mario est un poète qui peint, Artur un peintre qui écrit.

Leur complicité est grande : Artur illustre le long poème de Mario Cesariny, *La Cité incendiée*, en 1965. Mario Cesariny révèle au public les poèmes d'Artur, jusque-là tenus secrets, qu'il publie en 1967.

Artur a touché avec un égal génie à toutes les formes d'expression : peintures, collages, assemblages, objets, poésie. Mais, fait exceptionnel, dans toutes ses créations, c'est un même univers poétique, réconcilié et unifié, où l'homme n'est plus le « point de mire de l'univers », selon le vœu d'André Breton. Un même paysage intime et illimité, proche et inaccessible, désert et vibrant de vie, peuplé de créatures post-modernes qui synthétisent tous les règnes - l'humain, l'animal, les minéraux et les objets inanimés - en de mystérieuses créatures chimériques. Le monde des apparences fait place au monde des apparitions.

Artur est surtout connu pour ses dessins, le plus souvent en noir et blanc, réalisés dans un état presque second, à la faveur de l'automatisme. André Breton avait défini le surréalisme comme « automatisme psychique pur ». Artur est, avec André Masson, l'artiste qui par excellence aura donné au dessin automatique sa pleine mesure. C'est véritablement un maître du dessin qu'il pratique avec une virtuosité rare. Un trait rapide, incisif, sans repentir.

Ses dessins à « la beauté convulsive » font parfois oublier les autres facettes de son art. S'il est le plus grand dessinateur que nous ayons eu depuis très longtemps, il ne faut pas oublier qu'il est aussi un coloriste hors pair qui a su jouer avec tous les médiums, toutes les matières : crayons de couleur, gouache, huile, papiers découpés ou déchirés mais aussi assemblages de cailloux, bois, petits objets divers. Il a ainsi réalisé un grand nombre de poèmes-objets dans lesquels les collages ou les assemblages intègrent des petites phrases,



Aldo Alcota (Chile) - 2020
Homenagem a Cruzeiro Seixas (pormenor)

comme en 1967 la fourchette arrangée sur un livre grand ouvert où l'on peut lire écrit en français sur le manche : « ce n'est rien d'aimer, il faut aussi être aimé ». Ou encore un assemblage de galets daté de 1954 intitulé Coup de foudre. L'usage du français n'est pas anodin. Il a un sens affectif très fort. C'est un hommage amical au pays qui a vu naître le surréalisme et d'où il a essaimé.

Artur a aussi réalisé de nombreux objets surréalistes où l'humour, la dérision, la tendresse sont portés à leur paroxysme. Ce sont des objets inutiles et saugrenus qui semblent rire d'eux-mêmes. Des objets d'humour noir. Ces objets surréalistes égalent les plus célèbres réalisations dans ce domaine. Il propose ainsi, en 1952, Mer portugaise. Cette petite cage en bois qui retient enfermé un coquillage apparaît comme un clin d'œil à celle que Duchamp avait réalisée en 1921 sous le titre Why not Sneeze Rose Sélavy ? Duchamp avait déposé dans une cage de métal cent cinquante-deux cubes de marbre blanc imitant des morceaux de sucre, un thermomètre et un os de seiche. Les éléments étaient associés librement sans lien sémantique. La subversion naît de l'absurde. Mais l'objet d'Artur renvoie également à une autre cage, celle peinte par Magritte en 1936 dans Les Affinités électives, qui, en fer et en bois tourné, renfermait un œuf la remplaçant entièrement. Artur se situe dans une dimension intermédiaire entre l'association libre pratiquée par Duchamp et l'association « nécessaire » opérée par Magritte. Il place dans la cage un coquillage, une sorte d'objet symétrique de l'oiseau. Le coquillage évoque non les airs mais la mer, il laisse entendre non un pépiement mais le bruit des vagues. Il serait du poisson la demeure naturelle, comme la cage la prison artificielle de l'oiseau. Un sens naît de l'association des deux éléments, la cage et le coquillage, que résout le titre Mer portugaise. Réalisée sous la dictature, Mer portugaise a une forte charge symbolique et subversive. Le titre est en français, comme pour mieux marquer le rattachement affectif au groupe de Paris.

Autre exemple : une tasse en porcelaine dont l'anse se présente à l'intérieur. Pas commode

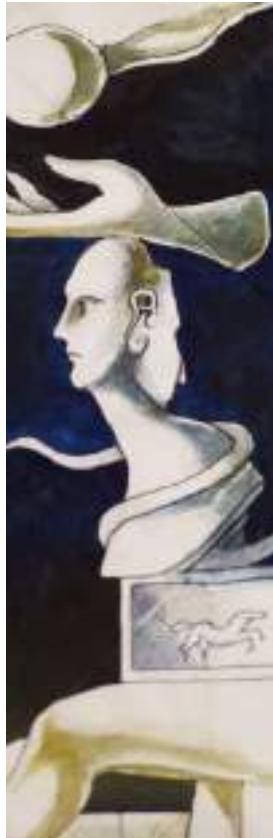
à utiliser ! La tasse disposée sur sa soucoupe s'intitule Le Quotidien (1954). Comment ne pas y voir une allusion à un autre Déjeuner, celui de Meret Oppenheim (1936), où l'intérieur de la tasse est recouvert de fourrure ? On pense aussi au fer à repasser de Man Ray, de 1921, dont la semelle est garnie de clous, intitulé Cadeau. L'objet, par un simple détournement, acquiert une nouvelle identité. Breton, dès 1924, avait proposé de mettre en circulation des objets apparus en rêve : « traquer la bête folle de l'usage », préconisait-il. Dans ces objets règne le non-sens cher à Lewis Carroll, le nonsense, le paradoxe à l'état pur.

Parallèlement à son œuvre plastique, Artur a toujours pratiqué la poésie. Son écriture est épurée comme l'est son dessin. On y trouve le même univers visionnaire et une même pratique de l'automatisme et de la libre association d'idées. Tandis que le tracé continu de la main agrège les éléments graphiques en une figure composite en perpétuelle métamorphose, l'écriture concise fait se télescopier les images. De ce choc naissent des transmutations. Ce sont des visions comparables que l'on retrouve dans les textes et dans les dessins : heurts des images verbales, fusion des éléments plastiques.

Dans les dessins, on trouve des créatures hybrides ou androgynes, à tête de cheval, crinières échevelées, pattes au galbe élégant. Ces chimères ne sont pas sans évoquer Pégase, le cheval ailé, né du sang de Méduse, dont la présence, occulte ou manifeste, hante son œuvre.

L'atmosphère est brûlante et glacée. La tendre fusion des éléments se déroule sous la menace d'une lame de couteau. Même hantise de la castration ou de la dévoration dans les poèmes et dans les dessins. Artur évoque : « les dents acérées de l'horizon » ou encore un cri qui « comme une pierre coupe l'espace ». Dans les poèmes, « les paroles se dévorent mutuellement ».

Son trait découpe la forme comme le ferait les ciseaux d'un chirurgien. Si le dessin est coupant, c'est pour mieux traduire une vision de sculpteur que nous livrent aussi les poèmes :



« Le néant est sculpté avec lenteur » [O nada é esculpido lentamente] et ailleurs : « C'est que la main troublante du sculpteur libère et cisèle le brouillard ». [É ai que a mão do escultor liberta e trémula perfaz o nevoeiro.] Des banquises aiguisees, des icebergs biseautés servent de théâtre à un monde transparent et aigu comme un cristal :

Au-dessus des cimes les plus hautes
aux arêtes coupantes
construis des palais et des forteresses
sur le tranchant d'un couteau.
Por sobre os cumes mais altos
e cortantes
constroi palácio e fortalezas
No gume de uma faca
Ce monde en glaciation est
paradoxalement ardent. L'artiste
cisèle la glace, mais en lui couve un
feu brûlant :
Des flammes, je suis le frère,
le cousin, le fils, l'amant.
E das chamas sou eu irmão e primo
filho e amante.
L'association du feu et de la glace
(ou du cristal ou du miroir) lui est
familière :
Par mille guérites
avec leurs lustres de cristal.
Ô machines incendiaires
Por mil guaritas
com os seus lustres de cristal.
Oh maquinas incendiarias
[...]
et des figures qui brûlent à l'ombre
des jardins
vert bleu
se reflètent dans le miroir transparent
e figuras incendiadas na sombra dos jardins
verdes azuis
reflectem-se no espelho transparente

Sile feu rejoint la glace, c'est que l'image surréaliste, qui a pour ambition de réconcilier les contraires, agit comme un transformateur d'énergie, un principe alchimique. Insolites et arbitraires par essence, les libres associations révèlent l'ordre caché de la matière.

Flamme et neige se trouvent déjà chez Breton, dans L'Air de l'eau : « Ta chair arrosée de l'envol de mille oiseaux de paradis / Est une haute flamme couchée dans la neige. » Pour les grands romantiques, et les surréalistes à leur

suite, le surnaturel est inclus dans le naturel, le réel est peuplé d'âmes. Les arbres s'adressent directement à Artur, il apprend d'eux les lois de l'univers :

Toutes les forêts m'ont confié
que la nature
est toujours surnaturelle.
Todas as florestas me disseram
Que a natureza
E sempre sobrenatural.
[...]

qui peut assurer que ces pierres
ne sont pas des âmes ?

Il est en communion avec les esprits
de la nature, minéraux, végétaux ou
animaux par toutes les parcelles de
son corps :

Mais regarde ces veines qui me relient
aux oiseaux
même coupées, elles chantent !
Mas olha as veias que me ligam às aves
que cortadas ainda cantam !
Cette fusion des contraires, de la
vie et de la mort, de la douleur et
de l'allégresse, a fait dire à Edouard
Jaguer : « l'art de Cruzeiro Seixas est
une blessure qui chante ».*

* S'il reste encore beaucoup à faire pour que les surréalistes portugais acquièrent enfin une pleine reconnaissance en France, il faut souligner le rôle majeur qu'ont joué, en complicité avec Isabel Meyrelles, des personnalités de premier ordre comme Edouard Jaguer, poète, plasticien, critique d'art, commissaire d'exposition et fondateur, avec sa femme Anne Ethuin, de la revue internationale Phases (1954-1975) et du mouvement Phases qui se prolongea jusqu'à sa mort, en 2006.

De même Jacqueline Chénieux Gendron, historienne du surréalisme, a au sein de la revue Pleine marge qu'elle a fondée et dirigée (1985-2009), également œuvré pour faire connaître les surréalistes portugais en France. Le n°42, de décembre 2005, consacre un dossier complet à trois d'entre eux : Artur Cruzeiro Seixas, Isabel Meyrelles et Raúl Pérez. Tous les poèmes du volume ont été traduits par Isabel Meyrelles.

Les poèmes cités ici sont tirés du volume III (2004) de la Poesia Completa d'Artur, éditées par Isabel Meyrelles (Famalicão, Quasi Edições), et repris dans le n°42 de Pleine Marge avec une traduction d'Isabel.





Cruzeiro Seixas | Valter Hugo Mãe
do Núcleo *Colaborativa.mente*, 2018
Técnica mista sobre papel, 50x71 cm, Ref.: CSVHM_003

A vida leva-nos a caminhos que muitas vezes nem imaginamos que possam ser considerados como escolhas. E quando finalmente decidimos dar esse passo em frente, é raro sabermos as proporções e o impacto que vão ter nas nossas vidas.

Lembro-me da insegurança que tive em aceitar a proposta para trabalhar com o Artur.

Temia o peso da responsabilidade dessa escolha e se na altura soubesse quem era o Mestre Cruzeiro Seixas, tenho a certeza que teria recusado. Estava no início da minha atividade profissional e pensava estar aquém das minhas capacidades.

Sempre nutri algum fascínio e curiosidade pela arte de pintar. De modo que esse argumento e a insistência da antiga secretária, a sua querida Inês, convenceram-me a aceitar tal aventura. E assim deu-se o início de um dos episódios mais bonitos e marcantes da minha vida.

O trabalho rapidamente ganhou outra conotação, sendo dos poucos momentos que tinha para zarpar da realidade. O Artur tornou-se num lugar de refúgio da confusão que existia fora do seu quarto. E o seu quarto, apesar de também ser uma completa confusão (!), era um lugar único, onde cabiam todos os mundos i(ni)magináveis, onde todos os sonhos estavam ainda por concretizar. O pensamento tinha toda a liberdade, tanto quanto possível a liberdade pode ser (dizia).

É destruidora esta consciência bruta de que tudo é finito, principalmente o que nos traz mais felicidade. No entanto, o Artur conseguiu eternizar-se em cada pessoa que conheceu e partilhou as suas histórias intermináveis, os seus mundos ideais, a sua liberdade desejada e os seus infinitos sonhos intemporais, ora por palavras, ora por pinceladas.

Foi um prazer ter sido os seus olhos, as suas mãos, os seus ouvidos e, já quando as forças não o permitiram, a sua voz. Não caberá nunca em mim a felicidade que foi, neste obscuro mar de incertezas que é a vida, onde todos andamos à deriva em procura de um rumo e sem nunca saber para onde a maré nos arrasta, ter ido ao encontro de uma pessoa tão genial, humana e sensível como o Artur. Lembrarei para sempre a nossa bonita amizade.

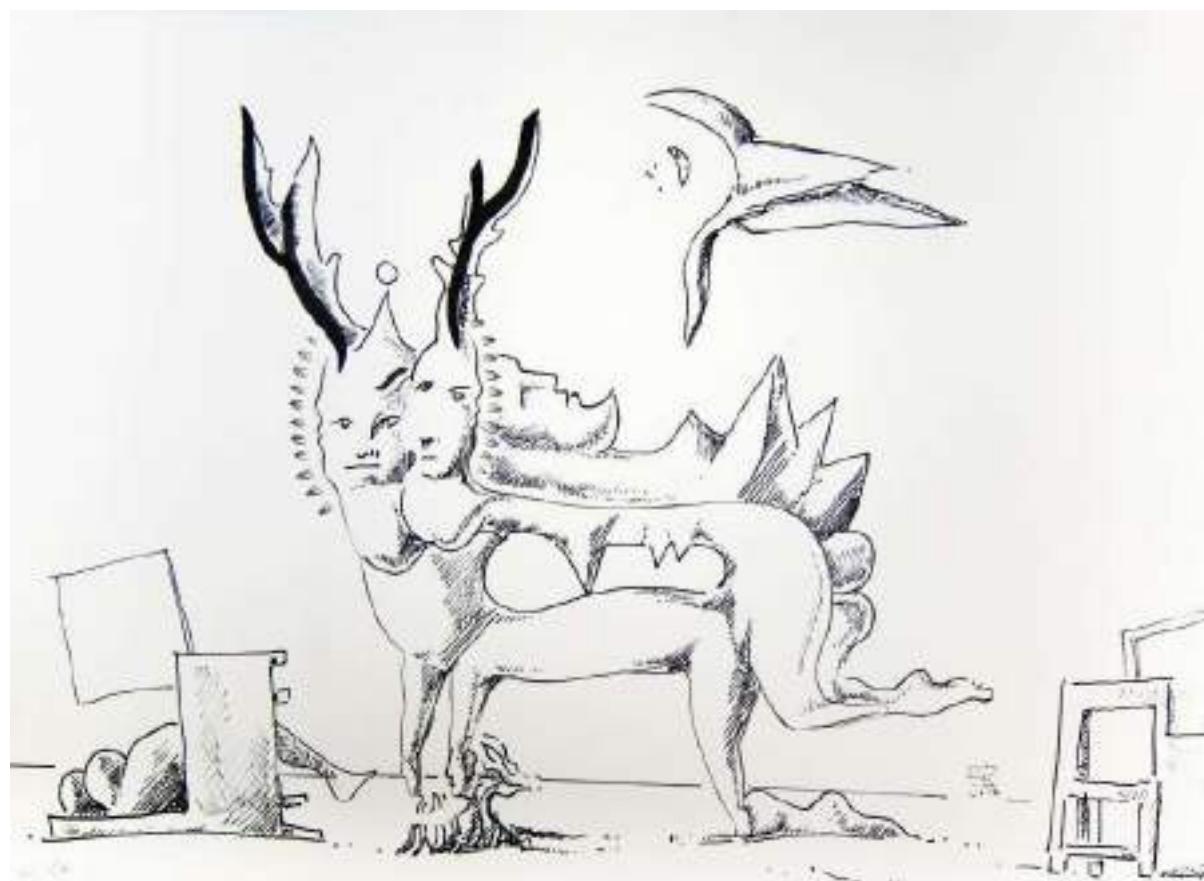
Rita Barras - 21 de Novembro de 2020



Cruzeiro Seixas | Valter Hugo Mãe
Sem Título, 2018
Técnica mista sobre papel, 50 x 71 cm, Ref.: CSVHM_004



Cruzeiro Seixas | Valter Hugo Mãe
do Núcleo *Colaborativa.mente*, 2018
Técnica mista sobre papel, 50 x 71 cm, Ref.: CSVHM01



Cruzeiro Seixas | Valter Hugo Mãe
do Núcleo *Colaborativa.mente*, 2018
Técnica mista sobre papel, 50 x 71 cm, Ref.: CSVHM_015

“(...) As nossas últimas conversas foram ao telefone. Estava exausto da solidão. Não queria esperar por nada porque esperar era tudo sobre a morte. E garantia que não ia fazer cem anos inteiros. Não queria sequer fazer cem anos porque não havia motivo para isso. E eu evocava DeChirico e a exposição que ia haver em Paris e ele revivia. Dizia que eu lhe significava algo do foro do amor. Não seria por mim. Seria por eu saber o segredo contido no nome do DeChirico e pela magia de haver uma exposição em Paris. Da última vez, pedi-lhe que me deixasse uma pergunta à qual lhe responderia por escrito. Perguntou: viramos amigos de infância. Não acha isso divertido? Acho mágico. Apenas possível pela maravilha de não embrutecermos e nos mantermos no uso urgente da imaginação.

Essa verdade que fazemos. Que falta insuportável nos fará a sua força. Que falta insuportável nos fará o testemunho sem rodeios que deixava da sua e da vida de todos nós. Existirá como um clarão na arte. E haverá uma eternidade para consumar o que faltou: mostrar ao mundo. Compete-nos a todos. Mostrar o génio ao mundo. (...)"

Valter Hugo Mãe
18 de Novembro de 2020 - in Jornal de Letras



Alfredo Luz | Cruzeiro Seixas
do Núcleo *Cadavre Exquis*, 2010
Técnica mista sobre papel, 21x29 cm, Ref.: CESQ_ALCS09



Alfredo Luz | Cruzeiro Seixas
do Núcleo *Cadavre Exquis*, 2010
Técnica mista sobre papel, 21 x 29 cm, Ref.: CESQ_ALCS11

ARTUR CRUZEIRO SEIXAS

Pintor poeta, ou poeta pintor, conhecido pelas suas pinceladas distintas, Artur Manuel Rodrigues do Cruzeiro Seixas nasceu na Amadora, em 1920, em Portugal. Afirmou publicamente que a poesia é o alicerce da sua arte, mesmo quando pinta. Em vez de se considerar um pintor, ocupação pela qual é mais reconhecido pelo público, Cruzeiro seixas prefere ser visto como “um homem que pinta”, evitando a ideia de ser “um acadêmico” ou um “artista profissional” que conhece o seu ofício e lucra com isso. Essa é sua postura ética. Muitos críticos tendem a referir-se à sua arte visual como lírica, poética. De fato, antes mesmo de Cruzeiro Seixas ter inserido o verso nas suas obras, as suas pinturas e colagens foram muitas vezes intituladas como “um verso” ou “um poema”, como se a palavra escrita fosse sinônimo da pincelada da sua arte. Cruzeiro Seixas foi um participante ativo no movimento surrealista português, através de sua participação no “anti-grupo” Os Surrealistas, no final da década de 1940 e início da década de 1950. Para além de, ainda hoje, ser um representante ativo deste movimento no seu país, Artur do Cruzeiro Seixas, também pode ser considerado responsável por ter levado para Angola, em 1951, essa forma de arte de vanguarda. Querendo viajar pelo mundo, mas financeiramente incapaz de fazê-lo, alistou-se na marinha mercante. Isso deu-lhe a oportunidade de viajar, como desejava, e eventualmente, acabou por se estabelecer em África, mais especificamente em Luanda, Angola, que era uma colônia portuguesa na época. (...)

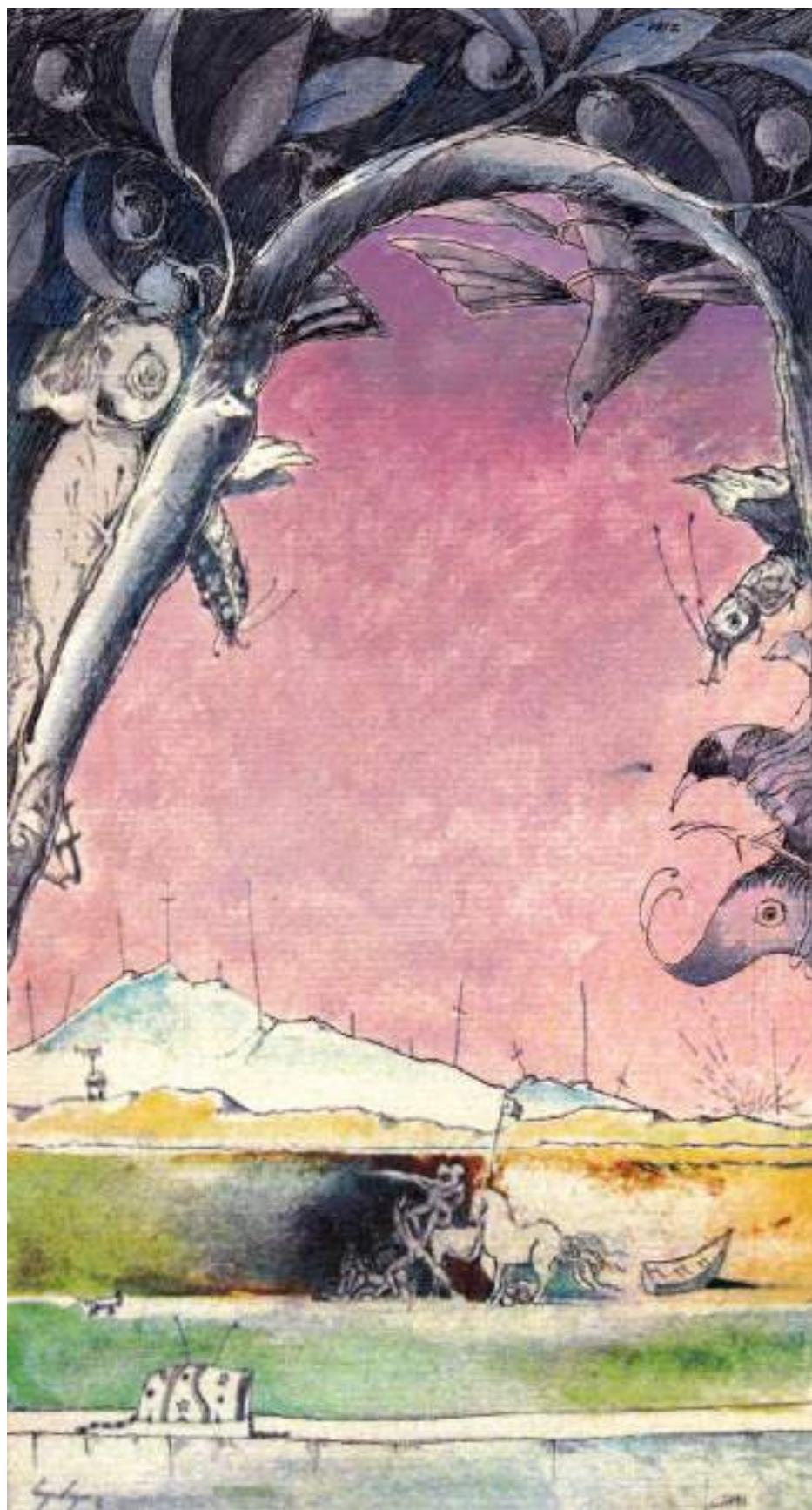
em The International Encyclopedia of Surrealism (Three-volume set), Editores: Michael Richardson, Dawn Ades, Krzysztof Fijalkowski, Steven Harris, Georges Sebag. tradução livre do texto original.



Cruzeiro Seixas | Alfredo Luz
Sem Título (Cadavre Exquis), 2009
Téc. mista s/ papel, 21x29cm, Ref.: CESQ_AL_CS_01



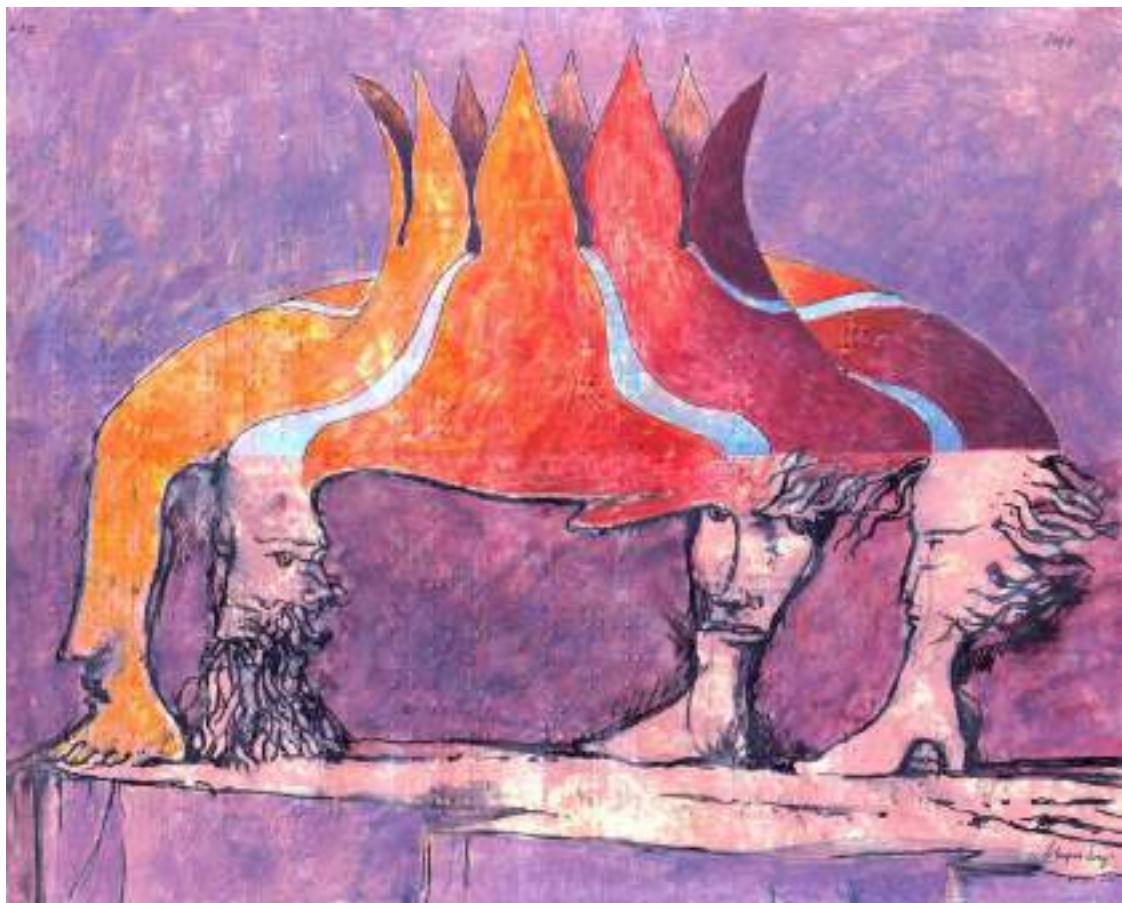
Alfredo Luz | Cruzeiro Seixas
Sem Título, 2009 | Téc. mista s/ papel, 21x29cm
Ref.: CESQ-ALCS03



Alfredo Luz sobre cadavre-exquis de Cruzeiro Seixas com Mário Botas (circa 1970)

Sem Título, 2010. Técnica mista sobre impressão serigráfica, 25,5 x 30 cm

Ref.: CESQ_ALMB32



Alfredo Luz | Cruzeiro Seixas
do Núcleo *Cadavre Exquis*, 2010

Técnica mista sobre papel, 21,5 x 30 cm, Ref.: CESQ_ALCS10

Pequenas notas sobre Cruzeiro Seixas

- Perseguiu sempre a sua própria quimera sem ter de obedecer a ninguém.
- Obedeceu apenas à tirania das sombras, que caracterizam os seus desenhos, sem nunca perder de vista o sentido da finalidade, como a transgressão e o paradoxo.
- As suas composições estão repletas de ventos favoráveis apesar do rumo desviante.
- Existem afinidades e prenúncios de ansiedade ou excesso de futuro.

Alfredo Luz - 23 de Novembro de 2020



Cruzeiro Seixas | Alfredo Luz
do Núcleo *Cadavre Exquis*, 2009
Técnica mista sobre papel, 21 x 29 cm, Ref.: CESQ_ALCS5



Cruzeiro Seixas | Alfredo Luz
do Núcleo *Cadavre Exquis*, 2009
Técnica mista sobre papel, 21 x 29 cm, Ref.: CESQ-ALCS4

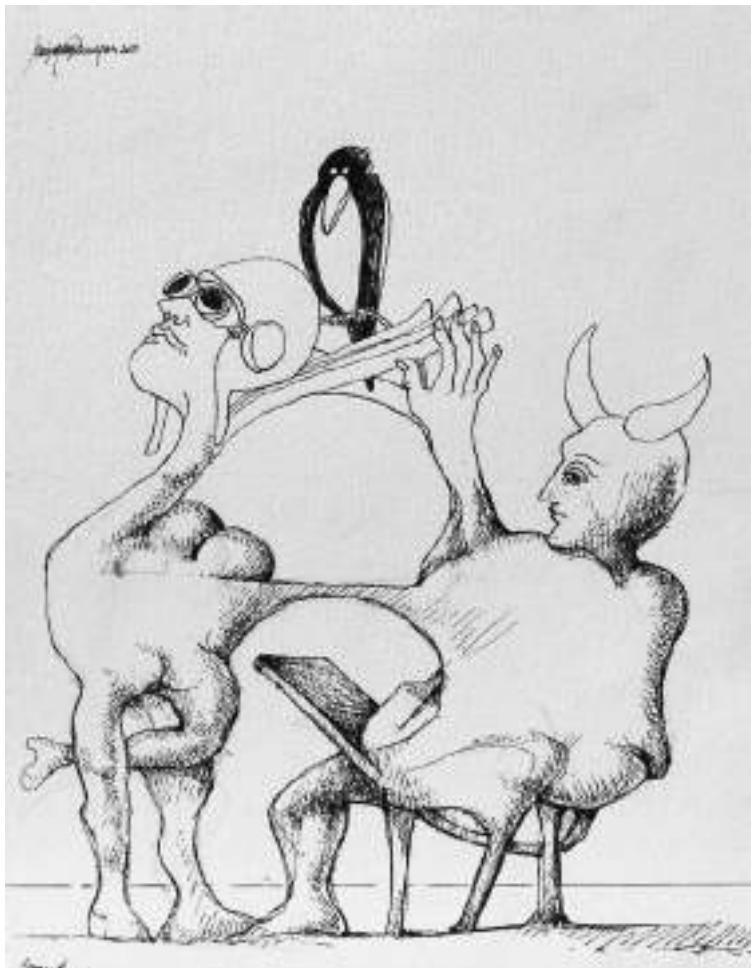
ARTUR DO CRUZEIRO SEIXAS: LA LIBERTAD DE LA IMAGEN Y LA PALABRA

Releo una serie de cartas que me envió Artur do Cruzeiro Seixas hace ya varios años y miro sus catálogos con dedicatorias a tinta negra. Aquellas letras realizadas a mano se asemejan a delgadas espigas inclinadas hacia el costado derecho, como si una especie de céfiro hubiera hecho de las suyas tras su paso. Fueron tiempos de espléndido intercambio epistolar (a veces Cruzeiro Seixas escribía en portugués y otras en francés), lo que afianzó una magnífica amistad entre nosotros. Recibí mensajes pintados en viajeros papeles, con abundantes imágenes, sinuosas y fantásticas (una bella entelequia), provenientes desde Lisboa y Estoril. Todo esto alimentó mi curiosidad y fascinación cuando me refugiaba en mi habitación de Santiago de Chile y posteriormente en Valencia, España, lugar donde residí durante casi diez años. Estas correspondencias y libros se preservan ahora con afecto y admiración en mi biblioteca y archivo personal.

Ha pasado una semana y media desde el fallecimiento de Cruzeiro Seixas. Me enteré por Carlos Cabral Nunes de Perve Galería, ubicada en el barrio de Alfama de la capital portuguesa, querida zona con estrechas aceras y antiguas calles empinadas, ruidos de tranvía y melodías de fado que salen por ventanas abiertas de algún edificio color pastel, para dirigirse a las aguas del río Tajo o mimetizarse con los muros de piedra del castillo de San Jorge. Cruzeiro Seixas fue parte de ese corazón inicial del Surrealismo en Portugal, ese motor cristalino y turquesa de barco con múltiples cabezas. Un legado vigente, un gran corolario del sueño y la poesía proyectado por figuras como él, su querido amigo Mário Cesariny, Mário Henrique Leira, Alexandre O'Neill, António Maria Lisboa, Fernando Lemos, Isabel Meyrelles, Pedro Oom... Estamos ante creativas luminiscencias custodiadas al interior de un libro azul, que se mantiene a flote en el inexorable oleaje del tiempo.



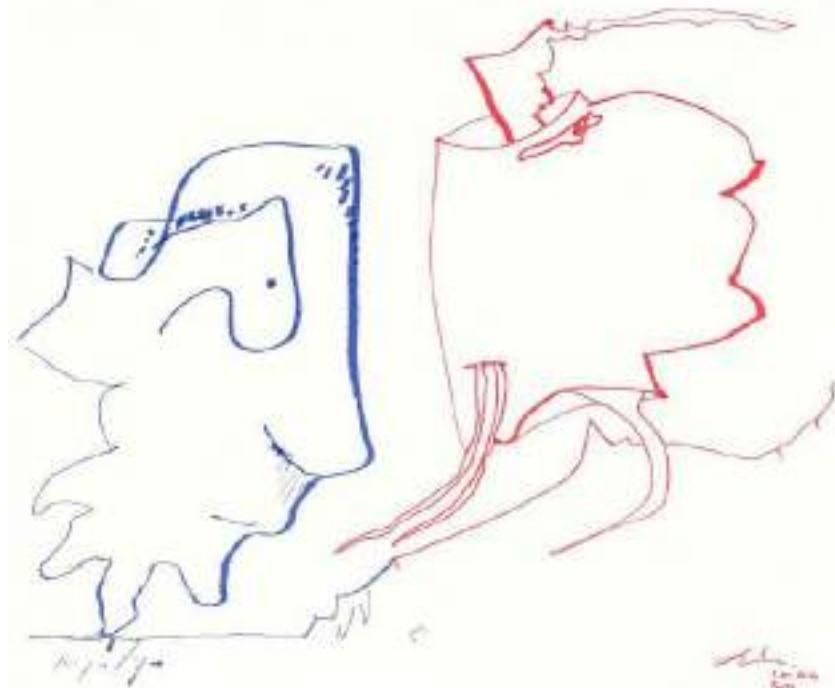
Cruzeiro Seixas | Benjamin Marques
do Núcleo *Cadavre Exquis*, 2010
Técnica mixta sobre papel, 21,2 x 29,2 cm
Ref.: CESQ_CS_BM04



Cruzeiro Seixas | Benjamin Marques
do Núcleo *Cadauvre Exquis*, 2010
Tinta da china sobre papel, 21,2 x 29,2 cm
Ref.: CESQ_CS_BM02

Pienso en Cruzeiro Seixas como un maestro imprescindible del Surrealismo, forma de vida que amó incondicionalmente al igual que África (vivió varios años en Ángola). Su genialidad iba acompañada por una enorme generosidad, libertad y un espíritu rebosante de humanidad. Además fue un referente para artistas de generaciones siguientes (Paula Rego, Mário Botas o Lourdes Castro), con quienes participó en obras colectivas y cadáveres exquisitos.

Veo una serie de misivas pintadas, dibujadas, pobladas de híbridos seres, aves y caballos fundidos en extremidades humanas, en ruedas, puertas y botes bajo un cielo índigo, color extraído posiblemente de un azulejo plutónico. Según Sarane Alexandrian, “Cruzeiro Seixas se preocupa de la síntesis entre la escritura y el dibujo que ilustra las cartas y postales que envía a sus amigos, desde un modo asombroso”. Las palabras procreadas en su máquina de escribir (parecen hormigas en reposo encima del blanco papel) conservan viva una lucidez, una experiencia, una nostalgia, una desesperanza y unas ganas por materializar todavía algunas utopías. Para Cruzeiro Seixas los jóvenes siguen siendo “Breton, Max Ernst, Gaudí, Artaud, etc, etc, etc”. Sus ideas giran y resuenan en esos momentos de lectura y silencio. Las cartas respiran. Adquieren una dimensión perenne. como un maestro que revolucionó el panorama artístico y literario portugués, con un mundo que se reencanta con lo maravilloso, insólito y enigmático.



Cruzeiro Seixas | Cabral Nunes
Sem Título (Porto, inauguração da 1ª exposição da coleção Miró), 2016
Técnica mista sobre papel, 20,8x25cm
Ref.: CESQ_CS_CNU04
Coleção Cabral Nunes

Cruzeiro Seixas siempre aceptó participar en las actividades de la desaparecida revista Derrame (Santiago de Chile), de la cual fui uno de sus fundadores en 1996. Aquel vínculo con él nació gracias a mis nexos con Édouard Jaguer y Anne Éthuin, artistas franceses y promotores del movimiento Phases. Ellos me dieron la dirección postal de Cruzeiro Seixas en 2002, mientras me encontraba en París. El último número impreso de Derrame en 2012, estuvo dedicado íntegramente al maestro luso. También participó en las míticas exposiciones de carácter internacional llevadas a cabo por Derrame como Phases-Derrame (2005), La voz del animal metafísico (2006) y Umbral Secreto (2010). Gracias a Carlos Cabral Nunes de Perve Galería se realizó una exposición con mis obras y las de Cruzeiro Seixas, que llevó por título Imaginación (Devorada).

Siempre estimuló mis ganas de seguir dibujando, pintando y apoyó la difusión de mi trabajo visual en Portugal. Agradezco infinitamente a este genio inspirado por el humor, lo recóndito de la imaginación y lo visionario del Surrealismo. No puedo olvidarme además de su poesía escrita, un encuentro con lo sorprendente y la extrañeza. Una “herida que danza” en la opinión de Jaguer.

Como expresara Fernando Arrabal desde París sobre Cruzeiro Seixas cuando supo de su ocultamiento: “...qué será del surrealismo portugués y brasileño sin el indeleble, denodado e impávido Cruzeiro, tanta travesía sin cabotaje con la expedición al plus ultra exquisito Voltaire”. O Juan Carlos Valera, editor patafísico de la ciudad de Cuenca, España: “Era un gran amigo y un referente ético y moral para mí. Una buena persona. Con él se va todo un mundo del panorama surrealista portugués”. Incluso, el Presidente de la República de Portugal, Marcelo Rebelo de Sousa, opinó acerca de Cruzeiro Seixas como un maestro que revolucionó el panorama artístico y literario portugués, con un mundo que se reencanta con lo maravilloso, insólito y enigmático.

Su cosmos seguirá conmoviendo y es un privilegio conocer de muy cerca la mágica órbita de su trayectoria. “Su obra permanece y sigue nuestros pasos, guiándolos”, tal como lo precisó Carlos Cabral Nunes, uno de sus grandes amigos.

Aldo Alcota - Santiago de Chile, 19 de Noviembre de 2020

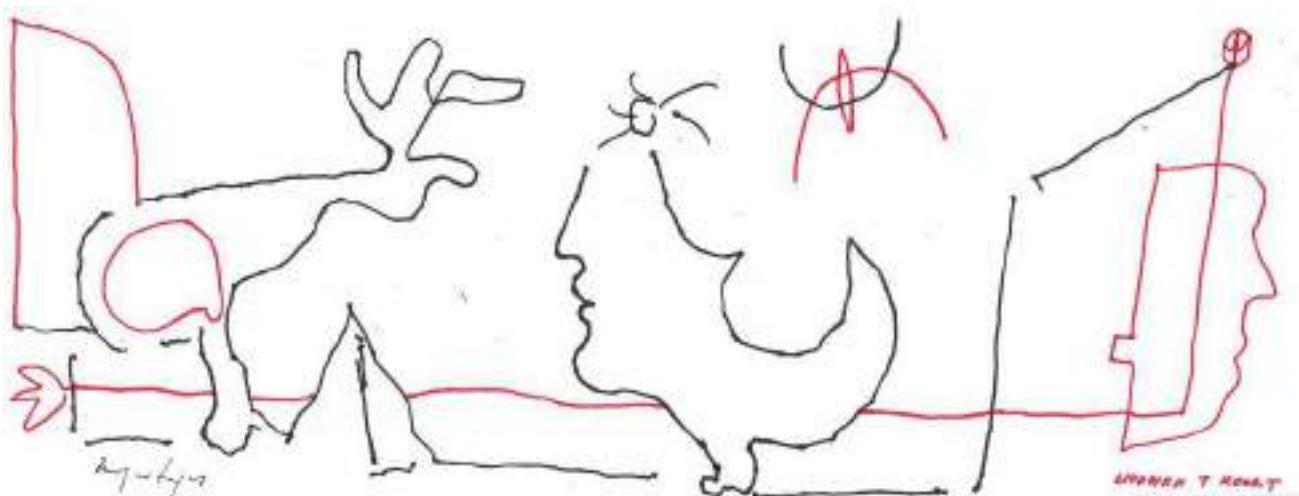


Cruzeiro Seixas | Cabral Nunes | Liudvika Koort

Sem Título (vôo Lisboa-Paris), 2018

Técnica mista sobre papel, 20 x 29,7 cm, Ref.: CESQ_CS_LVK_CNU04

Coleção Cabral Nunes



Cruzeiro Seixas | Cabral Nunes | Liudvika Koort

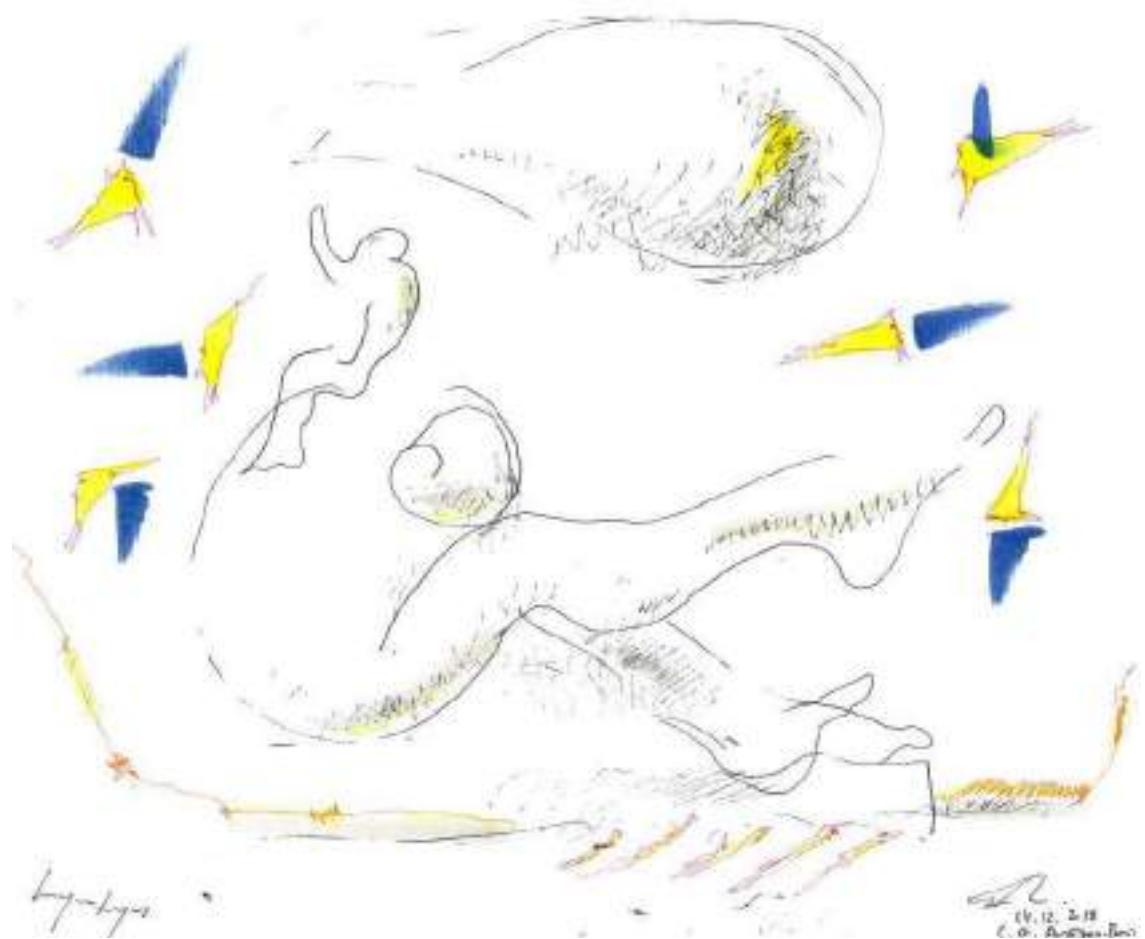
Sem Título (vôo Lisboa-Paris), 2018

Técnica mista sobre papel, 13 x 35 cm, Ref.: CESQ_CS_LVK03

Coleção Cabral Nunes



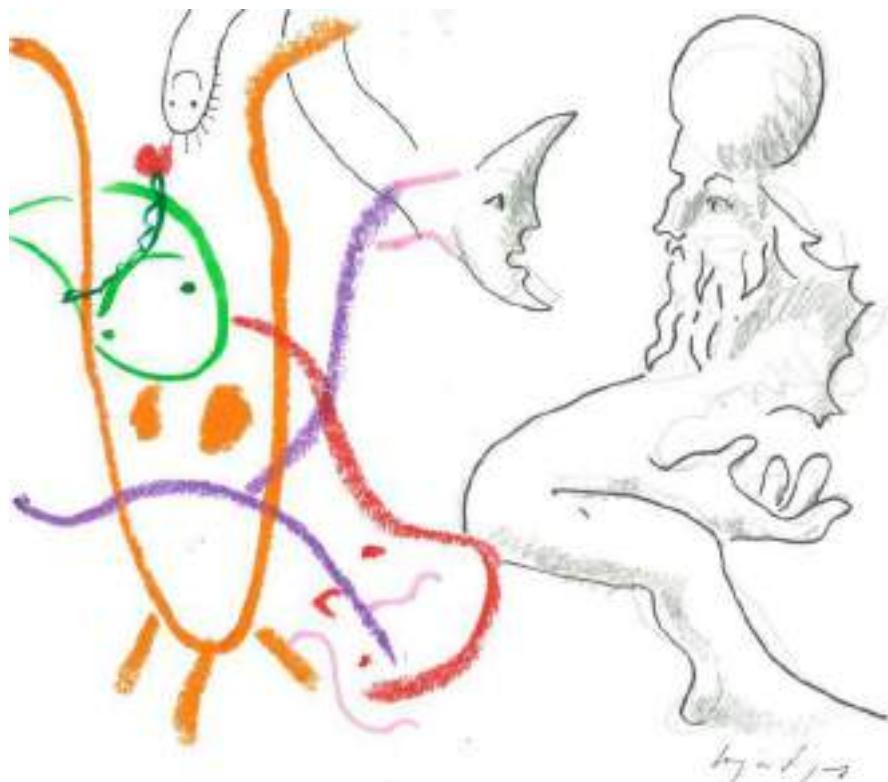
Cruzeiro Seixas | Benjamin Marques
Sem Título, 2010
Técnica mista sobre papel, 21x 28,9 cm, Ref.: CESQ_CS_BM01



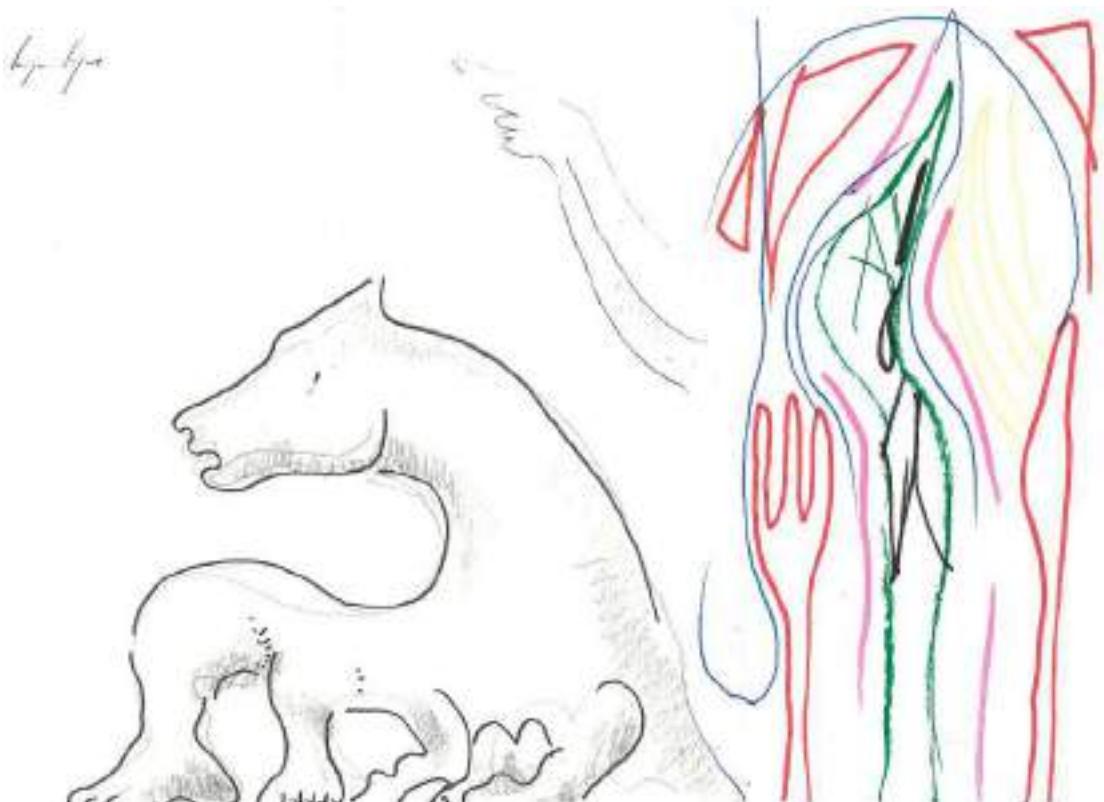
Cruzeiro Seixas | Cabral Nunes
Sem Título (Centro G. Pompidou, Paris), 2018
Técnica mista sobre papel, 20,4 x 22,8 cm, Ref.: CESQ_CS_CNU01
Coleção Cabral Nunes



Cruzeiro Seixas | Cabral Nunes
Sem Título (vôo Lisboa-Paris), 2018
Técnica mista sobre papel, 13 x 35 cm, Ref.: CESQ_CS_CNU05
Coleção Cabral Nunes



Cruzeiro Seixas | Sophia Zhong
Sem Título, 2018
Técnica mista sobre papel, 23.5 x 29.7 cm, Ref.:CESQ_CS_SZ02
Coleção Cabral Nunes



Cruzeiro Seixas | Sophia Zhong
Sem Título, 2018
Técnica mista sobre papel, 23.5 x 29.7 cm, Ref.: CESQ_CS_SZ01
Coleção Cabral Nunes

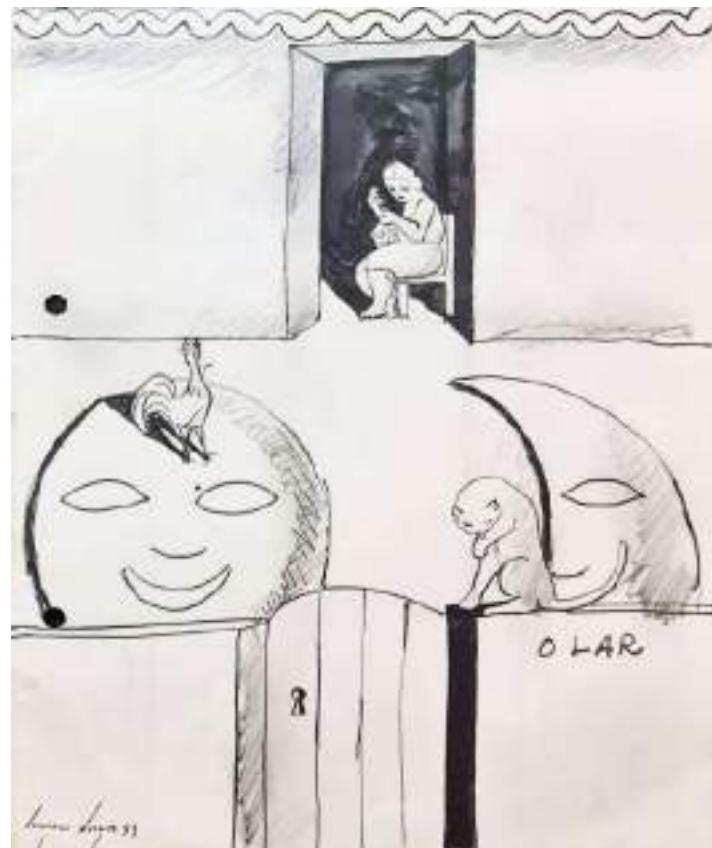
Núcleo antológico com obras de Cruzeiro Seixas



Cruzeiro Seixas (Portugal, 1920-2020)
Sem Título, 1947
Tinta da china sobre papel, 13,5 x 10,5 cm, Ref.:CS124



Cruzeiro Seixas (Portugal, 1920-2020)
A grande viagem, n.d - circa anos 50
Técnica mista sobre papel, 23,50 x 18,50 cm, Ref.: CS83



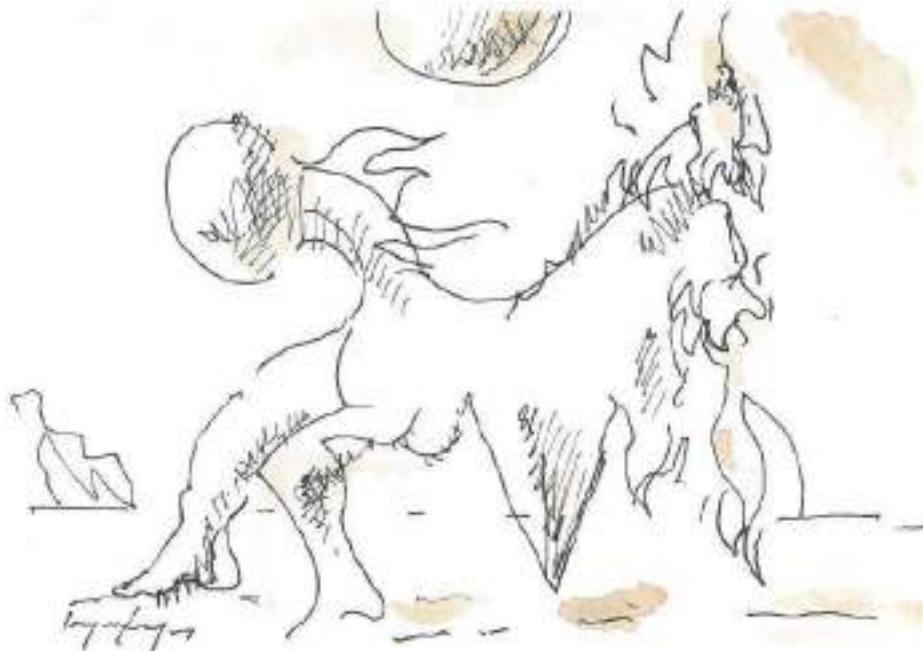
Cruzeiro Seixas (Portugal, 1920-2020)
O Lar, 1957
Técnica mista sobre papel, 23 x 19,3 cm, Ref.: CS199



Cruzeiro Seixas (Portugal, 1920-2020)
Sem Título, 1938
Têmpera e tinta da China sobre papel, 17 x 19,5 cm, Ref.: CS157



Cruzeiro Seixas (Portugal, 1920-2020)
Sem título, n.d. - circa 2000
Tinta da china sobre papel, 16 x 24 cm, Ref.: CS84



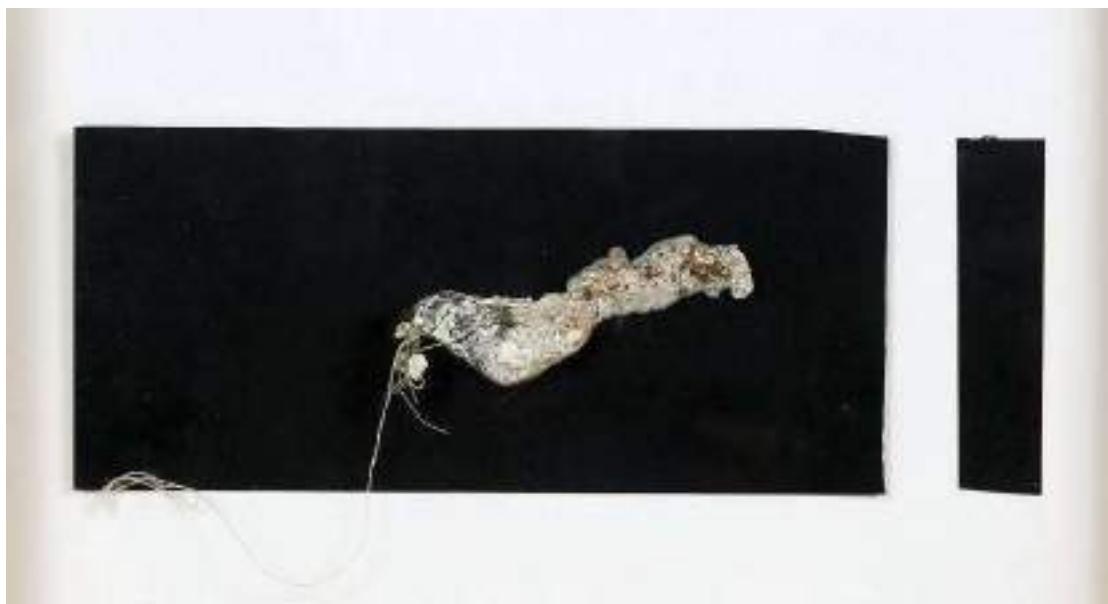
Cruzeiro Seixas (Portugal, 1920-2020)
voo Paris-Lisboa a 17.12.2017, 2017
Técnica mista sobre papel, 14,8 x 21 cm, Ref:CS193
Coleção Cabral Nunes

Adeus meu amigo, restam-me maravilhosas recordações, quadros, desenhos, esculturas (tuas e minhas), viagens (entre outras onde fomos visitar o Castelo do Facteur Cheval, Brussel, Amiens e outros. Vinhas-me visitar a nossa casa onde falamos de tudo e de nada e sobretudo dos amigos. Ficaras para Portugal o artista multiplo, brilhante em tudo quanto fizeste, subretudo o desenho a pena, em que es o MESTRE incontestado no mundo inteiro. Mais uma vez te digo adeus, em breve nos encontraremos.

Isabel Meyrelles - 23 de Novembro de 2020



Cruzeiro Seixas e Isabel Meyrelles.
Paris, 15-3-2019



Cruzeiro Seixas (Portugal, 1920-2020)
Sem Título, n.d.
Assemblage sobre papel, 27 x 37 cm, Ref.: CS183



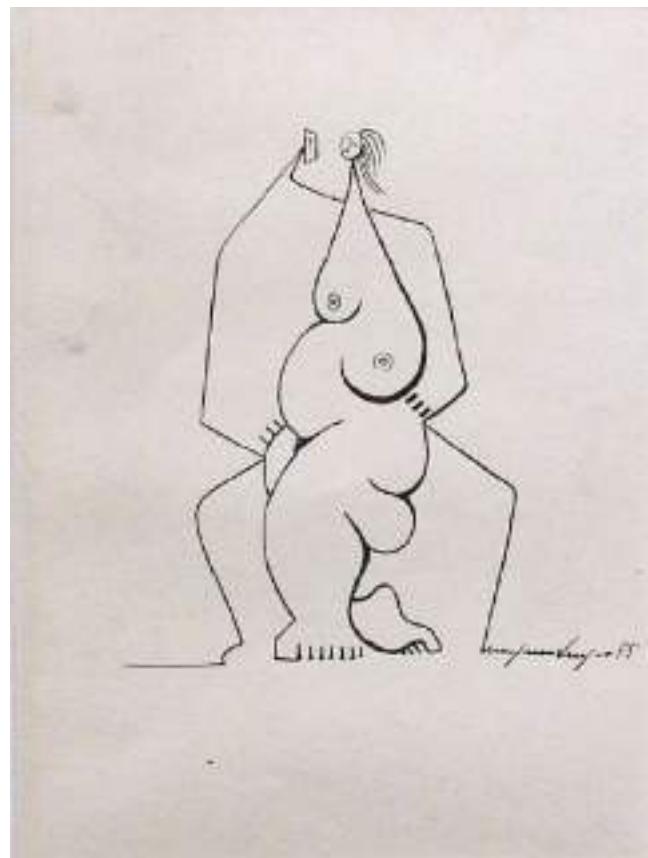
Cruzeiro Seixas (Portugal, 1920-2020)
Sem Título, n.d.
Colagem e tinta da china sobre papel, 34,5 x 54,5 cm, Ref.: CS216
Coleção Maria Helena Figueiredo



Cruzeiro Seixas (Portugal, 1920-2020)
Os olhos, n.d.
Colagem sobre papel, 30 x 22,3 cm, Ref.: CS200



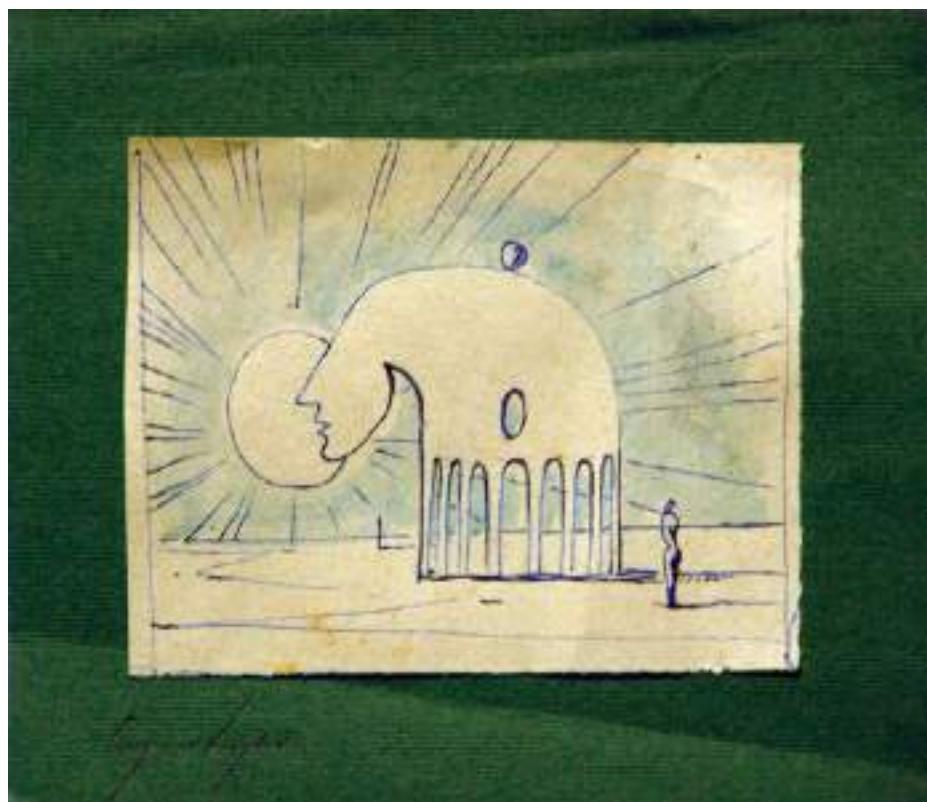
Cruzeiro Seixas (Portugal, 1920-2020)
Sem Título, 1973
Tinta da china e aguarela sobre papel, 24 x 32 cm, Ref.: RM4



Cruzeiro Seixas (Portugal, 1920-2020)
Sem Título, 1955
Tinta da china sobre papel, 19 x 14cm, Ref.: CS045



Cruzeiro Seixas (Portugal, 1920-2020)
Sem Título, 1966
Técnica mista e colagem sobre papel, 16,7 x 17,9 cm
Ref.:CS18



Cruzeiro Seixas (Portugal, 1920-2020)
Amo a paisagem cada vez mais indecifrável, 1951
Têmpera sobre papel, 7,5 x 10,5 cm, Ref.: CS037



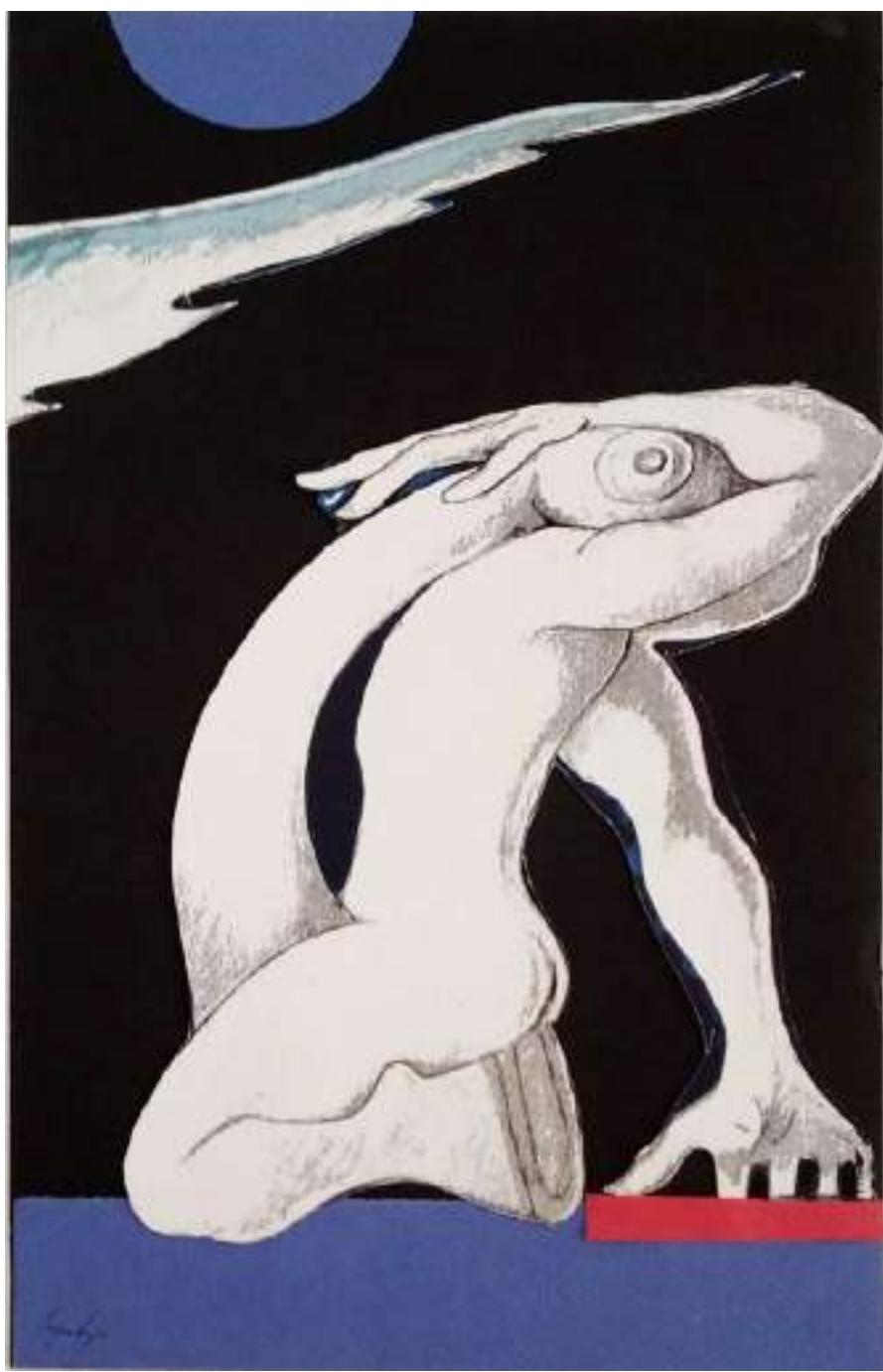
Cruzeiro Seixas (Portugal, 1920-2020)
Sem Título, 1955
Lápis de cor e tinta da china sobre papel, 22,5 x 26,5 cm, Ref.: CS057



Cruzeiro Seixas (Portugal, 1920-2020)
Sem Título, n.d. circa 1970
Têmpera e colagem sobre papel, 25 x 13,5 cm, Ref.: CS053



Cruzeiro Seixas (Portugal, 1920-2020)
Sem Título, n.d.
Colagem sobre papel, 29,5 x 15,5 cm, Ref.:CS055



Cruzeiro Seixas (Portugal, 1920-2020)
Sem Título, n.d.
Técnica mista sobre papel, 36,5 x 20 cm, Ref:CS184

SE ME HA MUERTO COMO DEL RAYO ARTUR CRUZEIRO, CON QUIEN TANTO QUERÍA

Me he quedado triste y sin saliva,
iba a leer una entrevista que le habían hecho al amigo
Perfecto,
pero ya no me quedan redaños ,
porque el silencio golpea
impregnando de tinta china
sus siluetas del amor confinado.

Le visité por última vez en agosto de 2019,
con el amigo Carlos,
y ya hablamos de homenajear su centenario.
Ha muerto a menos de un mes de celebrarlo,
a menos de un mes desmesurado,
a menos de un siglo indescifrable,
a menos de un descanso inconformista,
a menos de un ciclón deconstruído.

No tengo palabras para expresarlo,
no tengo metáforas, no encuentro objetos,
ni colores, ni conflictos, ni secretos.

Sus manos de forjador de lunas,
su habla susurrante,
su sonrisa naif,
su mirada fulgurante,
su deseo inextricable,
su vida hecha de nudos marineros
y siglas poveiras.

Me he quedado triste y sin lecturas,
porque el silencio golpea
y clava espigas de trigo
y vértigos leñosos
en su pecho infinito.

Homenajear su centenario
con alpacas cilíndricas de luz y de paja,
con lámparas de papel translúcido y formas recortadas,
buscando pedazos de espejos rotos “no lixo”,
componiendo una sinfonía de caminos rurales angoleños,
y, ¿por qué no?, comiendo los “peixinhos da horta”
que me enseñaron Lena y Eduardo.

Ha muerto y con él todo un siglo de recuerdos,
recuerdos de Cuenca, de Lisboa, de Juan Carlos, de Mario,
de Manuel,
siempre Manuel, siempre Manuel,
leyendo versos junto al Mondego.

No encuentro colores, ni conflictos, ni secretos,
no abrigo calma, ni deseo, ni distancia,
no construyo porque mis manos se han congelado de invierno,
porque al mirar hacia atrás me he derretido en sal,
porque el crepúsculo ya no podrá enardecer,
con el fulgor de sus ojos,
con el calor de su palabra.

G. Bruno - 9.11.2020



Cruzeiro Seixas e Gerardo Bruno, 11-08-2019



Cruzeiro Seixas (Portugal, 1920-2020)

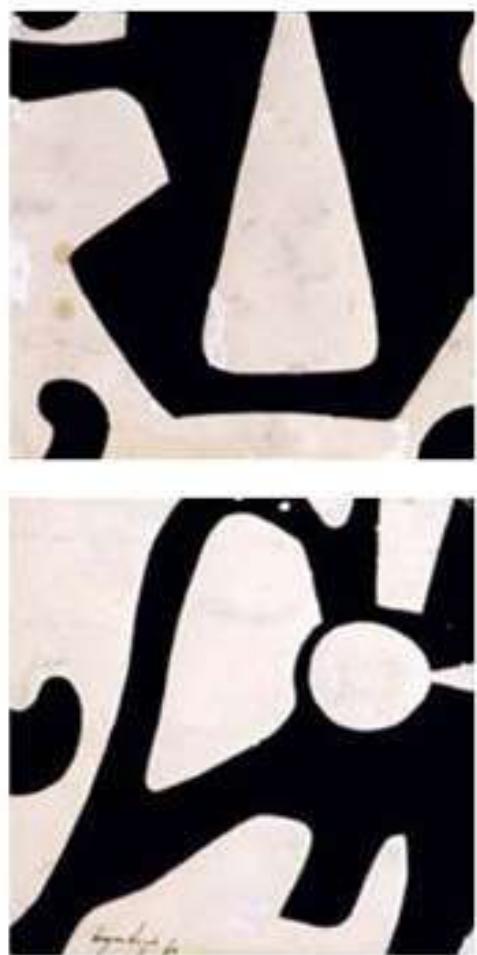
Un Couteau, circa anos 1980

Técnica mista s/papel, 35 x 21 cm

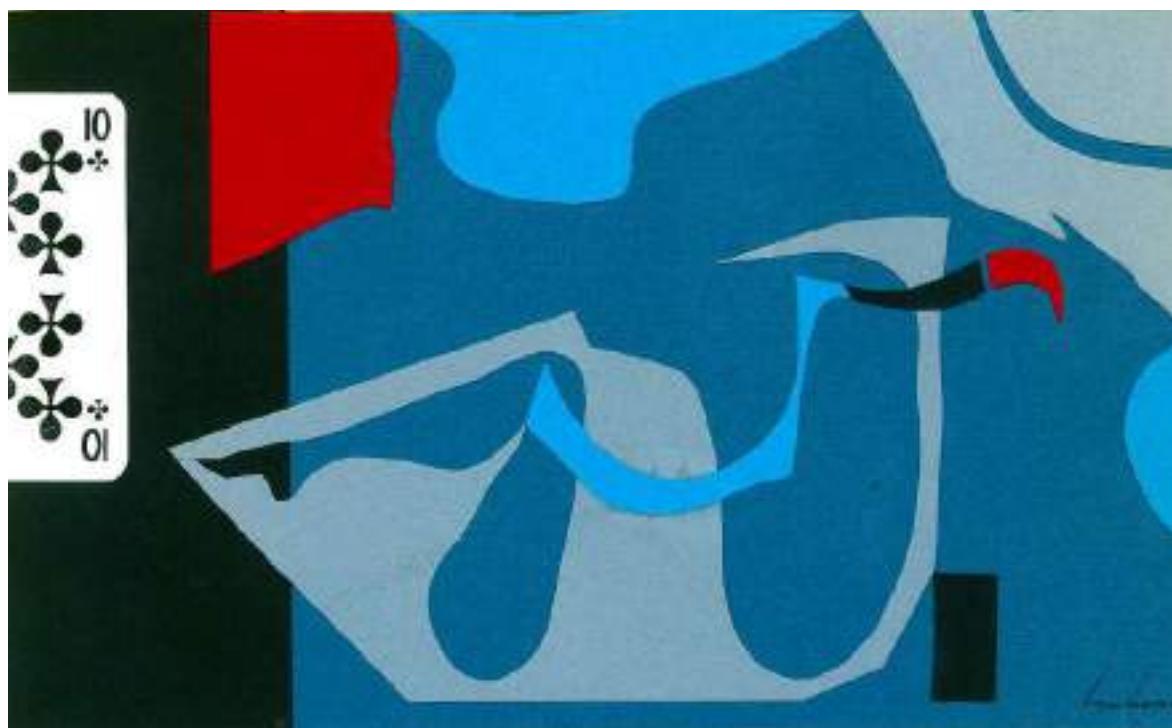
Coleção Aurora e Carlos Cabral Nunes



Cruzeiro Seixas (Portugal, 1920-2020)
Sem Título, n.d.
Técnica mista sobre papel, 43 x 34 cm, Ref: CS68



Cruzeiro Seixas (Portugal, 1920-2020)
Sem Título (Projecto para dois azulejos), 1960
Tinta da china sobre papel, 30 x 15cm, Ref: CS99



Cruzeiro Seixas (Portugal, 1920-2020)
Sem Título, 1969
Colagem sobre papel, 18 x 29,5 cm, Ref.:CS0167



Cruzeiro Seixas (Portugal, 1920-2020)
Sem título, n.d.
Técnica mista sobre papel, 14 x 22 cm, Ref.: CS101



Cruzeiro Seixas (Portugal, 1920-2020)

Sem título, n.d. - circa 2000

Colagem e têmpera sobre papel,

25,5 x 31,5 cm

Ref.: CS109



Cruzeiro Seixas (Portugal, 1920-2020)

Sem título, 1959

Tinta da china e têmpera sobre tecido, 11,5 x 8,5 cm

Ref.: CS163



Cruzeiro Seixas (Portugal, 1920-2020)
O poeta e a lua, circa anos 80
Poema-objecto, 28 x 16 x 3cm, Ref.: CS044



Cruzeiro Seixas, Carlos Calvet, Isabel Meyrelles e Adriana Areal. Inauguração da Casa da Liberdade - Mário Cesariny. 2 de Novembro de 2013

Obrigada pelas palavras que me enviaram sobre o Cruzeiro Seixas.

Lembrá-lo dói quando ainda há dias nos respondia ao telefone, cansado, solitariamente naquele quarto, seu resguardado mundo físico, onde ainda recordava e sonhava arte, arte para nós, para si apenas umas coisas e desenhos. Mas sempre se entusiasmava no reconto do vivido. Acho que ciente do mérito e da valia da obra.

Cem anos, um oitavo da história do país. Bem merece um museu permanente.

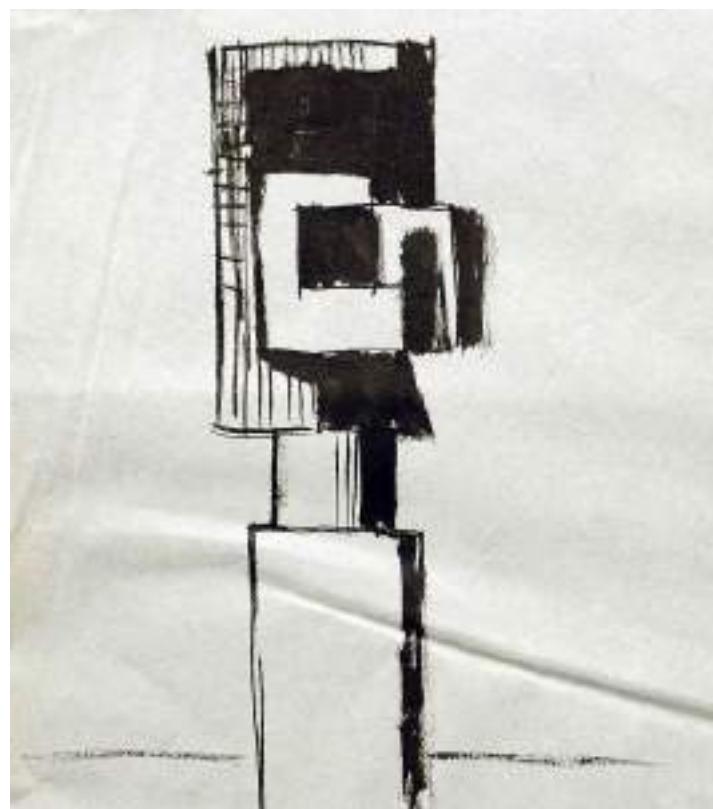
Adriana Areal - 9 de Novembro de 2020



Cruzeiro Seixas (Portugal, 1920-2020)
Sem Título, c. 2010
Têmpera e tinta da china sobre papel, 28 x 21 cm, Ref.: CS159



Cruzeiro Seixas (Portugal, 1920-2020)
Sem título, 1959
Tinta da china e têmpera sobre tecido, 8,5x11,5 cm, Ref.: CS136



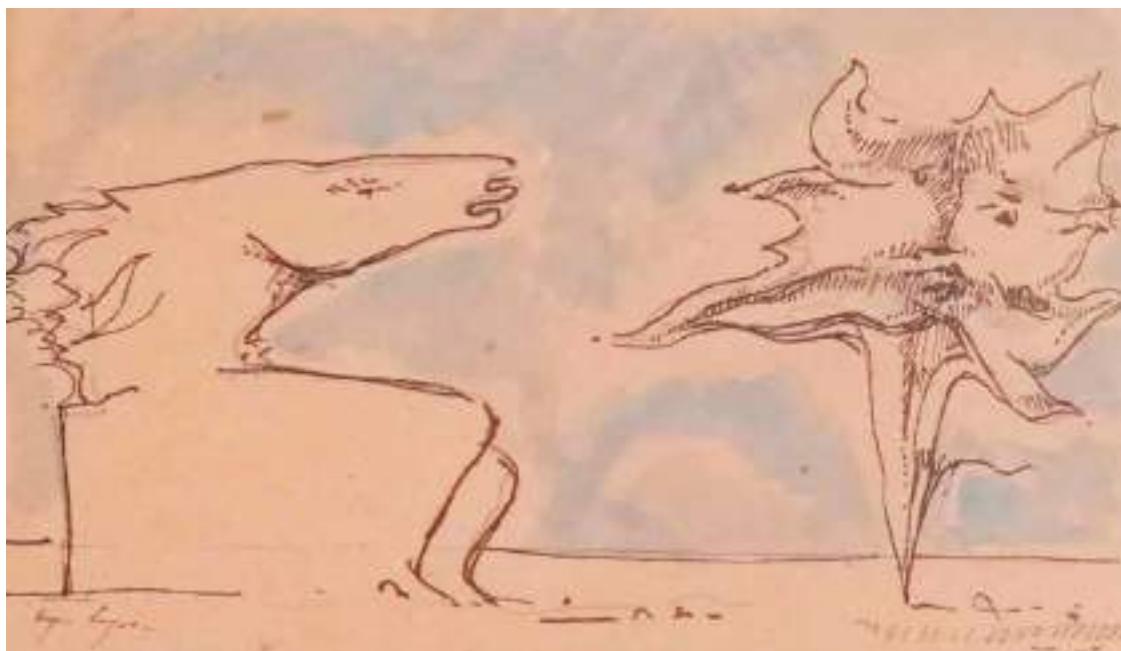
Cruzeiro Seixas (Portugal, 1920-2020)
Estudo para escultura, 1960
Tinta da china sobre papel, 19,5 x 16,5 cm, Ref.: CS42



Cruzeiro Seixas (Portugal, 1920-2020)
Sem Título, n.d.
Técnica mista sobre papel, 20 x 18,5 cm, Ref:CS185



Cruzeiro Seixas (Portugal, 1920-2020)
Sem Título, n.d. | Téc. mista s/ papel, 31x21cm, Ref:CS213
Coleção Maria Helena Figueiredo



Cruzeiro Seixas (Portugal, 1920-2020)
Sem Título, n.d.
Tinta da china, lápis e tempera sobre papel, 23 x 34 cm, Ref.: CS214
Coleção Maria Helena Figueiredo

Novo livro-objecto artístico

No dia 20 de janeiro de 2021 será lançado em Lisboa o novo livro-objecto artístico, da autoria de Artur do Cruzeiro Seixas, intitulado, sugestivamente, *Meu Amar*. O lançamento decorre no Espaço Atmosfera *m*, na altura em que, também ali se encontra a exposição *Construir Cem Nadas Perfeitos*.

O livro inclui impressões faximiladas de dois diários não-diários de Cruzeiro Seixas, realizados nas décadas dos anos 60 e outro nos seus últimos anos de vida.

Inclui um díptico em azulejo, cujo projeto foi realizado em África nos anos 60 e executado agora em formato artesanal. Inclui, também, três obras póstumas inéditas editadas em formato serigrafia e a homenagem a Cruzeiro Seixas realizada por Pedro Amaral em coleção com o coletivo BorderLovers, com a produção da Perve Galeria e sob curadoria de Carlos Cabral Nunes.



Pedro Amaral Dias e BorderLovers em Tributo a Cruzeiro Seixas

No dia 19 de setembro, Pedro Amaral Dias e os BorderLovers davam ínicio a um projeto de tributo a Cruzeiro Seixas. O projeto consistiu na criação de um tríptico que celebra os 20 anos da Perve Galeria, o centenário de Cruzeiro Seixas e o legado artístico de Mário Cesariny.

As obras inéditas serão expostas pela primeira vez, no Espaço Atmosfera *m*, dia 3 de dezembro.



Construir o Nada Perfeito | Casa da Liberdade - Mário Cesariny

19 de Setembro de 2020



Cruzeiro Seixas (Portugal, 1920-2020)
Sem Título, 2009
Técnica mista sobre papel, 35 x 25 cm, Ref.: CS095

Inauguração da exposição “Construir o Nada Perfeito”, tributo a Cruzeiro Seixas, no ano do seu Centenário, com a presença de S.Exa. o Presidente da República Portuguesa , S.Exa. a Ministra da Cultura do Governo da República Portuguesa.



Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa com Carlos Cabral Nunes em visita à exposição Construir o Nada Perfeito, na Casa da Liberdade - Mário Cesariny, Alfama

Artur do Cruzeiro Seixas, que nos deixou depois de uma vida longa e livre, foi uma figura multímoda da cultura portuguesa. A sua geração, que na década de 1940 aprendeu e transpôs as lições do surrealismo francês (indistinção entre a arte e a vida, porosidade dos géneros artísticos, liberdade irreverente, imprevisibilidade inventiva, humor desestrututivo), revolucionou o nosso panorama artístico e literário.

Nas pinturas, desenhos, colagens e objetos de Cruzeiro Seixas, como na sua considerável produção poética, o mundo reencanta-se: é uma vez mais maravilhoso, insólito, fantástico, enigmático. A sua imaginação soberana é uma imaginação de encontros (encontro de textos, de pessoas, de imagens), uma poética de encontros. Mais do que um «cadáver esquisito», feito de elementos diversos, é um vivíssimo corpo em metamorfose, com uma «volúpia da vitalidade» que lhe confere unidade na diversidade, através das décadas e dos diferentes registos plásticos e poéticos.

As obras de Cruzeiro Seixas, para citar versos seus, «sabem ler nos mapas mais secretos/e de olhos vendados/o intensíssimo/amor dos relâmpagos». É esse segredo nunca desvendado, esse amor dos relâmpagos, que devemos a Mestre Cruzeiro Seixas.

Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa - 9 de Novembro de 2020
in portal digital presidencia.pt



Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa assiste à performance do conjunto artístico Fato M



Presidente da República em conversa com Carlos Cabral Nunes e Pedro Amaral Dias dos BorderLovers durante a sua performance



Presidente da Junta de Santa Maria Maior, Presidente da República, Berfin Sakallioglu, Carlos Cabral Nunes e Nuno Silva



Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa assina o Livro de Honra da Casa de Liberdade - Mário Cesariny



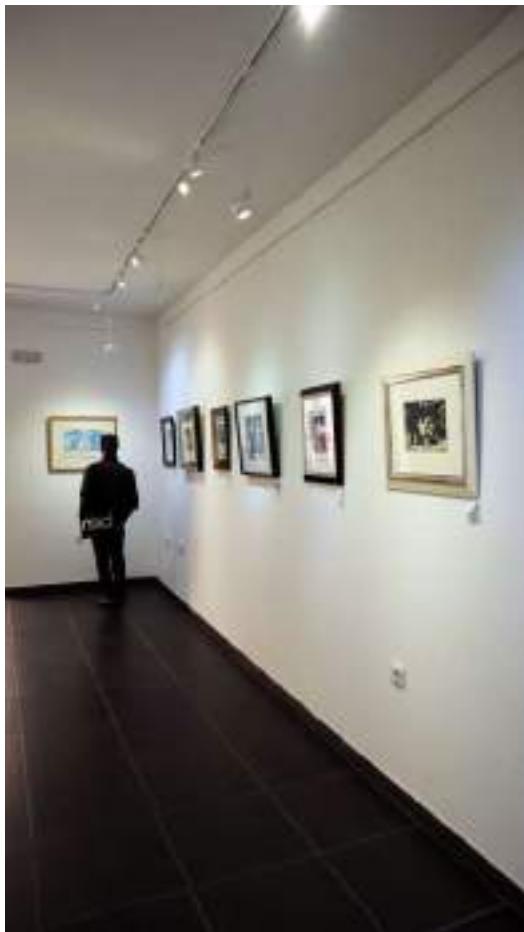
Ministra da Cultura, Graça Fonseca, em visita à exposição Costruir o Nada Perfeito, juntamente com o presidente da Junta de Freguesia de Santa Maria Maior

A vida e obra do Mestre Cruzeiro Seixas representam um contributo inegável para a cultura portuguesa, com a força criativa, inventiva e sensível que a sua dimensão artística sempre manifestou e que a cultura portuguesa nunca esquecerá.

Ministra da Cultura, Graça Fonseca - 9 de Novembro de 2020
in plataforma digital twitter



Ministra da Cultura, Graça Fonseca, em visita à exposição Costruir o Nada Perfeito, juntamente com o presidente da Junta de Freguesia de Santa Maria Maior



Visita à exposição Construir o Nada Perfeito



Visita à exposição Construir o Nada Perfeito



Visita à exposição Construir o Nada Perfeito

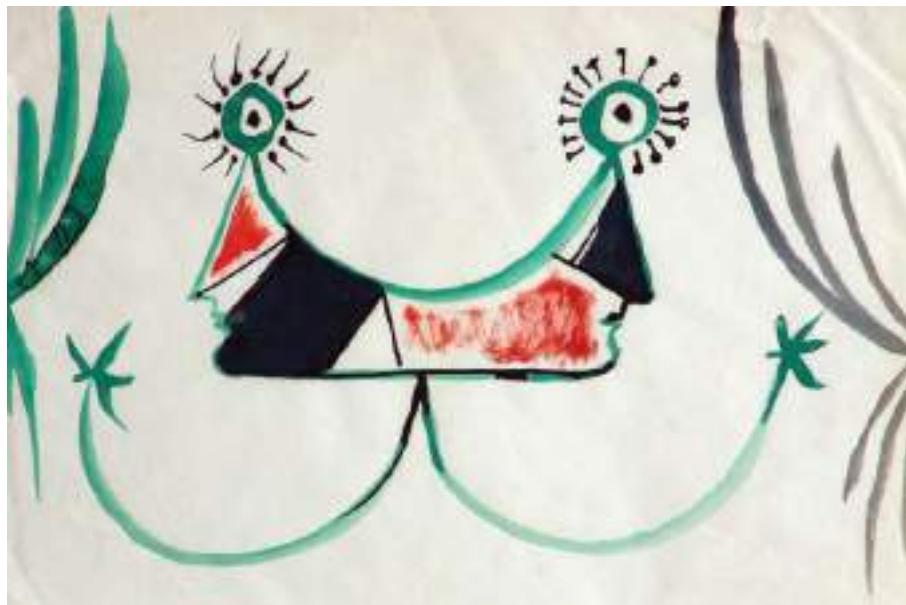


Berfin Sakallioglu, Carlos Cabral Nunes e Carol e Sophia Zhong



Pedro Amaral Dias realizando a performance de um tríptico onde celebra os 20 anos da Galeria Perve, o centenário de Cruzeiro Seixas e o legado artístico de Mário Cesariny

Obras em exibição na exposição *Construir o Nada Perfeito*
Patente até 19 de dezembro de 2020 na Casa da Liberdade - Mário Cesariny



Cruzeiro Seixas (Portugal, 1920-2020)
Sem título, n.d. - circa 1940
Técnica mista sobre papel, 20 x 30 cm, Ref.: CS100



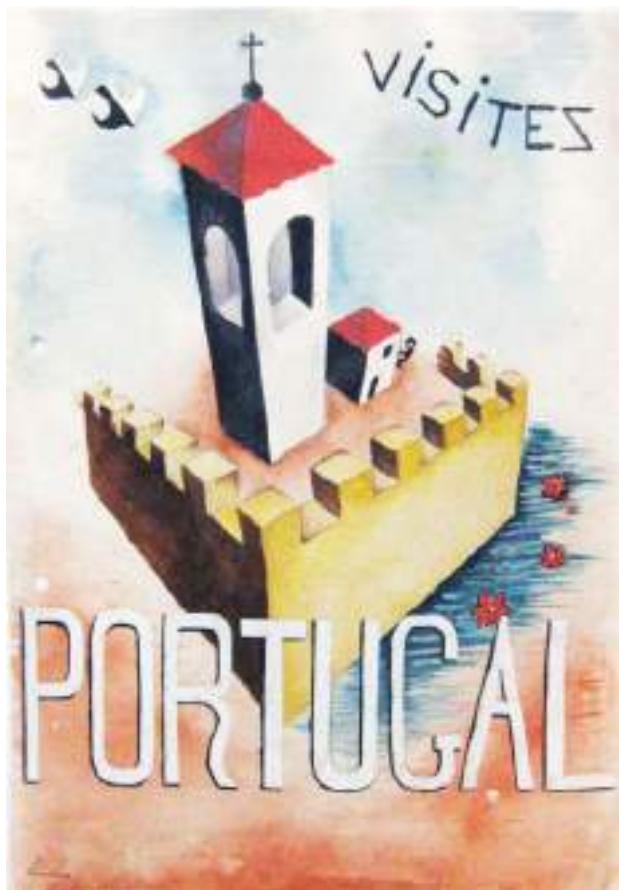
Cruzeiro Seixas (Portugal, 1920-2020)
Sem Título, n.d. - circa anos 50
Colagem sobre papel, 15,5 x 12,5 cm, Ref.: CS026



Cruzeiro Seixas (Portugal, 1920)
Sem Título, 1942
Tinta da china e têmpera sobre papel, 25 x 19cm, Ref.: CS133



Cruzeiro Seixas (Portugal, 1920-2020)
Sem Título, 1965
Tinta da china e têmpera sobre papel, 19,5 x 16 cm, Ref.: CS064



Cruzeiro Seixas (Portugal, 1920-2020)
Sem Título, n.d., circa anos 40
Têmpera e tinta da china sobre impressão sobre papel, 30,5x20,5 cm
Ref.: CS123

IMITANDO EL TIEMPO

A Cruzeiro Seixas le pesaba la vida. Hacía mucho tiempo que no encontraba sentido a su existencia y vivir ya era para él una carga. Y como en más de una ocasión me confesó: un insulto. Sordo, casi ciego y a punto de cumplir cien años, lo peor era que la mayoría de sus recuerdos ocultos y mudos estaban ya despoblados de protagonistas. Todos los que habían compartido con él sus mejores y más brillantes momentos se habían ido. Los heroicos Cesariny, Dacosta, António María Lisboa, Mario Henrique ... cuando subidos a un tejado habían proclamado al mundo su inconformismo y su rebeldía ante la opresora atmósfera de Salazar. Los amigos de otras latitudes, igual de hambrientos en su pulsión rebelde y artística, como Franklin Rosemont, Maddox, Granell, Perahim, Camacho, Jaguer, Saura, Moro ... salvo Cruzeiro Seixas que era el último que quedaba de esa pléyade de artistas. Hacía mucho que había anhelado partir y todavía seguía esperando a reunirse con sus amigos en ese viaje sin retorno. Ya no le quedaba nada. Otros se habían ido ya subiendo a ese barca que eterna navega como los amigos más personales, como Manuel Rodríguez o Eduardo Tomé ... por no hablar de todos aquellos que alguna vez apasionadamente había amado. Qué le quedaba salvo sus más lejanos recuerdos como en numerosas ocasiones me confesaba y éstos eran cada vez más brumosos e imprecisos..., los de su infancia que regresaban ahora con una nitidez sorprendente acompañados de los de su madre a quien adoraba. Y sobre todo África: siempre África. Todo un mundo mágico y maravilloso, telúrico y único que se desmoronaba igual que un terrón de azúcar diluyéndose en el infinito océano de la memoria.

Desde sus inicios en enero de 1986, Menú – Cuadernos de Poesía ya se había preocupado por la poesía portuguesa tan cercana y tan distante para nosotros los españoles. Ángel Crespo, un lusitanista inmenso, sabiendo de mi gusto por lo portugués me animó a que publicase a



sus poetas dado el desconocimiento secular que en España siempre ha existido de su arte y cultura. Y desde el número 0 los fui intercalando en mis publicaciones. En el primer número especial (3/4), quise llevar un poco más allá la antología que Crespo había publicado en España (Taurus) y que finalizaba en Fernando Assis Pacheco con otra antología titulada *La nueva Poesía portuguesa* y que abarcaba desde Fátima Maldonado, Alberto, etc. hasta Fernando Luis a principios de los años 80. Y como suplemento un cuadernillo con 14 epitafios de Fernando Pessoa, de su primera etapa sudafricana escritos en inglés y traducidos al español por Cesar Vallejo. Después vendrían poemas de Nuno Júdice y Casimiro de Brito o el iconoclasta E. M. de Melo e Castro con sus Infopoemas acompañados de un vídeo único con música de Telectu en una edición rara para entonces dentro del panorama poético europeo.

Pero el encuentro que nos ocupa entre Cruzeiro Seixas y Menú, se produjo cuando fui becado en 1989 con una bolsa de estudios por la Fundación Calouste Gulbenkian de Lisboa para investigar el Surrealismo Portugués. Una época en la que establecí contacto con Mário Cesariny en el Assirio&Alvim de Herminio Monteiro y con Perfecto Cuadrado ... Y poco después con Cruzeiro Seixas. Fue una época de publicaciones como *Erro Propio*, *Huessóptico*, *6 Poemas de A.Mª* Lisboa, de la *Cronología Surrealista* de Perfecto Cuadrado y de mi *Breve Estudio del Surrealismo Portugués en Menú (Revista)*. Una época irrepetible por las visitas a Cuenca de Mário Cesariny y Cruzeiro Seixas (por separado) en compañía de Manuel Rodríguez, Pedrito (G.Bruno) y Eduardo Tomé, de E.M. Melo e Castro y su esposa Cecilia, de Perfecto Cuadrado con María, de Alberto, Casimiro de Brito, Eugenio de Andrade ...

La primera vez que nos vimos, Cruzeiro Seixas llevaba un buen rato esperándome en la calle frente a un cafetín que había debajo de la pensión en la que me alojaba de la

avenida Ricardo Reis, a un tiro de piedra de la rua Maria (ao Anjos) donde vivía E.M. de Melo Castro al cual visitaba con frecuencia en aquella época. Llegaba tarde porque había pasado la noche en un hotel diferente al mío producto de esos encuentros nocturnos y sorprendentes que Lisboa otorga a sus amantes. Aunque llevábamos años manteniendo una prolífica correspondencia nunca le había mandado una foto mía pero sabía que me reconocería nada más verme. Antes de bajarme del taxi lo distingui y lo vi nervioso, pero cuando me dirigi hacia él con los brazos abiertos y gritándole ¡Arturo! ¡Arturo! se quedó sorprendido, paralizado y un poco espantado a la manera portuguesa. Tras los efusivos saludos y sin apenas tiempo para tomar un café recogimos a J.C. Ladrón de Guevara "Charly", encuadernador de Menú en esa época, que en ese viaje me acompañaba. Los tres nos encaminamos a su coche y al instante empezamos a parlotear atropelladamente mientras daba vueltas por Lisboa antes de encaminarse en dirección a Cascais. A pesar de que ninguno de los dos hablábamos el idioma del otro, llevábamos más de una hora comunicándonos en una situación un tanto surrealista y cómica. ¡Al fin nos habíamos encontrado y eso era lo que estábamos celebrando!

Después de comer frente al océano y ya en la sobremesa, mientras yo le hablaba de mis ilusiones y proyectos él dibujaba en el mantel de papel que cubría nuestra mesa recortando su dibujo y guardándolo en uno de sus bolsillos cuando nos marcharnos ante la decepción del camarero.

Nunca pude imaginar que aquellas estrechas escaleras forradas de hule que subían a su casa, en la rua da Rosa, condujeran a un oasis de paz, armonía, gusto y arte sobre los tejados de Lisboa coronados por el Tajo. Y frente a la ventana de su despacho me mostró por primera vez los originales de Mário Henrique Leiria que siendo su albacea los guardaba como un tesoro y una carga. A pesar de llevar varios años

intentando publicarlos todavía no lo había conseguido debido a la desidia y el desinterés de algunas instituciones portuguesas a las que se lo había ofrecido, como la Fundación C. Gulbenkian, el Banco Espírito Santo o la propia Biblioteca Nacional donde ahora se conservan los originales junto a la edición de Menú.

En esas fechas yo me encontraba en un periodo editorial en el que quería abandonar las publicaciones convencionales que desde hacía casi 10 años había estado realizando: Revistas, Cuadernillos, Encartes, Fascículos, Separatas,

Postales, ... y aunque también había editado algunos pequeños Objetos, Collages, Visuales, Vídeo-Poesía e incluso Poesía-Sonora quería dar un giro editorial hacia la Bibliofilia, los Libros de Artista y los Libros-Objeto.

Cuando Cruzeiro Seixas me mostró los libros de Mário Henrique de inmediato descubrí lo que estaba buscando y desde ese instante supe que Menú se dedicaría a ello. Yo encontré mi camino y él su editor. Empezamos con entusiasmo a evaluar todas las posibilidades para llevarlo a cabo, su proyecto y barajar los pormenores apuntando los posibles colaboradores. La primera maqueta-fascímil de Claridade dada pelo tempo, tuvo un percance al traspapelarse en casa de Perfecto Cuadrado en Palma de Mallorca cuando fui a visitarle por lo que Cruzeiro Seixas tuvo que volver a repetirla de nuevo para que yo la editara finalmente conforme a nuestras predicciones. El 3 de Diciembre de 1995, día de su 75 cumpleaños, firmamos el Colofón que ambos habíamos redactado. Como había realizado unos maravillosos dibujos para los libros pensamos solicitar la colaboración extraordinaria del mayor surrealista vivo que todavía nos quedaba en España: Eugenio Granell, y que hacía unos pocos años había regresado de su exilio americano tras la guerra civil. Después se unió Raúl Pérez.

Cuando se publicó CLARIDADE DADA PELO TEMPO fue todo un



acontecimiento para Cruzeiro y para mí presentándose con toda la flor y nata del surrealismo portugués en la casa de Eduardo Tomé que tenía en el Barrio Alto de Lisboa. Claro está, como era de esperar, sin la presencia de Mário Cesariny. Es sabido por todos de su legendaria- enemistad (a mi entender impostada, pues en el fondo ambos se admiraban); de sus pullas y zancadillas personales; de la imposibilidad de reunir a ambos o realizar cualquier tipo de trabajo conjunto siquiera donde alguno de ellos estuviera presente. Más por parte de Cesariny que por parte de Cruzeiro. Por eso Arturo se lo tomó como un doble triunfo: personal y artístico.

Era consciente de que los libros de Mário H. Leiria solo se podían llevar a cabo por el hecho de ser su editor un español ajeno a los círculos o influencias de ambos, tan locales y tan esperpéticos a veces. Mi posición era de ventaja por ser autosuficiente e inmune a sus trejemanejes y maledicencias. De otro modo no hubiese sido posible. Y vivir en Cuenca me dejaba fuera de sus tentáculos. Por eso pude realizar mi trabajo con total libertad sin interferencias de ningún tipo. Entre ambos, uno a la parte literaria y otro a la gráfica se consiguieron las mejores colaboraciones posibles: Antonio Saura y Edouard Jaguer para CLIMAS ORTOPÉDICOS, y Jose-Pierre, Meyrelles y Valera para los poemas junto a Perahim y Calvet para los grabados en PAS POURT LES PARENTS. como maestro de ceremonias Cruzeiro Seixas intervino en cada uno de los libros.

Aunque Cruzeiro realizó un poco después una exposición con pinturas y dibujos suyos en la galería de San Mamede para recaudar fondos que cubriesen los gastos de la edición, nunca le permití que me diera nada de sus ventas. Nunca he vendido un solo ejemplar o algo que haya editado. Como reza la misiva bajo su mantel, Menú es “un sabroso veneno para insatisfechos paladares”.

Las siguientes colaboraciones de Cruzeiro

Seixas fueron llegando en años sucesivos: DADOS con su gran amigo Eugenio Granell; POEMAS con Isabel Meyrelles; los homenajes a PHILIP WEST y al movimiento PHASES compartiendo mesa con Alechinsky, Arrabal, Conroy Maddox, Fernández-Molina, Max Shoendorff, Perahim, Giovanna, Jaguer, etc.

Mientras los intercambios se sucedían con dibujos, poemas, objetos, collages, ... le propuse realizar un CADAVRE-EXQUIS con Ladrón de Guevara y conmigo. Un libro objeto que le entusiasmó y le llevó a sangrar literalmente por los nudillos de las manos.

Nuestra siguiente colaboración después de algunos años fue ÁFRICAS. Una edición de Bibliofilia enteramente dedicado a él en una cuidada caja vitrina con una selección de 15 poemas en versión español/portugués acompañados de una serigrafía y un collage realizado a mano.

Hay un caso de singular mención. Arturo me había manifestado en algunas ocasiones, sabiendo de mi estrecha amistad con Fernando Arrabal, que le encantaría colaborar con él. En una de mis visitas a la Residencia de Idosos de Estoril y ante la avariciosa e inquisitiva mirada de su último protegido, “Carlitos”, me ofreció 3 dibujos maravillosos. Hice una tirada mínima y exclusiva de 12 ejemplares de cada uno de ellos que me firmó para nuestro futuro proyecto bajo el título de IMITANDO EL TIEMPO.

Sería el broche de oro como colaboración en el Tiempo y que al igual que los libros de Mário Henrique Leiria, tendría tres partes. Algo en mi interior se iba cerrando y volvía a su punto de partida. Un eco trasmítido que rodaba atravesando el tiempo en un múltiple latido y que algún día nos llegaría a alcanzar.

Busqué la colaboración especial a Fernando Arrabal que tanto le gustaba, amigo de André Breton y miembro del grupo surrealista y expulsado como Dalí, quien compuso un irónico poema en su honor con una bellísima portada caligráfica. También busqué la colaboración especial de Isabel Meyrelles



que me envió unos bocetos de algunos dibujos de Arturo que le habían servido a ella para realizar unas preciosas esculturas y las acompañó de un poema que le había dedicado traducido por Liberto Cruz. Ludwing Zeller envió también un precioso collage. Pero algo en mi interior me impedía abordar con naturalidad este proyecto. Pasaba el tiempo y no arrancaba... y entre tanto Cruzeiro Seixas quedó mal con Isabel Meyrelles y la cosa todavía se complicaba más.

En más de una ocasión le manifesté que el título de estos libros se estaba cumpliendo y que a este paso saldrían cuando él ya no estuviera, como así ha sucedido. Esa es la manera que nos otorga el Tiempo para traerlo de nuevo con nosotros a esta mesa.

Siempre estaré agradecido a Arturo Cruzeiro Seixas. Por lo que ha supuesto en mi vida como editor y como persona. Porque fue él quien me puso en contacto con lo mejor de lo que quedaba del surrealismo en el mundo. Por su insobornable aptitud ante los principios surrealistas de AMOR, LIBERTAD Y POESÍA. Por ser un ejemplo ético de vital experiencia: un faro que ilumina la oscuridad más profunda en mitad de la noche.

Soy afortunado por los inolvidables momentos que compartimos juntos y como un tesoro guardo sus palabras, sus consejos, el humor y la complicidad en su fina ironía redactadas en los varios centenares de cartas que nos intercambiábamos (más de un tercio dibujadas) así como en la multitud de cuadros y dibujos que lo acompañaban. Un legado que espera ser digno de su memoria y que Menú dedicará a la figura y obra de Cruzeiro Seixas durante su centenario en la ciudad de Cuenca. Una memoria que solo el Tiempo y un Amigo Único llegan alcanzar.

Juan Carlos Valera
Editor de Menú - Cuadernos de Poesía.



Cruzeiro Seixas com Juan Carlos Valera, no lançamento do livro-objeto artístico "Dados", década de 1990



Cruzeiro Seixas (Portugal, 1920-2020)
La tricoteuse (The knitter), 1947
Tinta da china e têmpera sobre papel, 16,5 x 22 cm, Ref.: CS065



Cruzeiro Seixas (Portugal, 1920-2020)
O Encontro, 1957
Tinta-da-china e têmpera sobre papel, 23 x 32 cm, Ref.: CS135



Cruzeiro Seixas (Portugal, 1920-2020)
O Sentido Convulsivo ou melhor Revulsivo das Coisas, 1958
Grafite sobre papel, 22,5 x 32,5 cm, Ref.: CS158



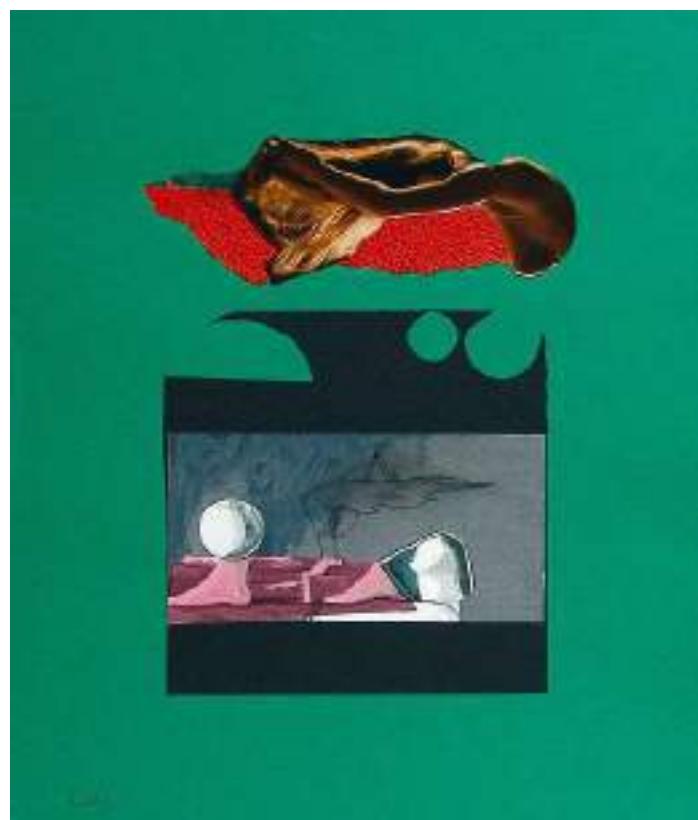
Cruzeiro Seixas (Portugal, 1920-2020)
Sem Título, 1961
Tinta da china sobre papel, 21 x 16,5 cm, Ref.: CS073



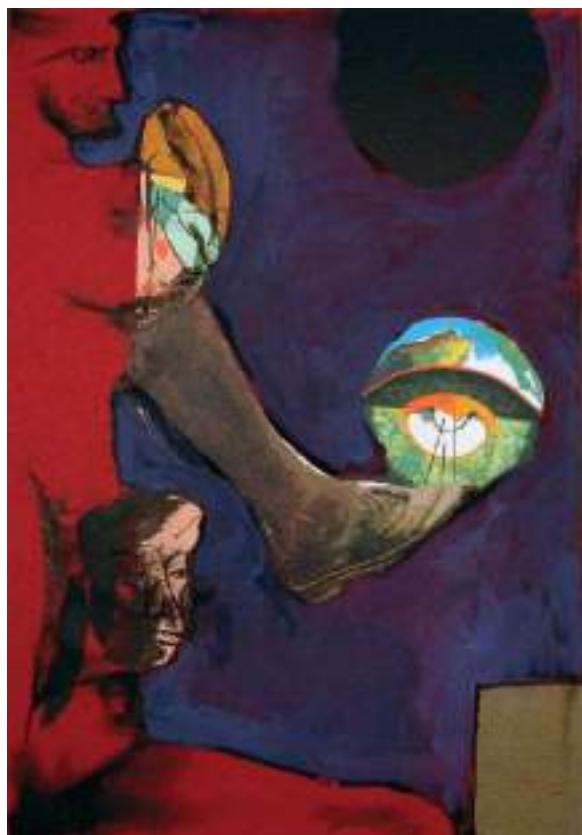
Cruzeiro Seixas (Portugal, 1920-2020)
Estudo para desenho à pena, 1957
Esferográfica e tinta da china sobre papel, 26 x 21 cm, Ref.: CS047



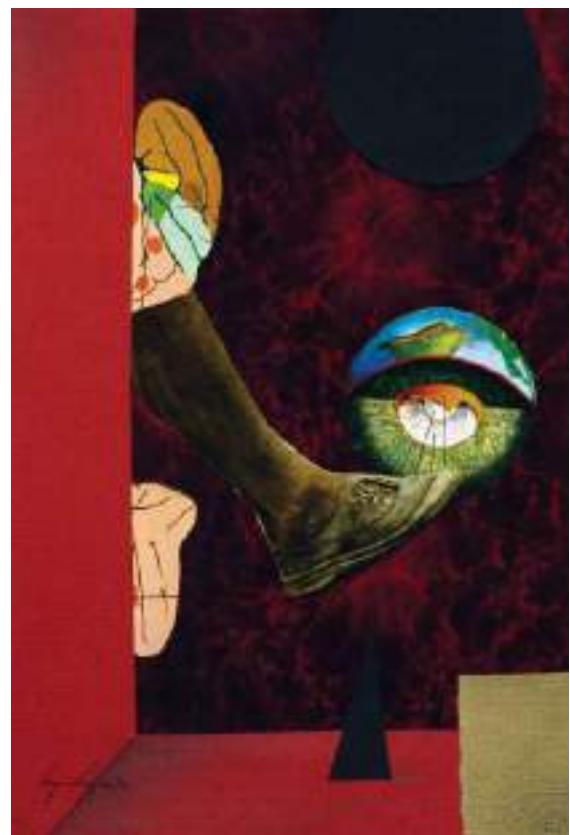
Cruzeiro Seixas (Portugal, 1920-2020)
Sem Título, 1953
Óleo sobre esteira de fibra natural, 59 x 64 cm, Ref.: CS08



Cruzeiro Seixas (Portugal, 1920-2020)
Sem título, n.d. - circa anos 1980
Técnica mista sobre papel, 41,3 x 32 cm, Ref.: CS56



Cruzeiro Seixas (Portugal, 1920-2020)
Sem Título, 2009
Técnica mista sobre papel, 25 x 15 cm, Ref:CS094



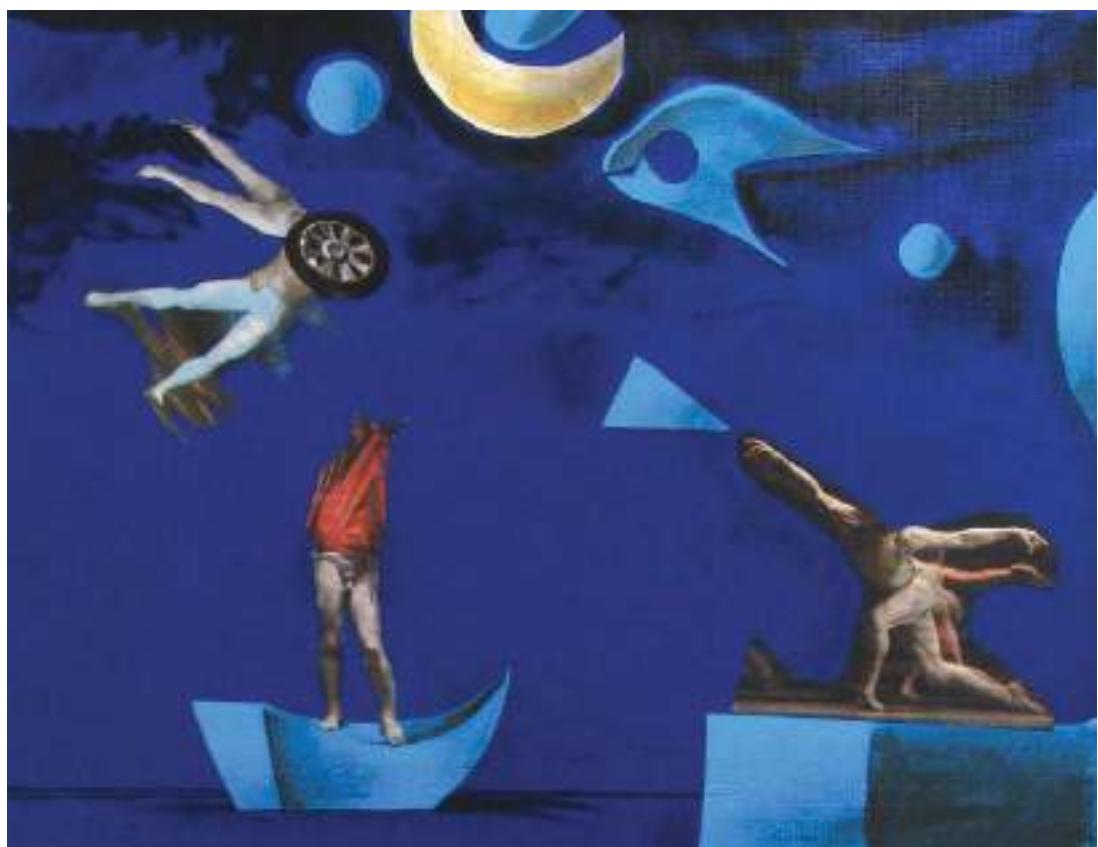
Cruzeiro Seixas (Portugal, 1920-2020)
Assim ficámos a saber que o deserto sabe escrever, ler e contar
Têmpera e colagem s/ papel, 25x15cm, 1970. Ref:CS040



Cruzeiro Seixas (Portugal, 1920-2020)
Sem título, 1953
Óleo em fibra natural, 8,5 x 23 cm, Ref.: CS138



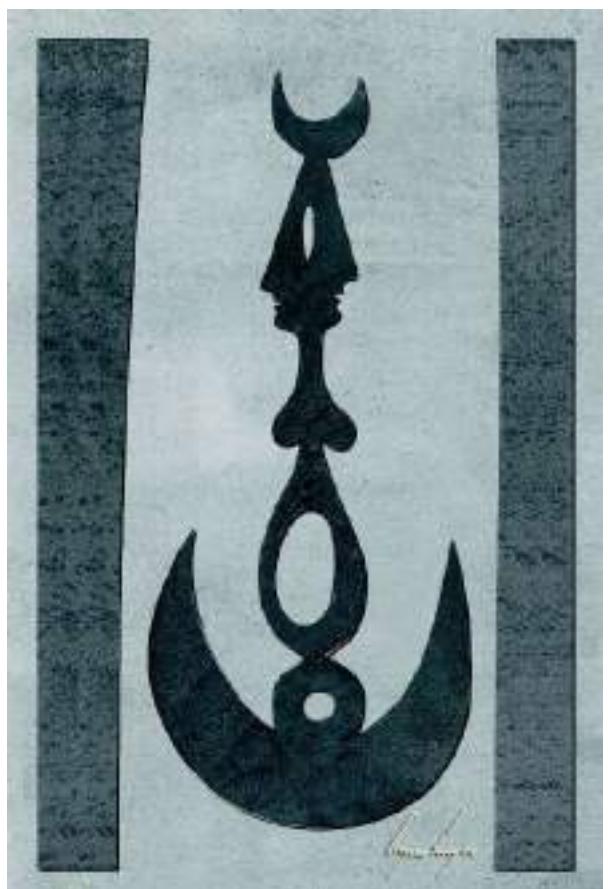
Cruzeiro Seixas (Portugal, 1920-2020)
Paisagem da alma, n.d. - circa anos 80
Tinta da china e Têmpera sobre papel, 20 x 26,5 cm, Ref.: CS51



Cruzeiro Seixas (Portugal, 1920-2020)
Sem Título, circa 1960
Têmpera e colagem sobre papel, 27 x 35 cm, Ref.: CS052



Cruzeiro Seixas (Portugal, 1920-2020)
Sem Título, 2013
Ferro e alumínio, 17 x 10 cm, Ref.: CS N4



Cruzeiro Seixas (Portugal, 1920-2020)
Sem Título, 2013
Ferro e alumínio, 15 x 10 cm, Ref.: CS N5

“RECONHECER-ME COMO UM ERRO

O SURREALISMO continua a ser, para mim, a mais segura prova de que as mãos do homem o podem manter, suspenso, sobre o precipício. As mãos, digo eu. Evidentemente suspenso! Devo no entanto tentar esclarecer que acredito que existam outras possibilidades e não vindas mais do futuro do que do passado. Tombar no precipício é evidentemente uma dessas possibilidades e não das menos aliciantes, parece-me.

Ouço, monótono, o ruído do mar no convés da cidade. Vejo os livros, como ilhas. E o mar, devolvendo os naufragos.

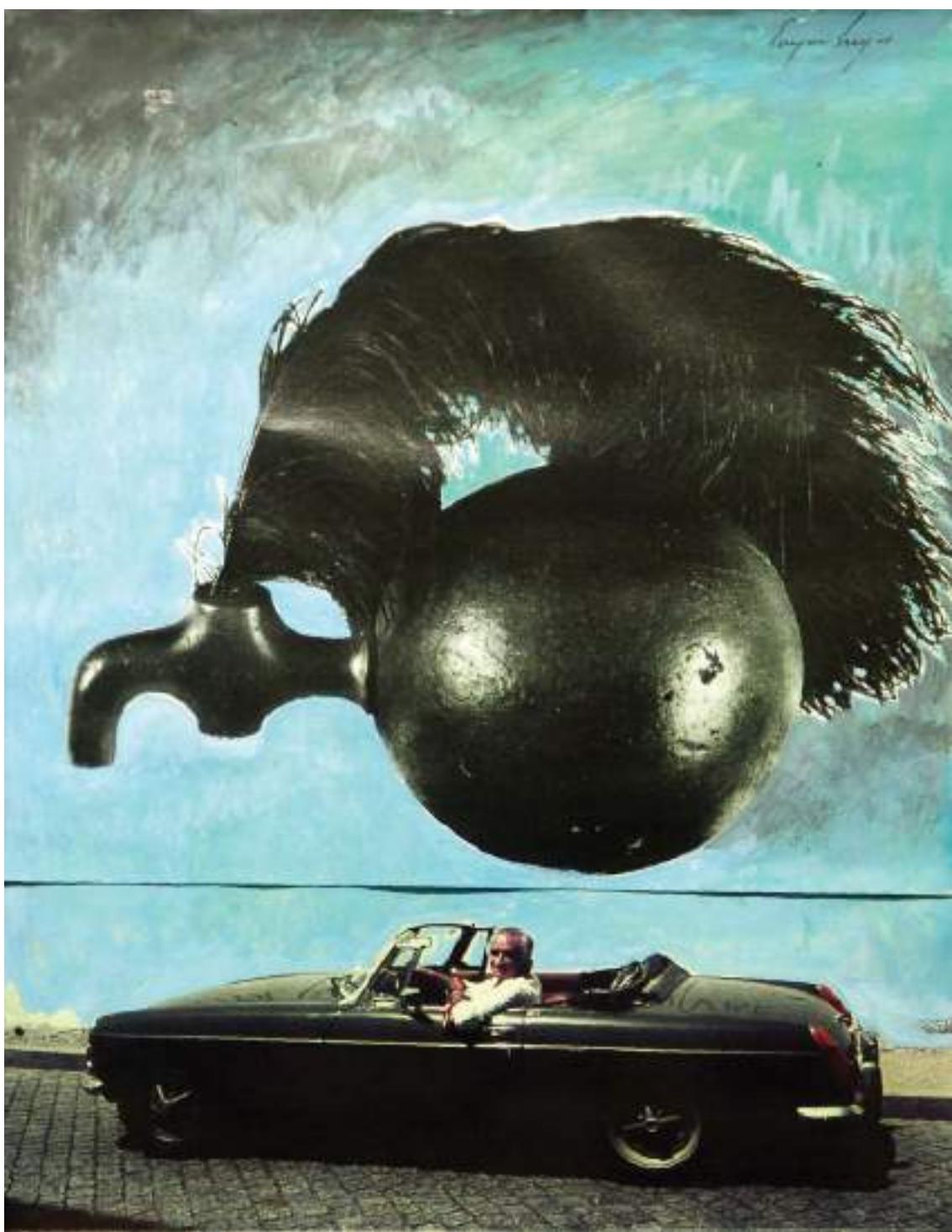
Poderei dizer que o surrealismo é uma estrada que me segue? O Surrealismo tem-me confirmado, a vida da pedra, o olhar fortuito, a porta fechada. Mas quero guardar, avaramente, uma certa dose de discordância e de denúncia. Por exemplo, parece-me extremamente risível a moralidade surrealista. E talvez, pior por menos risível, certo refinamento intelectualista, aceite e tornado lei por certas, muitas, gentes, execráveis, que se sentam surrealisticamente, gesticulam surrealisticamente, atravessam a rua surrealisticamente, julgam que o surrealismo é propriedade sua.

Por mim, o que sei, é que o sol é feito de delinquentes de delito comum, de gentes que não vêm biografadas em parte alguma, daqueles que nunca vestirão ridículos fatos de bronze, sobre plintos de mármore, nas praças públicas. É pouco o que sei, concordo.

Tinha esperado tanto pelo 25 de Abril, que julguei que em 1975 deveria aparecer, dar o meu contributo... Assim realizei uma exposição de 40 gouaches, de África, dos anos 1954 a 1958, na Galeria da Emenda. Estes gouaches, feitos nas minhas rápidas viagens ao interior de África (e ao meu interior), eram como cartas de amor, trocadas entre mim e esse continente extraordinário. Cartas de um amor correspondido, poderia dizer. Para esta exposição escreveu uma apresentação o poeta Alberto de Lacerda.



Cruzeiro Seixas (Portugal, 1920-2020)
Sem Título, n.d.
Colagem sobre papel, 17 x 23 cm, Ref.: CS105



Cruzeiro Seixas (Portugal, 1920)

Os meus dois automóveis, 1974

Têmpera sobre fotografia realizada por Mário Botas, 18 x 24 cm

Ref.: CS013



Cruzeiro Seixas (Portugal, 1920-2020)
Sem Título, circa 2010
Têmpera e tinta da china sobre papel, 30 x 34 cm
Ref.: CS160

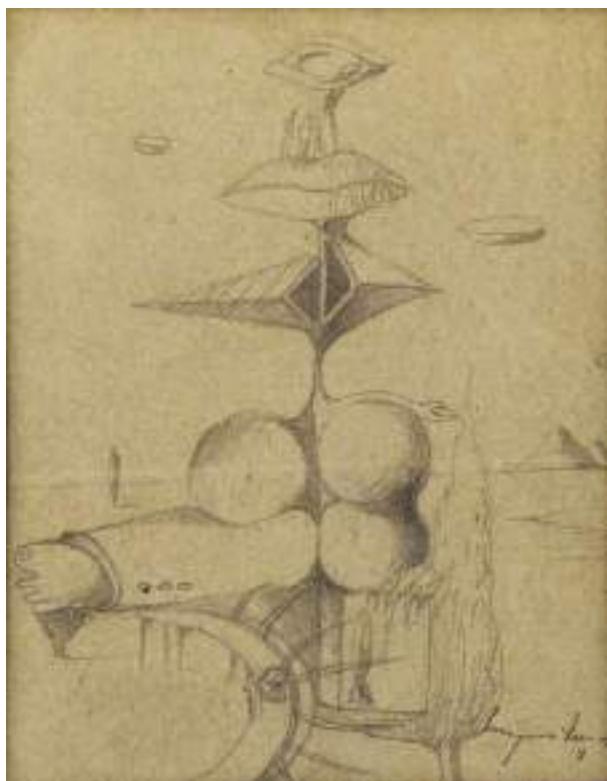
Acrescentarei que esta exposição quase não foi visitada. Outra, esta na Galeria de São Mamede, e cobrindo o período de 1940 a 1947, ou seja o período expressionista-neorealista, teve o mesmo destino aproximadamente. Mais público acorreu a uma exposição colectiva, que há anos preparam, amorosamente, e a que o Cesariny acabou dando o seu toque pessoal de improvisação. Eu via-a numa apresentação mais cuidada, que julgo lhe poderia dar mais sentido. Mas aqui não se pode esperar pelas soluções ideais, e eu já tenho muito pouca força para discutir. Foi uma exposição de «cadáveres esquisitos» e pinturas colectivas, na Galeria Ottolini, de que a minha parte de experiência foi uma coincidência quase impressionante com a Paula Rego, com o Raul Perez e com o Mário Botas.

Com esta exposição comemorámos o meio século da Revolução Surrealista. Desta exposição poderia ter nascido um curioso livro; esta exposição poderia ter ido lá fora (e a Gulbenkian ainda falou nisso...), mas tudo se dispersou, sem atingir o grau máximo de contacto — que deve ser a meta de todos os gestos. Recebi há pouco, por estranha coincidência, um rico catálogo de uma exposição de «cadáveres esquisitos», realizada em Milão...

Fazer um currículo, naturalmente, não é nada disto; mas como falar de coisas que nos apaixonam senão apaixonadamente? Como não lembrar tudo o que chegou até mim da guerra da Abissínia e da guerra de Espanha? E depois da Segunda Grande Guerra? E por que não hei-de lembrar coisas pequenas mas que não posso esquecer, como esta de não ter ido ver o Nureyev ao Coliseu, quando aqui passou pela primeira vez há uns anos, por não ter dinheiro para o bilhete?

Sou uma pessoa profundamente marcada. A ditadura deu-me uma experiência que hoje quase tenho de reconhecer como a minha única riqueza. Mas eu não sou verdadeiramente o Cruzeiro Seixas; sou um representante dele. Esse por certo que não visitaria só aos 45 anos os museus do Prado ou do Louvre, não ficaria preso na intragalhada deste meio abjecto... As pessoas empenham-se agora em assumir, isto e aquilo; eu antes de mais quero assumir a minha solidão, a distância a que fiquei do amor sublime, que acima de tudo desejei.”

Cruzeiro Seixas
Lisboa, 26 de Junho de 1975
Freitas, Lima de (1989) *Cruzeiro Seixas*, Soctip Editores, Lisboa.



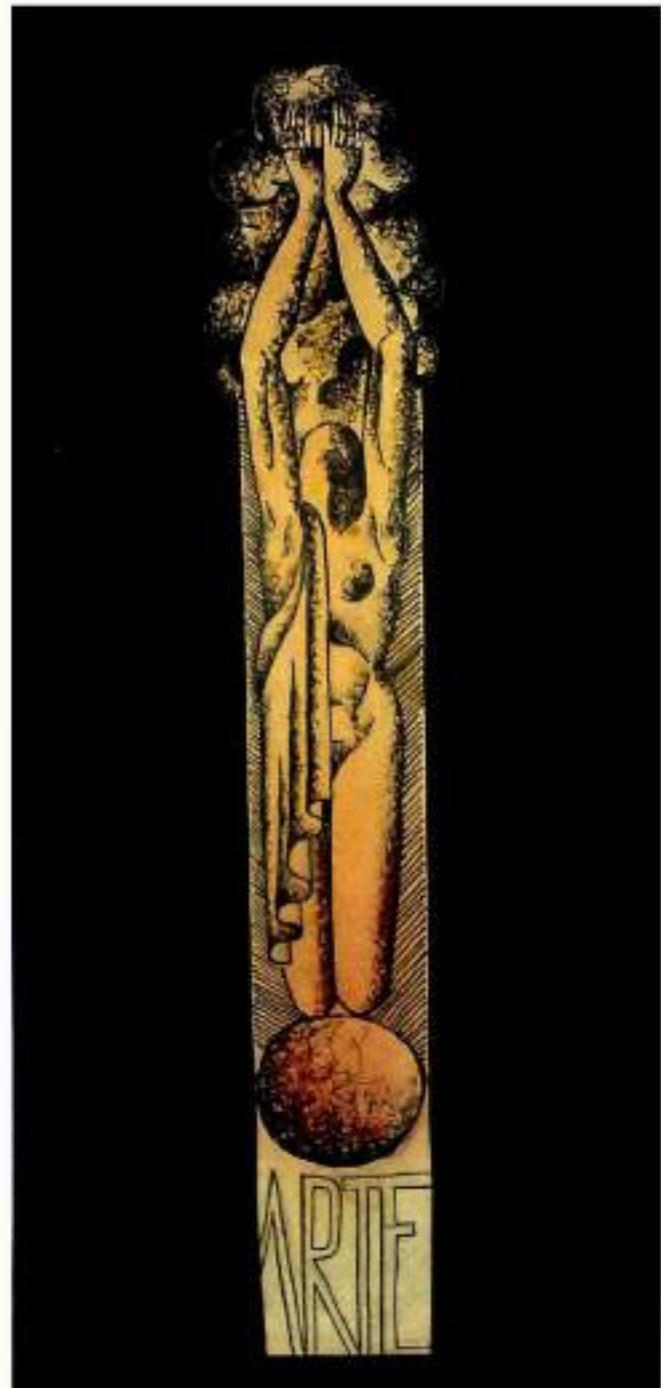
Cruzeiro Seixas (Portugal, 1920-2020)
Sem Título, n.d., circa 1949
Grafite sobre papel, 13 x 9 cm, Ref.: CS175



Cruzeiro Seixas (Portugal, 1920-2020)
Sem Título, n.d., circa 1936
Tinta da china sobre papel, 21 x 15,5 cm, Ref.: CS128



Cruzeiro Seixas (Portugal, 1920-2020)
Sem Título, n.d.
Bronze, 35 x 16 cm, Ref.: CS108



Seixas

Cruzeiro Seixas (Portugal, 1920-2020)
Arte, n.d - circa 1940
Tinta da china e Têmpera sobre papel, 25 x 6 cm, Ref.: CS102



Cruzeiro Seixas (Portugal, 1920-2020)
Projecto de Farol, 2000
Têmpera e tinta da china sobre papel, 40,5 x 28,5 cm, Ref.: CS153



Cruzeiro Seixas (Portugal, 1920-2020)
Duas ilhas, 1978
Tinta da china e têmpera sobre papel, 31,5 x 43,5 cm, Ref.: CS150



Cruzeiro Seixas (Portugal, 1920-2020)
Personagem estudando o cometa Halle, 1957 (Frente e verso)
Grafite e tinta da China sobre papel. 29,5 x 20,5 cm, Ref.: CS062



Cruzeiro Seixas (Portugal, 1920-2020)
As árvores de um outro mundo, n.d.
Têmpera e tinta da china sobre papel, 21 x 45 cm Ref.: CS146



Cruzeiro Seixas (Portugal, 1920-2020)
Sem Título, 2005
Tempera sobre papel, 24 x 32 cm, Ref.: CS112



Cruzeiro Seixas (Portugal, 1920-2020)
Sem Título, circa 1980
Têmpera e tinta da china sobre papel, 23,5 x 37,5 cm, Ref.: CS038

Hoje é um dia muito triste. Partiu Cruzeiro Seixas que conheci logo no início da Galeria de São Bento em 1984 e de quem fiz a segunda serigrafia do CPS. Surrealista irreverente foi um desenhador fabuloso e um poeta das palavras e das imagens. Para além da pintura, desenho, ilustração, criação de objetos ou cenários para companhias de bailado, Cruzeiro Seixas, sempre aspirou a dar tridimensionalidade aos seus projetos o que justificou a edição de inúmeros múltiplos de escultura por parte da minha Galeria. Ali também foi efetuada a sua primeira exposição individual exclusivamente de colagens, afirmando esta técnica e que inspiraria as exposições posteriores no CPS, onde usou as provas de teste de cor das suas próprias serigrafias. Um ser único, genial e inspirador que mereceu e merece toda a minha admiração e amizade.

E, com amizade e admiração partilho um poema efetuado em 2017 e terminado em 2020 dedicado a Cruzeiro Seixas:

I Parte

Tantos Anos

Artur

Trinta e cinco anos a ver

Criares tanto amor e tanta beleza

Sem esforço tão puro e tão natural

Sempre com essa tua certeza

Que o desenho que vai nascer

É um filho surreal

De tantos nunca fazes nenhum igual

Com a pena que desliza com o teu sentimento

Crias várias linhas em sofrimento

Até chegares exausto a um final

Sempre seguro no teu lamento

Para esconderes todas as dores

Que criaste com os teus amores

Tão leves e subtils como o vento

Que a todos soprou sem pudores

Criaste o teu próprio surrealismo

Com ele nasceu a tua única paixão

Surrealista de amores e profissão

Irreverente, viveu sempre num abismo

Que estava dentro do teu coração

Artur

És um ser humano descontente

Com o sonho de tudo mudar

Vingas-te quando vais desenhar

Então aí ficas diferente



Cruzeiro Seixas (Portugal, 1920-2020)

Sem Título, n.d. - circa 1990

Colagem, têmpera e ocultação sobre papel, 28 x 18 cm Ref.: CS050

II Parte

Partiste para sempre meu amigo
Levaste contigo muitos desenhos por fazer
O destino acabou por te vencer
Tu não querias, mas acabaste por ceder
Embarcar nesse barco como um castigo.

Partiste para sempre, amigo sonhador
Mas não levaste o mundo que construiste
Do outro mundo é que fugiste
Aquele que te causou tanta dor

Tinhas a alma na mão e desenhavas
O que sentias no corpo e no coração
Como bom marinheiro nessa onda navegavas
Seguias a linha surreal que inventavas
Até ao infinito da tua Paixão.

Se eras artista nenhum atelier te conheci
Nestes 35 anos que comigo trabalhaste
O infinito era a bancada que preparaste
Para desenhares ou escreveres o que amaste
O mundo que estava dentro de ti

Partiste, muitas coisas tinhas para fazer
Com tantos e tantos amigos que do céu caíram
Preferiste ires-te embora, para não te deixares vencer
Mas na tua dignidade, muito te feriram

A maneira como me despeço de ti é muito sentida
Pela forma tão paternal como me vias
Pelo afeto que por mim sentias
Vou ter saudades pela tua partida
Choro lágrimas de tristeza e alegrias.

Na vida fizeste quase tudo o que querias
Até na morte foste surreal
Dizias:
Não quero comer, não quero beber, não me levem a mal
Percebi e ouvi dentro de ti o grito fatal
Sei bem o que sentias
Um pouco de dignidade no teu final.



Cruzeiro Seixas (Portugal, 1920-2020)
Lá onde o negro sémen do mundo se gera no mais profundo dos vulcões, circa anos 80
Técnica mista sobre papel, 24 x 16,5 cm, Ref.: CS020

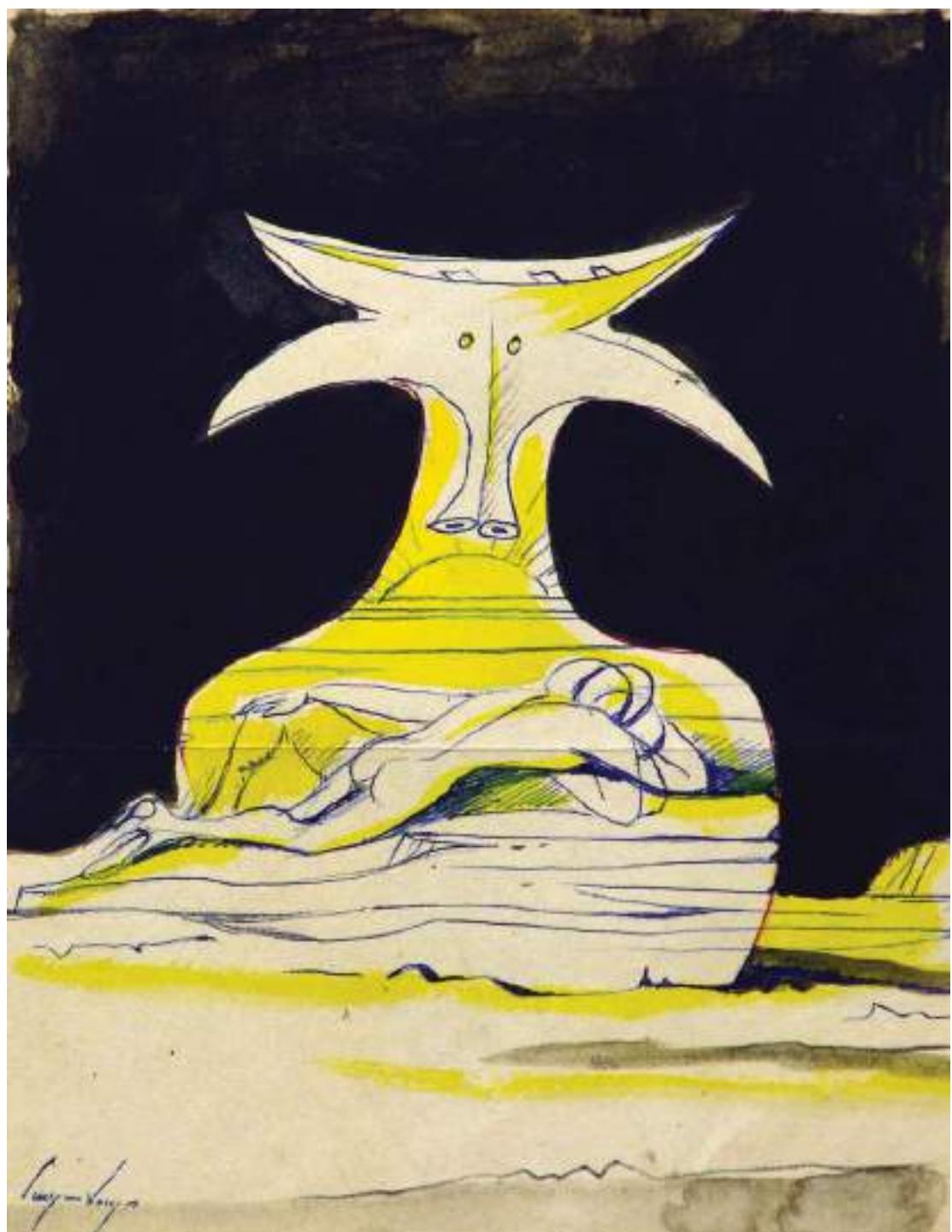
António Prates - Lisboa, 18 de novembro de 2020



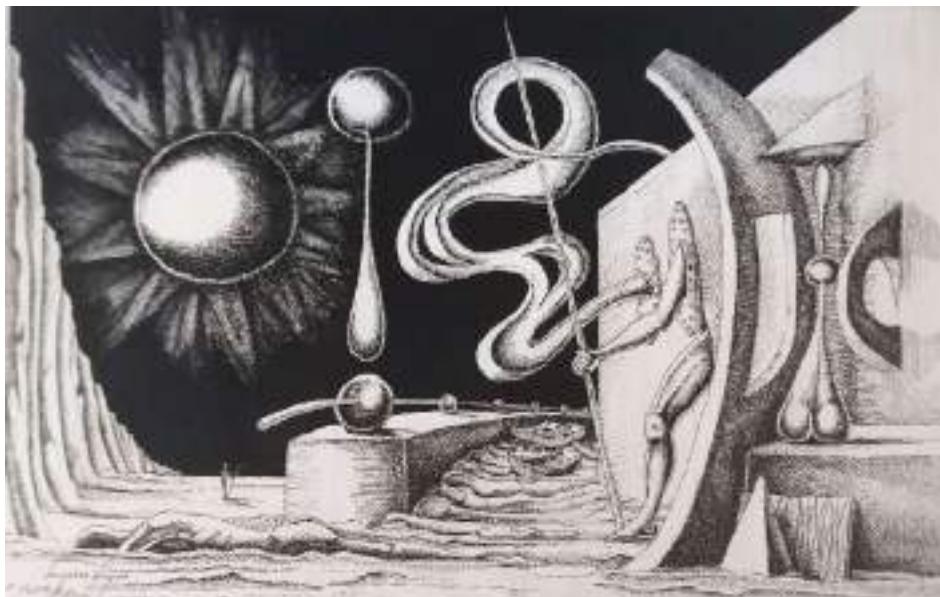
Cruzeiro Seixas (Portugal, 1920-2020)
O Maquinismo dos sonhos, 1980
Colagem, tempera e tinta da china sobre papel, 25,5 x 27,5 cm, Ref.: CS140



Cruzeiro Seixas (Portugal, 1920-2020)
Personagem estudando o cometa Halley, 1978
Tinta da china sobre papel, 29 x 19cm, Ref.: CS118



Cruzeiro Seixas (Portugal, 1920-2020)
Sem Título, circa 1950
Têmpera sobre papel, 15,5 x 12cm, Ref.: CS041



Cruzeiro Seixas (Portugal, 1920-2020)
Sem Título, n.d.
Técnica mista sobre papel, 21,5 x 31 cm, Ref.: CS182

Tentações nas Janelas Verdes

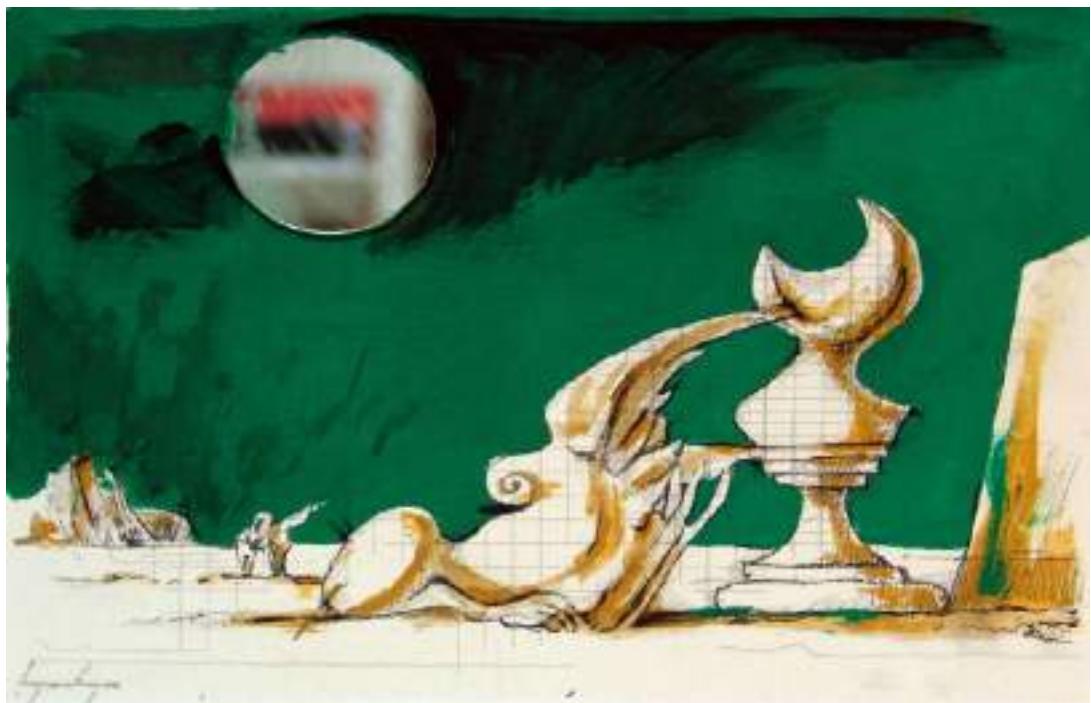
A chuva repentina e forte. Uma rampa. A mão esquerda no guarda chuva aberto e a direita na pega da cadeira de rodas. Um tormento. Tudo receio de algo lhe acontecer. Um deslize, o pé a escorregar, a mão a fraquejar. Regressávamos do Museu de Arte Antiga, onde almoçámos.

A sua atualizada curiosidade, o seu grande prazer de olhar, e ver, levara-nos à A Anunciação de Álvaro Pires de Évora. O quadro, primitivo de primitivos na pintura portuguesa, tinha tido aquisição recente. Surpreendeu-se pela sua pequena dimensão e pela aplicação do ouro. Mas, eu já sabia, a tentação, as tentações eram outras. E logo ali ao lado. Os Painéis, ditos de Nuno Gonçalves. Deles alude a um cortejo de uma réplica a desfilar do Marquês até ao Rossio que muito o marcou, nos anos 40. Solenidade. Circunspeção. Lamento melancólico. Pesar. Arrependimento. Serenidade inquieta. Silêncio triste. Mágica. Aparição. Os Painéis são uma paixão comum. Estou-lhe grato, esteve na origem da mostra que fiz na Capela do Fundador do Mosteiro da Batalha, Milagre – Elogio aos Painéis de Nuno Gonçalves. E ainda passámos por S. Vicente, atado à coluna e na cruz em aspa, pelo Ecce Homo. Montámos o cavalo alado do tempo para cortejar Domingues Sequeira. Com regresso ao final do século quinze para nos deslumbrarmos com as Tentações de Santo Antão. As infinitas de Hieronymus Bosch. Mundo de prodígios, horizonte onírico. Corpos improváveis, ruínas, espasmos. Ratos desmedidos e peixes voadores. Catástrofe de vozes e amores erráticos. Antiquíssimas memórias. Só nos faltou o acesso ao Inferno, de mestre português desconhecido.

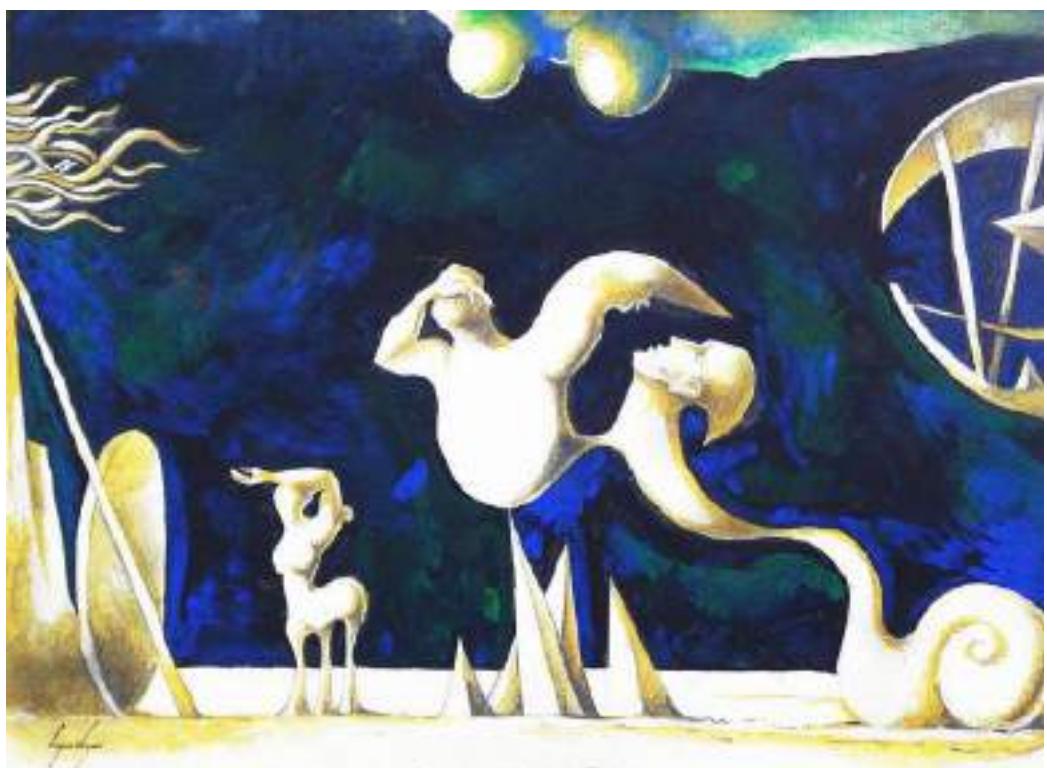
Uma chuva repentina e forte. A rampa. O tormento. A luz do Sonho extinguiu-se. Estão tristes os que amam a Liberdade sem fronteiras, os que veem na Cultura uma forma de sublimar a existência, os que se deleitam na Poesia do gesto, do traço, das formas. Na luz que ilumina as sombras. O princípio de Surrealismo, Cruzeiro Seixas, partiu e, com ele, todo um tempo, uma derradeira geração. Fica-nos o registo da sua prodigiosa imaginação para continuarmos a preservar um sonho novo: o que vai nascendo no olhar futuro de cada um.



Cruzeiro Seixas (Portugal, 1920-2020)
Sem Título, circa 1980
Têmpera e tinta da china sobre papel, 26,5 x 21cm, Ref.: CS048



Cruzeiro Seixas (Portugal, 1920-2020)
Sem título, 2009
Técnica mista sobre papel, 25 x 35 cm, Ref.: CS98



Cruzeiro Seixas (Portugal, 1920-2020)
Os segredos do vento, 2004
Tinta da china e têmpera sobre papel, 20 x 26,5 cm, Ref.:CS131



Cruzeiro Seixas (Portugal, 1920-2020)
A noite sem fim, 1977
Têmpera e tinta da china sobre papel, 43 x30,5 cm, Ref.: CS144

As Cartas do Rei Artur | Cinemateca Portuguesa

Este ciclo celebrativo de tributo a Cruzeiro Seixas também contará com uma sessão de cinema.

No dia 3 de dezembro, a Cinemateca Portuguesa apresenta o documentário *Cruzeiro Seixas - As Cartas do Rei Artur*.

Cruzeiro Seixas - As Cartas do Rei Artur de Cláudia Rita Oliveira foi realizado quando o artista tinha aos 95 anos.

O documentário rouba o nome a um excerto de uma de muitas cartas enviadas por Cesariny a Cruzeiro entre 1941 e 1974, compiladas no livro *Cartas de Mário Cesariny para Cruzeiro Seixas* (2014). É através delas e dos seus 57 diários (de apontamentos, fotografias, citações, colagens e desaforismos) que Cruzeiro Seixas revisita, com um misto de saudade e ironia, 95 anos de pintura e poesia vividos à sombra de Cesariny. As recordações de que dá conta são ambíguas e sem cronologia (como os seus diários), mas possuem uma lucidez que incomoda. O filme estreou no DocLisboa, no cinema S. Jorge, em 2015, com a presença de Cruzeiro Seixas, e foi-lhe atribuído o Prémio do Público - Prémio RTP para melhor filme português.



Imagens do documentário *Cruzeiro Seixas - As Cartas do Rei Artur*

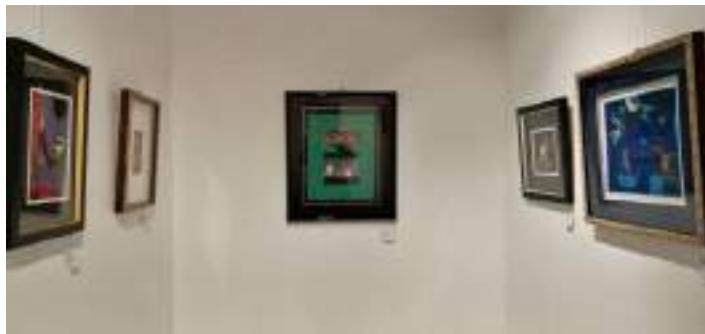
Construir o Nada Perfeito

Exposição do ciclo dos 70 anos d’Os Surrealistas em Portugal,
realizada no espaço Atmosfera M
26 de Junho de 2019

O ciclo decorreu por ocasião da celebração dos 70 anos sobre a 1.ª exposição do anti-grupo surrealista português “Os Surrealistas”, fundado por Cruzeiro Seixas e Mário Cesariny, acompanhados pelos demais artistas que, na década de 40 do século XX, operaram em Lisboa a maior revolução cultural que o país experimentou na época.

Recordando a célebre exposição que, em 1949, teve lugar na sala de projeções da Pathé Baby, junto à Sé de Lisboa, pretendeu-se homenagear os membros daquele anti-grupo surrealista português e todos os outros autores que, por via da afinidade artística e intelectual, com eles estabeleceram uma relação nas décadas posteriores.

Sob a curadoria do diretor artístico da Casa da Liberdade - Mário Cesariny, Carlos Cabral Nunes, apresentou-se um conjunto de obras históricas, provenientes da coleção desta instituição, a par com documentação original, em vários suportes, relativa a este movimento artístico, ímpar no contexto nacional.





A exposição contava com a apresentação e exibição de uma seleção de filmes sobre os seus membros do Grupo e o seu percurso artístico, entre os quais os realizados, nos anos 50 do século XX por Carlos Calvet, também ele membro de “Os Surrealistas”.

A exposição realizada no espaço atmosfera m Lisboa deu especial enfâse à obra de Cruzeiro Seixas, figura centenária e incontornável da história da arte moderna e contemporânea em Portugal e o último elemento vivo do anti-grupo surrealista português.

Além de trabalhos originais deste autor, diversos artistas contemporâneos, nacionais e internacionais, deram corpo a esta celebração, homenageando o “gesto” precursor de “Os Surrealistas”, através da criação de obras que configuravam uma espécie de recontextualização e releitura da obra de Cruzeiro Seixas.



A propósito de algumas teorias que por aí andam, há demasiado tempo, procurando desvalorizar a obra plástica de Artur do Cruzeiro Seixas - Surrealista, recordo o ditado popular “a ignorância é muito atrevida” e o que me disse, em 2005, o querido amigo e mestre cabo-verdiano Manuel Figueira, sobre o tempo em que veio cursar belas-artes para Lisboa. Dizia ele que “vinha com o atrevimento da juventude. Queria fazer coisas. O choque foi brutal. Aquilo (Portugal) era uma sociedade muito fechada, que não era a minha. Sofri muito” e, sendo certo que isso sucede amiúde aos jovens, já o mesmo, o atrevimento em idade maior, quando o juízo deveria ditar ponderação e humildade, torna, quem assim procede, apenas grosseiro e quiçá mesquinho.

A obra legada por Cruzeiro Seixas é tão vasta e multifacetada que uma análise superficial torna impossível um juízo sério, seja na selecção de imagens que a inteligência artificial do Google é capaz de produzir, seja mesmo na extensa bibliografia em papel já produzida e publicada.

Ignorante que sou, não obstante as dezenas de milhar de obras que dele vi e inventariei, atrevo-me humildemente a afirmar, com a convicção pueril do jovem que em mim habita, que o que está ainda por descobrir, na imensidão do legado de Cruzeiro Seixas, é provavelmente maior do que o já conhecido. É um trabalho para vindouros. Esses apenas poderão fazer-lhe plena justiça.

Por agora podemos apenas curvar-nos perante tão enorme Surrealista, fazendo votos de que mais pessoas lhe sigam e prossigam os passos.

O Mário Cesariny dizia que Salvador Dali era, de facto, genial mas que lhes tinha feito, a eles todos, aos Surrealistas, muito mal. Involuntariamente. “É que os americanos, na sua profunda ignorância e necessidade de simplificação, quando o viram chegar disseram: o Surrealismo é isto. É aquela estética. Ora, o Surrealismo, mais do que uma estética é uma ética e esta apresenta-se de múltiplas formas visuais, poéticas, intelectuais.” Assim é o legado de Cruzeiro Seixas. Multidimensional, policêntrico, diverso. Recusando, por inerência, a mestria da obra prima. Absorver aprofundadamente o que realizou em vida, requer estudo sobre a globalidade dessa sua sua criação, não apenas uma análise superficial de umas quantas obras ou séries. E isso exige tempo, dedicação e, especialmente, vontade.

Ontem, por acaso feliz, um rapazinho jovem, emigrado, que faz de ajudante na remodelação que está em curso em minha casa, subitamente disse “gosto muito das pinturas que tem aqui”, ao que lhe perguntei “quais?”. Especialmente esta, disse, apontando uma obra de Cruzeiro Seixas ladeada por muitas outras de outros tantos autores. Expliquei-lhe que tinha sido feita pelo amigo que me tinha feito sair de casa, para lhe velar o corpo sem vida, nesse dia. Que tinha o dobro da minha idade quando morreu e que aquela obra teria sido feita na época em que tinha a idade que tenho eu hoje. O Artur teria gostado muito disto, como despedida e de conhecer o jovem Nedilson, por certo.

Como em tempos se escreveu em Portugal, por Os Surrealistas, aquando do falecimento de Breton:

NÃO HÁ MORTE, NA MORTE DE CRUZEIRO SEIXAS!

Carlos Cabral Nunes

*11 de Novembro de 2020 - Texto publicado nas redes sociais,
em resposta a tentativas de subalternização da obra artística de Cruzeiro Seixas.*

Dossier de Imprensa

Ciclo de Celebração dos 70 anos da 1ª exposição d'Os Surrealistas

Revista *Ípsilon*, 24 de Junho de 2019

ípsilon

ARTE CONTEMPORÂNEA

Lisboa celebra os 70 anos de Os Surrealistas

Para celebrar os 70 anos da primeira exposição do grupo Os Surrealistas vão ser realizados vários tributos honrar o grupo e os seus fundadores.

CASA PÚBLICO - 24/06/2019, 10:19



Quatro exposições e um tributo a Cruzeiro Seixas (na fotografia), um dos fundadores, como Mário Cesariny, de Os Surrealistas NELSON GARCIA

De forma a celebrar os 70 anos da primeira exposição do grupo Os Surrealistas vão ser apresentadas em Lisboa, a partir de quarta-feira, quatro exposições e um tributo a Cruzeiro Seixas, um dos fundadores, como Mário Cesariny.

De acordo com a organização, a celebração será um ciclo intitulado *Reverberar Os Surrealistas em Lisboa, 70 anos depois!*, e pretende evocar a exposição que lançou, em 1929, na capital portuguesa, o grupo que se opôs ao Grupo Surrealista de Lisboa, que também expôs no mesmo ano. Mário Cesariny, que nascera por fazer parte do Grupo Surrealista de Lisboa acabaria por sair e fundar em novo (anti-)grupo ao qual pertenceriam Cruzeiro Seixas, Mário-Henrique Leiria, António Maria Lisboa, H. Risques Pereira, Fernando José Francisco e Pedro Orm, entre outros. As exposições dos dois grupos, nesse ano, durante 15 dias, provocaram escândalo na época e constituiriam um marco na modernidade em Portugal, influenciando sucessivas gerações de futuros autores.

Cruzeiro Seixas, último dos fundadores do "anti-grupo" que permanece ainda activo, com quase 99 anos de idade, irá ter um tributo na mostra antológica, por ele intitulada *Construir o mundo perfeito*, que abrirá o ciclo na quarta-feira, no espaço *Atmosfera M*, da Associação Mutualista Montepio, na Rua Castilho, em Lisboa. A exposição será evocada também a partir de álbuns no núcleo *Surrealismo em 1929*, na Perga Galeria, em Alfama.

No mesmo dia, na Casa da Liberdade - Mário Cesariny, apresentam-se na exposição *Convergências e Miscigenação* até 1975, obras realizadas até 1975, que revelam a influência de Os Surrealistas num conjunto alargado de autores dos países de língua portuguesa. Essa influência teve um protagonista maior: Artur do Cruzeiro Seixas, que rumou à África em 1952, acabando por se fixar em Angola até 1964, ai realizando várias exposições itinerantes.



Exposição surrealista recorda "escândalo" de 60 anos

LER MAIS

No dia 9 de Julho, irá inaugurar-se, na Galeria aPGez (A P G e z Inc), em Alcântara, a mostra *Global(ismo)*, que reúne obras realizadas desde o ano 2000, por artistas internacionais e dos Países de Língua Oficial Portuguesa (PALOP), "uma perspectiva de homenagear Os Surrealistas e de coloar em realce os múltiplos caminhos que este movimento atua e onde se manifesta artista", segundo a organização.

Serão apresentados filmes sobre Os Surrealistas e o seu percurso, entre os quais os realizados nos anos 1950 do século XX, por Carlos Collet.

Sob a curadoria de Carlos Collet Nunes, este ciclo de celebração irá contemplar também diversos actos performativos e outras exposições, a realizar em vários pontos da pais.



70 anos de "Os Surrealistas". Há quatro exposições em Lisboa para celebrar o grupo de Cesariny e Cruzeiro Seixas

A celebração dos 70 anos da primeira exposição do grupo "Os Surrealistas" vai apresentar, em Lisboa, a partir de quarta-feira, quatro exposições e um tributo a **Cruzeiro Seixas**, um dos fundadores, como **Mário Cesariny**. De acordo com a organização, a celebração tem a forma de um ciclo intitulado "Reviver 'Os Surrealistas em Lisboa, 70 anos depois'", e pretende evocar a exposição que lançou, em 1949, na capital portuguesa, um grupo que se opõe ao Grupo Surrealista de Lisboa, que também expôs no mesmo ano.

Mário Cesariny, que começou por fazer parte do Grupo Surrealista de Lisboa, acabaria por sair e fundar um novo grupo ao qual pertenciam **Cruzeiro Seixas, Mário-Henrique Leiria, António Maria Lisboa, H. Risques Pereira, Fernando José Francisco e Pedro Osm**, entre outros. As exposições dos dois grupos, nesse ano, que provocaram escândalo na época, constituiriam um marco na modernização em Portugal, influenciando sucessivas gerações de autores.

Cruzeiro Seixas, último dos fundadores do 'anti grupo' que permaneceu ainda ativo, com quase 99 anos de idade, irá ser alvo de um tributo na mostra antológica, por ele intitulada "Construir o nada perfeito", que abrirá o ciclo na quarta-feira, no espaço Atmosfera M, da Associação Mutualista Montepio, na Rua Castilho, em Lisboa. A exposição será evocada também a partir de sábado no núcleo "Surrealismo em 1949", na Perva Galeria, em Alfama.

No mesmo dia, na **Casa da Liberdade - Mário Cesariny**, apresentam-se na exposição "Conexões e Miscigenação até 1975", obras realizadas até 1975, que revelam a influência de "Os Surrealistas" num conjunto alargado de autores dos países de língua portuguesa. Essa influência teve um protagonista maior: **António Cruzeiro Seixas**, que rumou a África em 1952, acabando por se fixar em Angola até 1964, só realizando várias exposições marcantes.

No dia 2 de julho, irá inaugurar na **Galeria aPGm2** (A PiGeon 2), em Alcântara, a mostra "Globalismo", que reúne obras realizadas desde o ano 2000 por artistas internacionais e dos Países de Língua Oficial Portuguesa (PALOP), "numa perspetiva de homenagear 'Os Surrealistas' e de colocar em evidência os múltiplos caminhos que este movimento abriu e onde se mantém atual", segundo a organização.

Serão apresentados filmes sobre Os Surrealistas e o seu percurso, entre os quais os realizados, nos anos 1950 do século XX, por **Carlos Calvet**. Sob a curadoria de **Carlos Cabral Nunes**, este ciclo de celebração irá contemplar também diversos atos performativos e outras exposições, a realizar em vários pontos do país.

CULTURA

Exposição de tributo a Cruzeiro Seixas na Atmosfera M, em Lisboa



*Cartaz Cultural, SIC Notícias
24 de Junho de 2019*

Construir o Nada Perfeito | Casa da Liberdade - Mário Cesariny Homenagem a Cruzeiro Seixas no seu Centenário

Site Cultura ao Minuto, 14 de Setembro de 2020

CULTURA AO MINUTO

ÚLTIMA HORA POLÍTICA ECONOMIA DESPORTO FAMA PAÍS MUNDO TECH **CULTURA** LIFESTYLE

Perve Galeria celebra 20 anos e centenário de Cruzeiro Seixas

Uma exposição comemorativa dos 20 anos de existência da Perve Galeria e outra dedicada ao centenário do nascimento do artista plástico Cruzeiro Seixas vão marcar a reabertura deste espaço, em Lisboa, em 19 de setembro.

10.04.14/09/20 POR LUSA
CULTURA / EXPOSIÇÃO

[Partilhar](#) [Partilhar](#) [Partilhar](#) [Partilhar](#)

Encerrada desde março, devido às medidas de confinamento exigidas para conter a pandemia da covid-19, a Perve Galeria vai retomar a atividade inaugurando um ciclo comemorativo dos seus 20 anos de existência em Alfama, com uma mostra intitulada 'Diálogos 2.0', que contará com mais de uma centena de obras de arte a recordar as exposições realizadas.



Segundo a galeria, esta exposição vai reunir três gerações de artistas, entre os quais se encontram Reinsta Sadiumba (Moçambique, 1945), Ivan Villalobos (Chile, 1976), Javier Félix (Colômbia, 1976) e Liudvika S. Koort (Lituânia, 1994).

Algumas destas obras foram exibidas na secção "Dialogues" da London Art Fair 2020, em Janeiro deste ano, na capital britânica.

Este ciclo comemorativo da abertura da galeria conta também com um tributo a Cruzeiro Seixas, no centenário do nascimento daquele que é um dos artistas mais destacados do surrealismo português.

Cruzeiro Seixas, que completa 100 anos em 03 de dezembro próximo, participou numa exposição na Perve Galeria em 2006, em conjunto com os artistas também surrealistas Fernando José Francisco, falecido em 2008, e Mário Cesariny, que faleceu nesse ano, seus companheiros no grupo Os Surrealistas (de 1949).

Esta virá a ser a derradeira exposição onde participaria o poeta e artista plástico Cesariny.

As exposições, que poderão ser visitadas virtualmente, com informação em português e inglês, ficarão abertas até ao dia 19 de dezembro. A programação da reabertura contará com performances artísticas.

Perve Galeria celebra 20 anos e centenário de Cruzeiro Seixas com duas exposições

19-09-2020 06:17 | Pôr
Porto Canal em Lusa

 Like One person likes this. Sign Up to see what your friends like.

Lisboa, 14 set 2020 (Lusa) - Uma exposição comemorativa dos 20 anos de existência da Perve Galeria e outra dedicada ao centenário do nascimento do artista plástico Cruzeiro Seixas, que se assinala em dezembro, marcam, hoje, a reabertura deste espaço, em Lisboa.

Encerrada desde março, devido às medidas de confinamento exigidas para conter a pandemia da covid-19, a Perve Galeria vai retomar a atividade inaugurando um ciclo comemorativo dos seus 20 anos de existência em Alfama, com uma mostra intitulada "Diálogos 2.0", que contará com mais de uma centena de obras de arte a recordar as exposições realizadas.

Segundo a galeria, esta exposição vai reunir três gerações de artistas, entre os quais se encontram Reinaldo Sadimba (Moçambique, 1945), Iván Villalobos (Chile, 1975), Javier Félix (Colômbia, 1976) e Liudvika S. Koort (Lituânia, 1994).

Algumas destas obras foram exibidas na seção "Dialogues" da London Art Fair 2020, em janeiro deste ano, na capital britânica.

Este ciclo comemorativo da abertura da galeria conta também com um tributo a Cruzeiro Seixas, no centenário do nascimento daquele que é um dos artistas mais destacados do surrealismo português.

Cruzeiro Seixas, que completa 100 anos em 03 de dezembro próximo, participou numa exposição na Perve Galeria em 2006, em conjunto com os artistas Fernando José Francisco (1922-2008) e Mário Cesário (1923-2006), seus companheiros do Grupo Surrealista da Lisboa, resultante da cisão do Movimento Surrealista Português, e participantes na primeira exposição d "Os Surrealistas", em 1949.

Esta exposição de 2006, virá a ser a derradeira mostra organizada em vida do poeta e artista plástico Mário Cesário.

As exposições, que poderão ser visitadas virtualmente, com informação em português e inglês, ficarão abertas até ao dia 19 de dezembro. A programação da reabertura contará com performances artísticas.

AG (MAG/CP) // MCL

Lusa/Fim

Últimas

113 notícias | 05:59 | 17/09/2020

Perve Galeria celebra 20 anos e centenário de Cruzeiro Seixas com duas exposições

Últimas

Uma exposição comemorativa dos 20 anos de existência da Perve Galeria e outra dedicada ao centenário do nascimento do artista plástico Cruzeiro Seixas, que se assinala em dezembro, marcam, hoje, a reabertura deste espaço, em Lisboa.

Encerrada desde março, devido às medidas de confinamento exigidas para conter a pandemia da covid-19, a Perve Galeria vai retomar a atividade inaugurando um ciclo comemorativo dos seus 20 anos de existência em Alfama, com uma mostra intitulada "Diálogos 2.0", que contará com mais de uma centena de obras de arte a recordar as exposições realizadas.

Segundo a galeria, esta exposição vai reunir três gerações de artistas, entre os quais se encontram Reinaldo Sadimba (Moçambique, 1945), Iván Villalobos (Chile, 1975), Javier Félix (Colômbia, 1976) e Liudvika S. Koort (Lituânia, 1994).

Algumas destas obras foram exibidas na seção "Dialogues" da London Art Fair 2020, em janeiro deste ano, na capital britânica.

Este ciclo comemorativo da abertura da galeria conta também com um tributo a Cruzeiro Seixas, no centenário do nascimento daquele que é um dos artistas mais destacados do surrealismo português.

Cruzeiro Seixas, que completa 100 anos em 03 de dezembro próximo, participou numa exposição na Perve Galeria em 2006, em conjunto com os artistas Fernando José Francisco (1922-2008) e Mário Cesário (1923-2006), seus companheiros do Grupo Surrealista da Lisboa, resultante da cisão do Movimento Surrealista Português, e participantes na primeira exposição d "Os Surrealistas", em 1949.

Esta exposição de 2006, virá a ser a derradeira mostra organizada em vida do poeta e artista plástico Mário Cesário.

As exposições, que poderão ser visitadas virtualmente, com informação em português e inglês, ficarão abertas até ao dia 19 de dezembro. A programação da reabertura contará com performances artísticas.

Últimas

Reinaldo Sadimba | Moçambique | Iván Villalobos | Chile | Javier Félix | Colômbia | Sámielotek | Perve Galeria | Surrealista



Perve Galeria celebra 20 anos e centenário de Cruzeiro Seixas com duas exposições

Uma exposição comemorativa dos 20 anos de existência da Perve Galeria e outra dedicada ao centenário do nascimento do artista plástico Cruzeiro Seixas, que se assinala em dezembro, marcam, hoje, a reabertura deste espaço, em Lisboa.

Encerrada desde março, devido às medidas de confinamento exigidas para conter a pandemia da covid-19, a Perve Galeria vai retomar a atividade inaugurando um ciclo comemorativo dos seus 20 anos de existência em Alfama, com uma mostra intitulada "Diálogos 2.0", que contará com mais de uma centena de obras de arte a recordar as exposições realizadas.

Segundo a galeria, esta exposição vai reunir três gerações de artistas, entre os quais se encontram Reinaldo Sadimba (Moçambique, 1945), Iván Villalobos (Chile, 1975), Javier Félix (Colômbia, 1976) e Liudvika S. Koort (Lituânia, 1994).



ACTUALIDADE

Perve Galeria celebra 20 anos e centenário de Cruzeiro Seixas com duas exposições

19 | 09 | 2020 | 06:10H

Uma exposição comemorativa dos 20 anos de existência da Perve Galeria e outra dedicada ao centenário do nascimento do artista plástico Cruzeiro Seixas, que se assinala em dezembro, marcam, hoje, a reabertura deste espaço, em Lisboa.

Encerrada desde março, devido às medidas de confinamento exigidas para conter a pandemia da covid-19, a Perve Galeria vai retomar a atividade inaugurando um ciclo comemorativo dos seus 20 anos de existência em Alfama, com uma mostra intitulada "Diálogos 2.0", que contará com mais de uma centena de obras de arte a recordar as exposições realizadas.

Segundo a galeria, esta exposição vai reunir três gerações de artistas, entre os quais se encontram Reinata Sadimba (Mozambique, 1945), Ivan Villalobos (Chile, 1975), Javier Félix (Colômbia, 1976) e Liudvika S. Koort (Lituânia, 1994).

Destak/LUSA | DESTAK@DESTAK.PT

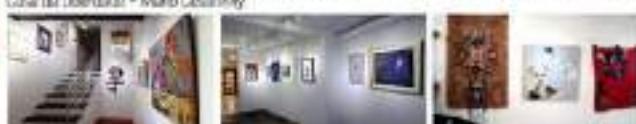
Revista Rua, 16 de Setembro de 2020



No âmbito da celebração dos 20 anos da Perve Galeria, em Alfama, será inaugurado um ciclo comemorativo que contará com mais de uma centena de obras de arte, permitindo realizar outras tantas exposições que a instituição tem vindo a apresentar desde o início. As diversas exposições estão disponibilizadas para visitar até dia 19 de dezembro, complementando com uma componente virtual.

A exposição "Diálogos 2.0" inicia a 19 de setembro, assinalando a reabertura da galeria depois de um período de encerramento necessário, e contará com uma componente interativa online, destacando várias personalidades nacionais e internacionais. Esta mostra terá ainda algumas das suas previsões expositivas na secção Dialogues da London Art Fair 2020, já nunciada anteriormente em Portugal. Esta exposição estará patente até 19 de dezembro.

Este ciclo comemorativo é apelidado também como um tributo a Cruzeiro Seixas, no contexto do nascimento deste que é um dos mais dedicados artistas nacionais e que virá a colaborar com a galeria desde o início, tendo sido ainda responsável por algumas das suas maiores exposições. A exposição "Construir o Paraíso Perfeito" é inaugurada a 19 de setembro, entre as 15h00 e as 21h00, na Casa da Liberdade - Mário Cesariny.



De 21 de setembro até ao último dia do ciclo comemorativo, será possível visitar a exposição sobre o artista surrealista português, Figueiredo Reis, na al'Marq (em Alcântara). Figueiredo Reis: Visão Retrospectiva de um Mestre é uma exposição que inclui a criação artística neste artista multifacetado. Segue-se a Coleção Luís Filipe, que se constitui como uma das mais relevantes coleções de arte moderna e contemporânea dos países de língua portuguesa.

Dois dias depois de divulgação dos anos visuais, numa comemoração que contará com a presença do Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa, da Ministra da Cultura, Diana Ferreira, e de vários embaixadores oficiais de diversos países cuja arte terá sido promovida pela instituição. Para além das dezenas de exposições, incluindo dedicadas a artistas nacionais e dos PAOPs, a Perve tem ainda participado em diversas feiras internacionais, que acontecem em Madrid, Londres, Paris, Nova Iorque ou até no Dubai.

As exposições estão patentes até ao dia 19 de dezembro, visando respeitar as normas aconselhadas pela Direção-Geral da Saúde (DGS), e para a decisão de visitar, poderá subir a uma plataforma móvel de uma hora e cujo horário deve ser efectuado previamente através deste link. O horário de funcionamento da Galeria é das 14h00 às 20h00, de segunda a sábado.



PERVE GALERIA ASSINALA 20 ANOS COM UMA HOMENAGEM AO CENTENÁRIO DE CRUZEIRO SEIXAS

Revista
ESTRANHAMENTO

Medalha de Mérito Cultural atribuída a Cruzeiro Seixas no ano de celebração do seu centésimo aniversário

RTP Notícias, 14 de Outubro de 2020



CULTURA

14 Outubro 2020, 17:38

Medalha de Mérito Cultural atribuída ao "decano da arte portuguesa" Cruzeiro Seixas

O artista plástico Cruzeiro Seixas foi distinguido hoje com a Medalha de Mérito Cultural, anunciou o Ministério da Cultura, salientando que a vida e obra deste 'decano da arte portuguesa' "representam um contributo incontestável para a cultura portuguesa".

Num comunicado hoje divulgado, a tutela refere que "a ministra da Cultura, Graça Fonseca, entregou esta manhã a Medalha de Mérito Cultural a Artur do Cruzeiro Seixas", tendo a cerimónia decorrido na Biblioteca Nacional de Portugal, em Lisboa, "no âmbito das celebrações do centenário do nascimento do artista".

Cruzeiro Seixas, "decano da arte portuguesa e um dos grandes nomes do surrealismo europeu", completa 100 anos no dia 03 de dezembro.

O Ministério da Cultura considera que "a vida e obra de Cruzeiro Seixas representam um contributo incontestável para a cultura portuguesa".

Na cerimónia de hoje, Graça Fonseca afirmou, citada no comunicado, que "mais do que a devida homenagem pública que estes gestos representam, é a cultura portuguesa que se eleva ao reconhecer aqueles que nela deixaram o seu registo inapagável, como Cruzeiro Seixas".

Segundo a tutela, na mesma ocasião, Graça Fonseca disse a Cruzeiro Seixas que "a Medalha de Mérito Cultural constitui um reconhecimento institucional, mas é também um reconhecimento pessoal de alguém que se junta aos muitos que o admiram e que em si reconhecem um olhar que sempre viu mais longe e mais profundo".

"O que hoje entregamos há muito era sabido por quem o leu e por quem observou o universo interminável da sua obra: que o seu é um dos grandes nomes da cultura portuguesa", afirmou.

A Biblioteca Nacional de Portugal, onde decorreu a cerimónia, tem patente, até 31 de dezembro, a exposição "O Tempo das Imagens III", realizada no âmbito do 35.º aniversário do Centro Português de Serigrafia (CPS), com 99 obras de 77 artistas e que inclui uma sala totalmente dedicada à obra de Cruzeiro Seixas.

Medalha de Mérito Cultural atribuída ao "decano da arte portuguesa" Cruzeiro Seixas

O artista plástico Cruzeiro Seixas foi distinguido hoje com a Medalha de Mérito Cultural, anunciou o Ministério da Cultura, salientando que a vida e obra deste "decano da arte portuguesa" "representam um contributo incontestável para a cultura portuguesa".



Os três primeiros volumes da obra poética de Cruzeiro Seixas relâmpago poética já foram publicados, nomeadamente pelas Edições Quisi, nesas que se encontravam esgotados no mercado, e o quarto, que encerraria o projeto, coliga inéditos e dispersos, disse à agência Lusa fonte da editora.

O 2.º volume deve chegar às livrarias no final do ano e, o terceiro, "nos inícios de 2021".

Até 16 de dezembro, está patente na Perte Galeria, em Lisboa, uma exposição dedicada ao centenário do nascimento de Cruzeiro Seixas, que participa numa mostra inédita inspirada em 2006, em conjunto com os artistas Fernando José Francisco (1922-2008) e Mário Cesariny (1923-2008), seus companheiros do Grupo Surrealista de Lisboa, resultante da célebre "Mostra do Movimento Surrealista Português", e participantes na primeira exposição dos "Surrealistas", em 1949.

Esta exposição de 2020, vira o seu olhar para a obra do deitado mestre angolano que viveu a sua vida de poeta e artista plástico Mário Cesariny.

Num comunicado hoje divulgado, a tutela refere que "a ministra da Cultura, Graça Fonseca, entregou esta manhã a Medalha de Mérito Cultural a Artur do Cruzeiro Seixas", tendo a cerimónia decorrido na Biblioteca Nacional de Portugal, em Lisboa, "no âmbito das celebrações do centenário do nascimento do artista".

Cruzeiro Seixas, "decano da arte portuguesa e um dos grandes nomes do surrealismo europeu", completa 100 anos no dia 3 de dezembro.

O Ministério da Cultura considera que "a vida e obra de Cruzeiro Seixas representam um contributo incontestável para a cultura portuguesa".

Na cerimónia de hoje, Graça Fonseca afirmou, citada no comunicado, que "mais do que a devida homenagem pública que estes gestos representam, é a cultura portuguesa que se eleva ao reconhecer aqueles que nela deixaram o seu registo inapagável, como Cruzeiro Seixas".

Segundo a tutela, na mesma ocasião, Graça Fonseca disse a Cruzeiro Seixas que "a Medalha de Mérito Cultural constitui um reconhecimento institucional, mas é também um reconhecimento pessoal de alguém que se junta aos muitos que o admiram e que em si reconhecem um olhar que sempre viu mais longe e mais profundo".

"O que hoje entregamos há muito era sabido por quem o leu e por quem observou o universo interminável da sua obra: que o seu é um dos grandes nomes da cultura portuguesa", afirmou.

A Biblioteca Nacional de Portugal, onde decorreu a cerimónia, tem patente, até 31 de dezembro, a exposição "O Tempo das Imagens II", realizada no âmbito do 25.º aniversário do Centro Português de Serigrafia (CPS), com 68 obras de 77 artistas e que inclui uma sala totalmente dedicada a obra de Cruzeiro Seixas.

Artur do Cruzeiro Seixas, nascido na Amadora a 3 de dezembro de 1920, ostenta com Mário Cesariny, Carlos Calvet e António Maria Lisboa, entre outros nomes iniciais, o "pioneirismo" do surrealismo em Portugal, e é autor de um vasto trabalho no campo da poesia e pintura, mas também na poesia, escultura e objectos/escultura.

Está representado em coleções como as do Museu Nacional de Arte Contemporânea - Museu de Arte, Fundação Calouste Gulbenkian, Biblioteca Nacional de Portugal, Biblioteca de Tomar, Fundação Cupertino de Miranda, Museu Nacional Machado de Castro, em Coimbra, Museu Tiago Proença, em Lisboa, no Despacho Franco, entre outras.

Em junho desse ano, foi editado o primeiro volume da "Obra Poética", de Cruzeiro Seixas, em quatro volumes.

A "Obra Poética" é publicada no âmbito da coleção "Elogio da Sombra", coordenada por Walter Hugo Mão, com a Porto Editora, numa recolha organizada pelo poeta e escritor Isabel Morelles, outro nome do surrealismo português.

Notícias Portugal Gov., 14 de Outubro de 2020

Notícias

Página inicial > CULTURA > PRÉSTO-AR
2020-10-14 às 13h56



XXII GOVERNO

Medalha de Mérito Cultural entregue a Cruzeiro Seixas



A Ministra da Cultura, Graça Fonseca, entregou esta manhã a Medalha de Mérito Cultural a Artur do Cruzeiro Seixas. A cerimónia decorreu no âmbito das celebrações do centenário do nascimento do artista.

A vida e obra de Cruzeiro Seixas, decano da arte portuguesa e um dos grandes nomes do surrealismo europeu, representam um contributo incontestável para a cultura portuguesa. «Mais do que a devida homenagem pública que estes gestos representam, é a cultura portuguesa que se eleva ao reconhecer aqueles que nela deixaram o seu registo inapagável, como Cruzeiro Seixas», afirmou a Ministra da Cultura na ocasião.

Artur do Cruzeiro Seixas, nascido na Amadora a 3 de dezembro de 1920, começou a destacar-se ainda muito novo no meio artístico português. É autor de uma vasta obra no campo das artes plásticas, mas também na poesia e na escultura.

A cerimónia de entrega da Medalha de Mérito Cultural a Cruzeiro Seixas decorreu na Biblioteca Nacional de Portugal, onde está patente uma exposição intitulada "O Tempo das Imagens II - 25 anos do Centro Português de Serigrafia", que apresenta uma seleção de obras gráficas diversos artistas, incluindo Cruzeiro Seixas, produzidas no Centro Português de Serigrafia e doadas à Biblioteca Nacional.

A Ministra da Cultura transmitiu ainda a Cruzeiro Seixas que a Medalha de Mérito Cultural por si atribuída constitui «um reconhecimento institucional, mas é também um reconhecimento pessoal de alguém que se junta aos muitos que o admiram e que em si reconhecem um olhar que sempre viu mais longe e mais profundo. O que hoje entregamos há muito era sabido por quem o leu e por quem observou o universo interminável da sua obra: que o seu é um dos grandes nomes da cultura portuguesa», concluiu.

Falecimento de Cruzeiro Seixas - 8 de Novembro de 2020

Público, 10 de Novembro de 2020

66

[A poesia] era o ouro que Cruzeiro Seixas tinha para oferecer (...). De tudo o que fez, era o que achava que o transcendia em absoluto

Valter Hugo Mello
Escritor e editor da Obra Poesia de Cruzeiro Seixas

poesia dessa época considera "um surrealismo muito revolucionário, com cores que precedem Herberto Helder", e explica que o que mais o fascina na possibilidade de praticar a obra poética de Cruzeiro Seixas é a convicção de que "ela超越e a história da poesia portuguesa".

Nos Quatro Outros ao Todo, entre 2002 e 2005, três volumes da Obra Poesia, todo feito por publicar um quarto, que chegou a esse projeto, e que incluiu o livro Eu Falo em Outros e poemas dispersos por catálogos e outros espacos.

Em 2006, por ocasião de uma grande retrospectiva do artista na Fundação Cupertino de Miranda, o Centro de Estudos do Surrealismo publicou já Remato Sem Rosto, um conjunto de poemas "textos autômatos" acompanhados de um estudo sobre a poesia de Cruzeiro Seixas, A Resposta dos Sonhos, de Bernardo Pinto de Almeida. E em 2018 as Edições Sem Nome lançaram Obra Geral do Surrealismo, uma compilação de mais alguns poemas inéditos do autor, com organização e prefácio da poeta e ensaista António Cândido Franco.

Já o projeto da Quasi-está aguarda ser retomado e prosseguido por Valter Hugo Mello Porto Editora, onde dirigiu a coleção Atípico de poetas, que já publicou, em Junho passado, a Obra Poesia de Cruzeiro Seixas. O segundo volume entra a 2 de Dezembro, daqui que o poeta completaria cento anos, e o terceiro e o quarto, se a pandemia não houver mudado as contas, deverão estar nas livrarias em meados de 2021. Os três

primeiros livros respeitam, a pedido do próprio Cruzeiro Seixas, a organização que lhe deu Isabel Meyrelles quando os preparou para o Quasi, embora Valter Hugo Mello admira que teria preferido uma arranjo mais diferente, com uma dimensão temática que esta não considera.

Naquela altura esteve a ser organizado por Lourdes Pereira, amiga do autor, com quem podia discutir o que ele queria, de vez integrado nessa sua clausa poética dispersa e inédita, diz Valter Hugo Mello, assim notando que o filo é complexo e que Cruzeiro Seixas entendia como sendo a sua obra poética, mas avançando que muito ficou ainda de fora, incluindo "uma série de poemas breves que ele anotava num conjunto de diários, coisas às vezes muito sarcásticas a que não me almejaria".

Do que Valter Hugo Mello não tem dúvida é de que Cruzeiro Seixas pôs a sua poesia numa mesma das suas restantes criptas. "Era o outro que tinha para oferecer. Ele sempre disse que faltava um botão, que não era artista, que sempre pôs a si deles, mas tinha pôs suas poesias e fechou de agarrar que se sentia incômodo por se não capaz de escrever aquilo." E escreveu mais "Pecado maravilhado por agulha estéril", o que não acontece com as suas obras plásticas, porque ele dominava técnicas plásticas, mas só para a poesia como um orbe misterioso – deixado o que fez, era o que achava que o transcendia em absoluto."

lhaguero@público.pt

A eternidade é hoje



Perfecto E. Cuadado

Interviu, mas não quer ser uma nota necrológica, e sim, em homenagem ao poeta Rubén Darío, um canário de vida e de esperança desde a tristeza de uma despedida, uma lembrança de um canário – o de Cruzeiro Seixas – e os 40 do meu próprio canário que me é – o privilégio de falar a seu lado – e uma homenagem para contradizer o autor da Eu Falo em Quasi:

quando ele confessou: "Da minha vida nasci velhas de desafetos, de conduto, de clarificado. Na noite pública, nem amigos, nem amores, que verdadeiramente merecessem esse nome. Nôôô 1971, era, certamente, doido andar

documentos desses não vivem...". Muito foi o que fico dantes de um seu "não-viver" o "não-artisto". Cruzeiro Seixas, respondendo às exigências de Einhard de ser sempre e em tudo "absolutamente moderno", Gostava na procura do absoluto no ver, no conhecer, no sentir e no dizer. Desde essa sonho o essa necessidade de absoluto, Cruzeiro Seixas, como lembrava o professor Moura Sobral,

"produzia, quase sem querer, uma

obra colossal de textos de desenhos,

plântulas, colagens,

objetcões, encadernações,

cartões, exatas posses cuidadosa

e generosamente ilustradas". E

até podia ter acrescentado um

grito cinematográfico, e os

centrões para a Companhia

Nacional de Balé e para o Salão

Fundação Calouste Gulbenkian,

e as obras colectivas em que participou,

como os catálogos expositivos

manifestos e cartões de intervenção,

e os seus prósperos temos de crítica

e combate – artigos, textos para

catálogos, ensaios –, e, enfim, o

seu trabalho de catalogação da obra

mais ou menos que necessariamente acaba por derivar em um impasse de intervenção e subversão, no passagem gris-negra, da literatura.

E é aqui contradição as notícias que o público comum fazem da sua vocação de escritor e de artista: "A solidão que eu tinha, a solidão, a encontrada, a imposta, tem sido sempre escrita privada, mas também, hoje, já a minha única possibilidade de libertação [...]. A solidão é uma das plenitudes presentes." Um libélula – parafraseado desse animal – que vivia sempre por e para si só, a alegria da dívida, da interrupção, da desordem – "De certeza não se vive só com a alegria" – a interrupção no abismo para encontrar o novo, a memória flutuante. "Alegria é a alegria da noite em que se bebe atração de humor toda a negra desordem."

É essa libélula vivendo por crenças e crenças de amigos e de amigos criados por uma imaginação sempre aberta e liberdade que foram criando poemas, objectos, relatos não díários, plântulas, colagens, assemblages e desordens com que foi dando vida a essa necessidade desinstalada com tempo e domínio das suas criaturas. E tudo num espaço

extremamente estreito, ao mesmo tempo ares emblemáticos, portando por si os que expulsaram os seus fragmentos erradiados de diálogos num horizonte tumultuado e sedento e cabido, nocturnos e diurnos trânsitos criando desopostos ponto de pensamento que protegia atingir o surrealismo segundo o próprio Rilke. Só que aí entra em movimento – as duplas vozes comuns e privadas para o dito e para o dizer de barcos com esse olho de que me para a sua proximidade das entidades –, outras vozes num mistério de desordem, a um e outros confrontos da cegueira ou nem boca-vítimas da realidade real ou vulnerabilidades dos símbolos tradicionais do conhecimento e do saber mais profundos e

da alegria e de dor do desejado da sua pena e ascendência vital, definitiva, e paisagens com olhos que se prendem e prendem fechados sem portas para esse olhar e chaves para essas portas que se não há porque o próprio do poeta não criou as portas para si e desmarcar todas as que encontrar no seu caminho. No fundo, e voltando ao princípio desta invocação, coesivo de revolução individual interior (consciência moral e exterior (actuação ética); revolução política e revolução social quando multiplicadas e conjugadas as individualizadas, e, obviamente, revolução cultural, essencial e poética.

On, em palavras do mesmo, "O surrealismo é apenas, para mim, uma florula que soube fazer uma legião viver, por outras florulas, através das sementes. Neste encontro mais sociológico do que em encontros políticos e sociológicos. A literatura e a arte, é que quase não se rejeia ali. Para mim um quadro, um livro, está sempre, primeiramente, a presença de um homem, se desse homem, na sua luta de todos os dias. A propósito da

despropósito, disse que é das piores condutas que o homem tem de entre, ou de fazer homens que querem pensar por todos os outros homens. Dizendo alguma vez que sou um surrealista errôneo na obra que sou realizando, aproveito no surrealista errôneo para esclarecer a quem quiser ser esclarecido, que o sono é certamente, mas não só enquanto não descolher uma outra porta, que me leva a um outro espaço. [...] Surrealista ou não surrealista? Que importa? A experiência é hoje – ou não será nunca."

Arar Manuel embora com Mário no seu Ninho do Apelhico e na sua já processada Segunda da Pernambuco. Assim sempre, Mestre e Amigo, por tudo o que em botei aconselhar ao que me entrou no caminho da esmola.



Região

A grande exposição "Cruzeiro Seixas – Teima em ser poesia" esteve para ser inaugurada no dia 5 de maio, na sede da UNESCO, em Paris, mas a pandemia levou ao adiamento para o próximo dia 3 de dezembro e posteriormente para 5 de maio de 2021.

Famalicão decreta dia de luto municipal pela morte de Cruzeiro Seixas

O presidente da Câmara de Famalicão, Paulo Cunha, decretou o dia de oração de luto municipal pela morte de Artur Cruzeiro Seixas, sublinhando tratar-se de um artista único cuja obra vai permanecer viva no concelho.

«Partiu um amigo de Famalicão. Um artista único cuja obra vai permanecer viva em Famalicão. O município escar-lhe-á eternamente agradecido pela projeção cultural e artística que trouxe a Famalicão», afirmou Paulo Cunha, citado num comunicado municipal.

O comunicado sublinha que Cruzeiro Seixas é «um dos nomes mais importantes» do movimento surrealista em Portugal, estando a sua obra representada no Centro de Estudos do Surrealismo da Fundação Cupertino de Miranda, em Famalicão.

Cruzeiro Seixas morreu no domingo, em Lisboa, aos 99 anos, revelou a Fundação Cupertino de Miranda. Em 2013, foi homenageado pelo município famalicense com a atribuição do seu nome a uma das



Obra de Cruzeiro Seixas está representada no Centro de Estudos do Surrealismo

principais ruas de acesso ao Parque da Devesa, em Famalicão. Dois anos mais tarde, foi agraciado com a medalha de honra do município de Vila Nova de Famalicão, na sessão solene comemorativa do Dia da Cidade. Cruzeiro Seixas é autor de um vasto trabalho no campo do desenho e pintura, mas também na poesia, escultura e objetos/escultura.

Está ligado, desde os seus inícios, ao grupo «Os surrealistas», ao lado de António Maria Lisboa, Mário Cesariny, Carlos Calvet e António Maria Lisboa, como um dos nomes mais importantes do Surrealismo em Portugal, desde finais dos anos 1940.

Ovom, entre outros. Em 1999, doou a sua coleção à Fundação Cupertino de Miranda, de Famalicão. A sua obra encontra-se representada em diversas coleções privadas e em instituições como o Museu do Chiado (Lisboa), Centro de Arte Moderna da Fundação Calouste Gulbenkian, Biblioteca Nacional, Biblioteca de Tomar, Fundação Cupertino de Miranda (Famalicão), Museu Machado de Castro (Coimbra), Fundação

António Prates (Ponse de Sor), Fundación Eugenio Crispell (Caliza) ou o Museu de Castelo Branco.

Em outubro, tinha sido distinguido com a Medalha de Mérito Cultural, pelo «contributo incontestável para a cultura portuguesa», ombreando, com Mário Cesariny, Carlos Calvet e António Maria Lisboa, como um dos nomes mais importantes do Surrealismo em Portugal, desde finais dos anos 1940.

Lusa

Em Paz

CRUZEIRO SEIXAS

Diogo Vaz Pinto
diogo.vaz.pinto@olivedoil.pt

1820-2020 Um navegador de azuis futuros

Numa admiração que lhe chamasse artista, Iríssimo, a fotografar pela pose, essa da extensão da tua, só que tudo o que queres era deixares com os teus terrenos, que exaltam a carne mais que os livros e disse que "o corpo é como o céu, infinito". Artur do Cruzeiro Seixas foi mais um inventor desesperado, só que sóntima que sentia a realidade onanófórica resulta viva, e tornou-se, por isso, surrealista por necessidade, nesse mundo a imaginação caiu-se expandiu-se no caos, fugiu, isso depois de ter chegado à conclusão de que "a maior grandeza é a menor expansão do inferno, como fome-de-olho..." No que sona a inventos, a primeira e última foi ele mesmo. Desembriu-se, acho eu, em cada pintura, nos desenhos, esculpturas e assentamentos a partir da tão diversificada. Eraas, pesquias de um outro mundo, uma terra de milhão de desejos concretizados. Pessoas mesmo dizia que "o teu mundo é hoje, ou não será nunca". E entre esses objectos surrealistas com os quais indagou e chamou a si o outro mundo, talvez mereça destaque, pelo mérito que revela da própria personalidade do seu criador, o Chaves com a sua por dentro como todas nós.

Desaparecido no passado dumingo a menos de um mês de completar um século de idade, este homem que foi um dos principais autores do surrealismo português tinha um orgulho intenso por ter podido encantar sempre a liberdade não como um círculo e um prego, mas como uma oficina, e fez das suas instâncias uma escola, tendo-se construído de forma auto-didata, arrancando da massa os pedaços que lhe serviam para fazer outra coisa por causa da realidade que sempre lhe promoveu incompleta. Assim, Cruzeiro Seixas tinha uma existência intensa por não querer ter frequentado o céu. "E repouvel em

Deserto durante dois anos, na Antínia Arreia", lembrava em maio de 2005, numa breve autobiografia escrita para o Jornal de Letras. E foi nesses dois anos, em deserto da década de 40, que começou a frequentar o gêito deserto da sua época, a buscar a sua pátria perdida, coroando-se nos artelados que o ligaram a figuras como Amália, Maria, Lisboa, Mário Cesarino, Mário, Henrique, Lúcia, Vospica, Pedro Coim e tantos outros.

Cruzeiro Seixas viveu os integras memórias de flor para último, como se reinventasse de toda uma época, guardando o salto da memória espelhos de lamas-apagados. Recorrendo-as libertava-se de que se lembrava, os sorrisos aos desportos amadores, foi rei em qualquer outro título equivalente, desde que nesse excedeu muito alto, a sentir os outros passar bem perto. Pediam-lhe que se lembrasse, mas ele não se lembrava, acho eu, tinha fortes prenimentos de, de algum modo, habituarem-se à memória, a ir e vir como queria. E, muito aprestando-se, morreu a um domingo, esse último, um domingo de tristeza que parecia arrastar-se horas. E, agora, que me escrevo, lhe presto-me os vistosos afáus nuns dias, comer-lhe um cuscuz, como se a baixar nas caixas fosse só essa caixa-de-mud, um e porcarias definido, e não o alarde tocaria, a doce exaltado alarmante de uma melodia que oferece à casa um conforto, e fica a base da infância outras coisas, outro lugar, um mundo que há de vir para nos libertar destes.

A primavera memória que tinha, se lhe fosse pedido para recusar uma ordem do "maufrigo na lata", era de uma oloogravura "que só prezava para nada, pendurada bem alta no corredor, do Carioca lendo Os Laranjais a B. Sébastião". Nasceram em Amadora, a 3 de dezembro de 1920, mas uns cinco anos chegou a Lis-

bona e tornou a rumo, só e os amigos que viviam juntos numa sólo levente ladraria.

É se em 1945 que conseguiu as atividades do grupo Os Surrealistas mas, pouco mais de um ano depois, Cruzeiro Seixas partiu para uma viagem pelas Américas, Índia e Extremo-Oriente, integrado num marítimo norueguês, ficando-se finalmente em Lissaboa, donde só regressar lá em 1961. Depois iniciou um periplo pela Europa, o que lhe alargou imensamente os horizontes, só regressando a Portugal em 1967, beneficiando de uma bolsa da Fundação Calouste Gulbenkian e colaborando com as galerias III e São Mamede, empregando-se na difusão de outros artistas, rendo ilustrado e participado numa série de edições e antologias. Na década de 1980 trocou a capital pelo Algarve, no final da vida, virou fixo num Vila Nova da Venâcia, depois de, por iniciativa de Bernardo Pinto de Almeida, director da Museu da Fundação Cugatino de



Cruzeiro Seixas morreu num dia um mês de fazer cem anos

Mirando, se te cruzas na sua sede o Centro de Estudos da Surrealismo, que logo abriu uma exposição de onde comunicante se adquirir o acervo artístico e documental de Cruzeiro Seixas.

As tardes, costumava para mim consumir inteiramente, parou. Era tarde, mas não só tarde que não lhe apetecia já recobrir a恬ica pola sua mão das coisas que se passam no outro mundo. Foi o corpo que lhe pôs um limite. Quando só havia mais de uma decaida que o corpo se emparedava, e os instrumentos de que soube servir-se como quem desvenda bocados da realidade para colar outra coisa, esses instrumentos estavam das massas suspenso como lembranças, entregues a "sueve alegria acústica" de uma vida que foi nossa, como "sombra mal abrigada" de todos os caminhos per achar" (Cossiny). A luz começava a se-lhe extrair, faltava a face roxa, esse prazer que tinham permitido a sua subodoria de inocência, o seu mago, e o seu

fim mago, ao mesmo tempo deliciado e sentida, parecia como que extenuado. Em 2003, Susana Moniz Marques esteve nela, num dos mais memoráveis relatos de uma aventura que parecia inacessível ao provável importuno. "Trabalhou só muito tarde, quando já não podia desenhar, fazendo desenhos com tudo o que lhe vinha à mão, revistas, sacos de papel, cartão usado. O momento em que deixou de trabalhar foi o momento em que, não ostentava mais, deixava viver". Moniz Marques impossibilitada de dar seguimento a suas explicações, tinha ainda uma consternação de erguirme, fui de mar que simulava a pro-saçao das návios do longo curso, e nisto ainda se diferenciava de outras que só falam, e nos cansam mais. Cruzeiro Seixas sóia que assim se faz e mal fizendo quanto, estava daquele humor persistente, dissentir, só porque, como lembrava Cossiny, "nem sempre os que desistem ou morrem são quem vai mais morto".

Mestre do Surrealismo português, que viveu em Famalicão entre 2012 e 2016, faleceu aos 99 anos no Hospital de Santa Maria, em Lisboa

Cruzeiro Seixas imortal

Fonte: Povo Famalicense

Cruzeiro Seixas, um dos mestres do Surrealismo português, que viveu em Vila Nova de Famalicão entre 2012 e 2016, faleceu no passado domingo, aos 99 anos, no Hospital de Santa Maria, em Lisboa. Completava cento e nove anos no próximo dia 3 de Dezembro.

A notícia foi comunicada na madrugada desta segunda-feira pela Fundação Cupertino de Miranda (FCM), que lamenta profundamente a perda deste vale da Cultura Nacional, que apoiou e acompanhou ao longo dos anos. Recorre-se que, a Fundação é detentora de mais de 400 obras do artista, assim como do seu arquivo pessoal, composto por cartas, postais, correspondência, materiais monográficos, fotografias, desenhos, objetos, entre outros. Todos o esforço foi dedicado à instituição familiar em 1998, e foi precisamente para estar perto do seu ator que em 2012 se mudou para Vila Nova de Famalicão, onde permaneceu até há quatro anos.

Presidente da República lamenta perda de figura "multimoda da cultura portuguesa"

O Presidente da República, que em Junho de 2019 inaugurou o Centro Português do Surrealismo na FCM, onde inaugurou a exposição "O Surrealismo na Coleção Moderna da FCM", também já lamentou publicamente a perda da referência

do Surrealismo português. Numa nota publicada ontem, segunda-feira, na página oficial da Presidência da República, Manuela Mendes de Sousa lamenta a perda de uma figura "multimoda da cultura portuguesa", que "revolucionou o nosso pensamento artístico e literário".

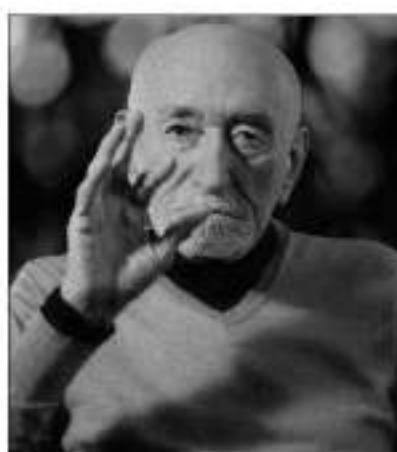
O Centro de Estudo apela às suas pinturas, desenhos, colagens, objetos e poemas para afirmar que nascera "o mundo revolucionário, inovador, fantástico, engenhoso". Criando versos da sua autoria, contava: "soberbias terras mapas mais secretos / a da olhos vendados / é intensíssimo / amor dos realmistas". É esse segredo nunca desvendado, esse amor das realmistas que devemos a Mestre Cruzeiro Seixas".

"Um amigo de Famalicão" e "um artista único", assinala Paulo Cunha

Também o presidente da Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão, Paulo Cunha, já reagiu à perda do mestre do Surrealismo.

Nas redes sociais, lamenta o falecimento de "um amigo de Famalicão", e de "um artista único" cuja obra vai permanecer viva durante muito tempo em Famalicão, mais concretamente na FCM. Entretanto, ontem foi ilustrado dia de festejamento em seu honor.

Foi precisamente das mãos de Paulo Cunha que Cruzeiro Seixas recebeu, em 2015, a Medalha de Honra do Município, o maior alor galardão que todos os anos



é entregue nas celebrações do Dia da Cidade, observado a 9 de Julho, para distinguir uma personalidade que tenha contribuído, ao longo da sua vida, para o engrandecimento da comunidade famalicense.

No mesmo ano de 2015, uns meses antes, em Abril, também a Universidade Lusófona, por altura das comemorações do 25.º aniversário do pôlo de Famalicão, decidiu atribuir ao Mestre do Surrealismo o título de Doutoramento Honoris Causa "pelo seu prestígio intelectual, artístico e cultural".

Em 2013, já o artista havia sido alvo de uma homenagem de outra natureza, ao ver uma das suas obras de acesso do Parque da Devesa ser baptizada com o seu nome. A data é a Câmara Municipal que presidiu por Armando

Costa, que em Setembro do ano anterior inaugurara o espaço verde de que durante décadas se tratou.

Ministério da Cultura distinguiu-o com Medalha de Mérito Cultural

Mais recentemente, em Outubro de 2020, o Ministério da Cultura determinou a atribuição da Medalha de Mérito Cultural.

Nas suas redes sociais, também a ministra da Cultura, Graça Freitas, lamenta o falecimento, a quem se refere como "exponente do surrealismo europeu" e "decadado da arte portuguesa", que se alinha como "sonhador do património lúteo e artista português dos últimos 80 anos". Para a governante, "a vida e obra

Cruzeiro Seixas 1920-2020

Cruzeiro Seixas, cuja obra é conhecida e reconhecida nacional e internacionalmente, integrou o grupo "Os surrealistas", no inicio de António Maria Lobo, Mário Cesariny, Mário Henrique Landa e Pedro Orte, entre outros.

Foi reconhecido com o atribuição do Prémio Artista do Ano, em 1980, e com a edição de um álbum integrado numerosos testemunhos. Encontra-se representado em diversas coleções privadas e em instituições como o Museu da Chácara (Lisboa), Centro de Arte Moderna do Fundação Calouste Gulbenkian, Biblioteca Nacional, Biblioteca de Teatro, Fundação Cupertino de Miranda (V. N. de Famalicão), Museu Machado de Castro (Coimbra), Fundação António Proença (Ponte de Sor), Fundación Eugenio Granell (Gibraleon) ou o Museu de Castelo Branco.

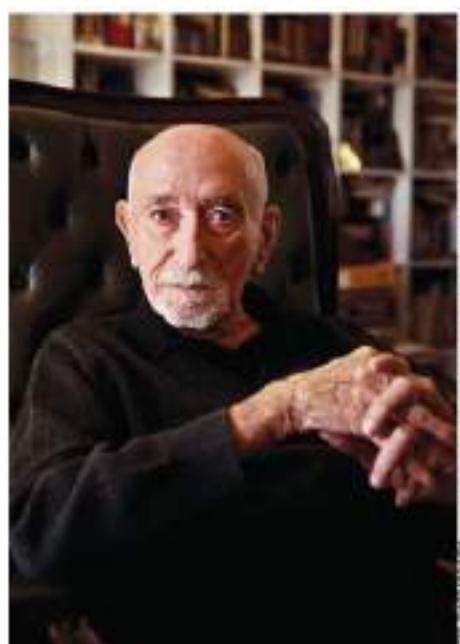
Mário Cesariny, Heriberto Helder, Alfredo Morgado, Mário Soárez, Franklin Rosemont, José Pierre, Juan Carlos Valera, Sernando Pinto de Almeida, Alfonso Martins, António Bandeira, entre outros, dedicam-lhe poemas.

Artista Cruzeiro Seixas morreu a 3 de dezembro de 1920 na Amadora, Lisboa. Frequentou a Escola de Artes Decorativas António Amaro, entre 1935 e 1941, participando também nos encontros no Círculo Hermínio. Assim como os restantes surrealistas, sentiu-se atraído pelo Neo-realismo (1945-1948), mas as inquietações plásticas e os desejos de libertação estéticos e ideológicos continuaram no para o Surrealismo.

Em 1948 torna partilha atividade dos surrealistas, mantendo um continuado contacto com o Mário Cesariny e outros membros do futuro grupo Os Surrealistas, de que é figura importante.

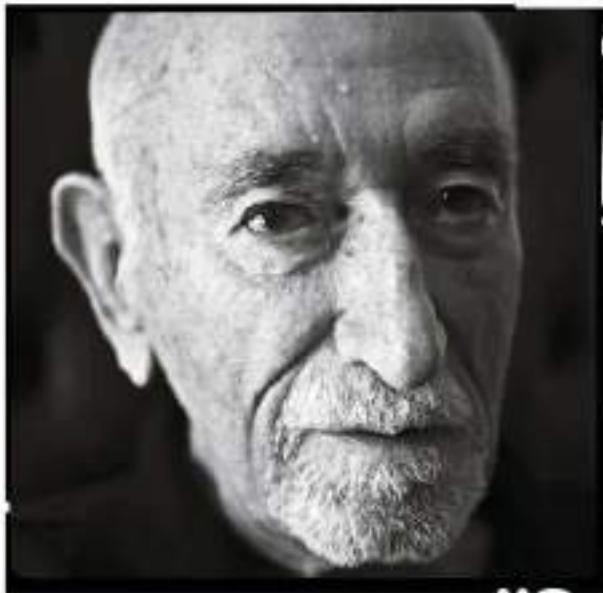
Cruzeiro Seixas tornou o nome do projeto surrealista, desde 1949, e não mais o abandonou até à saída para África, Inde, Extremo Oriente e África, por lutar-se em Angola até ao desabrochar da guerra colonial. Foi aqui que desenvolveu o gosto pelo dito "arte primitiva". Num percurso individual continua até à actualidade a ação surrealista.

do Mestre Cruzeiro Seixas e a sua dimensão artística representam um contributo inegável para a cultura portuguesa, com a força criativa, inventiva e sensível que



CRUZEIRO SEIXAS Morreu o mestre do surrealismo português

Cruzeiro Seixas, considerado um dos fundadores do surrealismo português, morreu no passado domingo, dia 8, aos 99 anos, no Hospital de Santa Maria, em Lisboa. A notícia foi tornada pública pela Fundação Cupertino de Miranda, que acompanhou o trabalho do artista ao longo dos anos, lamentando "profundamente a perda deste vale da cultura nacional". Nascido a 3 de dezembro de 1920, Cruzeiro Seixas era autor de um vasto trabalho nas áreas de desenho, pintura, poesia e escultura, e, apesar de se ter sentido atraído pelo neorrealismo no início da sua carreira, foi no surrealismo que encontrou a liberdade para criar. No passado mês de outubro foi condecorado com a Medalha de Mérito Cultural numa cerimónia que decorreu na Biblioteca Nacional de Portugal, em Lisboa.



ARTUR DO CRUZEIRO SEIXAS 1921-2020

O último grande sonhador

Artista plástico, poeta, resiste, decano da arte e oficiante maior do surrealismo, o português partiu a três semanas de cumprir 100 anos

Desapareceu no domingo, dia do descanso do criador, uma última mostra para um encontro de obra tão prolífica. Para Cruzeiro Seixas, entregar-se ao continuum de "fazer ondas" e ao poder de sonhar com elas aberto parecia tão vital como respirar: foi desencadeante compás desde jovem, criador de espetáculos e encenações feitas com materiais ricos e pobres, consagrado poeta com obra infindável cuja produção foi reconhecida e publicada internacionalmente. Protagonista fundamental do movimento surrealista em Portugal, a sua morte foi anunciada pela Fundação Cupertino de Miranda, em Famalicão, onde repousa o seu repouso: o espírito visual e literário. Não era preceito vício para a assinatura para identificar imediatamente um Cruzeiro Seixas: as paisagens fantásticas, as cores profundas, o traço elegante de desenhos, os terríveis lúdicos povoados por criaturas híbridas, que tanto podem ser humanas com corpos cruzados volumosos e membros evocativos de bali como

animais antropomorfizados e osúicos. Último soberano do grupo da Surrealistas, criado há sete décadas, dissidente dos surrealistas nacionais que seguiam a cartilha do francês André Breton, o artista nascido na Amadora (e que viveu tanto no país até ao desaparecimento destes) conheceu os olimpícos fundamentais na Escola António Arroio; Mário Cesariny, Pedro Orm, Mário Henriques Leiria ou Vieira, entre outros. Participou nas duas exposições no Lado a pé dos Surrealistas, antes de embarcar na Marinha Mercante em 1950. Nas décadas seguintes, Cruzeiro viajou pelo mundo, viveu em Angola, buscou novas imagerias e influências, criou uma coleção de arte africana, passou pela Europa. De regresso ao País, em 1967, fez exposições e dirigiu galerias (a Galeria de São Mamede, em Lisboa, e a Galeria de Vilamoura, no Algarve), e criou-lhe uma carreira de produção generosa e de resistência cívica, sendo um arauto das liberdades artísticas, poéticas e sexuais. E sonhou ate ao fim. **Sílvia Soárez Costa**

Morreu o artista plástico Artur do Cruzeiro Seixas

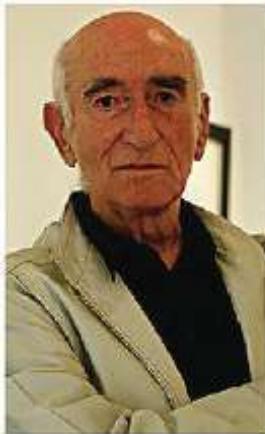
ÓBITO O artista plástico Artur do Cruzeiro Seixas morreu ontem no Hospital Santa Maria, Lisboa, aos 99 anos, revelou a Fundação Cupertino de Miranda. «A Fundação Cupertino de Miranda lamenta profundamente a perda deste vulto da Cultura Nacional, que apoiou e acompanhou ao longo dos anos», lê-se no comunicado que a fundação divulgou no Facebook.

Cruzeiro Seixas, um dos nomes fundamentais do Surrealismo em Portugal, é autor de um vasto trabalho no campo do desenho e pintura, mas também na poesia, escultura e objectos/escultura.

Em Outubro tinha sido distinguido com a Medalha de Mérito Cultural, pelo «contributo incontestável para a cultura portuguesa», ombreando, com Mário Cesariny, Carlos Calvet e António Maria Lisboa, como um dos nomes mais relevantes e importantes do Surrealismo em Portugal, desde finais dos anos 1940.

Cruzeiro Seixas, cuja obra está representada em coleções como as do Museu Nacional Machado de Castro, em Coimbra, Museu Nacional de Arte Contemporânea - Museu do Chiado, Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação Cupertino de Miranda, faria cem anos a 3 de Dezembro. Marcelo Rebelo de Sousa considera que nas pinturas, desenhos, colagens, objectos e produção poética de Cruzeiro Seixas, o mundo reencanta-se: é uma vez mais maravilhoso, insólito, fantástico, enigmático. «É um vivíssimo corpo em metamorfose, com uma 'volúpia da vitalidade' que lhe confere unidade na diversidade, através das décadas e dos diferentes registos plásticos e poéticos», afirma o Presidente da República.

Actualmente estavam em curso várias iniciativas que assinalariam os 100 anos de anti-



Cruzeiro Seixas

versário do artista plástico, nomeadamente exposições na Biblioteca Nacional de Portugal e da Perve Galeria, em Lisboa, ambas patentes até Setembro, e a edição da obra poética de Cruzeiro Seixas, iniciada em Junho e que se estenderá até 2021.

«Artur do Cruzeiro Seixas, que nos deixou depois de uma vida longa e livre, foi uma figura multiforme da cultura portuguesa. A sua geração, que na década de 1940 aprendeu e transpôs as lições do surrealismo francês, revolucionou o nosso panorama artístico e literário», lê-se numa nota de pesar na página da Presidência.

Marcelo Rebelo de Sousa considera que nas pinturas, desenhos, colagens, objectos e produção poética de Cruzeiro Seixas, o mundo reencanta-se: é uma vez mais maravilhoso, insólito, fantástico, enigmático. «É um vivíssimo corpo em metamorfose, com uma 'volúpia da vitalidade' que lhe confere unidade na diversidade, através das décadas e dos diferentes registos plásticos e poéticos», afirma o Presidente da República.

Cruzeiro Seixas: partiu um artista único mas a sua obra continua viva

MORREU Cruzeiro Seixas, um dos fundadores do Surrealismo Português e nome incontornável da cultura nacional. Deixou muita obra e parte dela está no Centro de Surrealismo Português, em Vila Nova de Famalicão. Autarquia decretou dia de luto municipal.

CULTURA

| Teresa Marques Costa |

A menos de um mês de completar 100 anos de idade, morreu o poeta e artista plástico Cruzeiro Seixas, vulgo da cultura nacional e um dos fundadores do Surrealismo português.

Cruzeiro Seixas morreu no domingo, no Hospital de Santa Maria em Lisboa, e a sua perda suscitou reações das mais diversas quadrantes, desde o Presidente da República à ministra que tutela a cultura em Portugal.

Artur Manuel Rodrigues do Cruzeiro Seixas, nascido na Amadora, em 3 de Dezembro de 1920, era o último dos surrealistas portugueses, o movimento liderado por Mário Cesariny (1923-2006), no final dos anos 1940.

Em Outubro tinha sido distinguido com a Medalha de Mérito Cultural, pelo "contributo incontestável para a cultura portuguesa", ombreando, com Mário Cesariny, Carlos Calvet e António Maria Lisboa, como um dos nomes mais relevantes e importantes do Surrealismo em Portugal, desde finais dos anos 1940.

Cruzeiro Seixas é autor de um vasto trabalho no campo do desenho e pintura, mas também na poesia, escultura e objectos/escultura.

"A Fundação Cupertino de Miranda lamenta profundamente a perda deste vulgo da cultura nacional, que apoiou e acompanhou ao longo dos anos", lê-se no comunicado que a fundação divulgou no Facebook.

Em 1999, Cruzeiro Seixas doou a sua coleção à Fundação Cupertino de Miranda, em Vila Nova de Famalicão, onde se situa o Centro Português de Surrealismo e onde está patente uma exposição permanente com as obras do autor.

"Partiu um amigo de Famalicão. Um artista único cuja obra vai permanecer viva em Famalicão. O município estará-lhe



Artur Cruzeiro Seixas tinha sido distinguido, em Outubro último, com a Medalha de Mérito Cultural

•••

O Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa, lamentou a morte do 'mestre' Cruzeiro Seixas, aos 99 anos, o artista plástico que pertenceu a uma geração que "revolucionou o panorama artístico e literário" português.

"Artur do Cruzeiro Seixas, que nos deixou depois de uma vida longa e livre, foi uma figura multimoda da cultura portuguesa. A sua geração, que na década de 1940 aprendeu e transpôs as lições do surrealismo francês, revolucionou o nosso panorama artístico e literário", lê-se numa nota de pesar na página da Presidência.

•••

O primeiro-ministro, António Costa, destacou a obra do artista plástico Cruzeiro Seixas, considerando que continuará a ser "uma inspiração". "O 'rei Artur' deixou-nos, mas a sua obra seguirá sendo uma inspiração", escreveu António Costa na sua conta oficial na rede Twitter. O chefe do Governo lembra ainda que "Artur do Cruzeiro Seixas deu longa vida ao surrealismo português" e que "os seus desenhos e objectos, nascidos da associação livre de elementos inesperados, continuam hoje tão irreverentes como quando foram criados".

•••

A Ministra da Cultura, Graça Fonseca, lamenta a morte do artista plástico e poeta Cruzeiro Seixas, um dos expoentes do surrealismo europeu e um nome que é sinónimo do património literário e artístico português dos últimos oitenta anos. "A vida e obra do Mestre Cruzeiro Seixas, decano da arte portuguesa e um dos grandes nomes do surrealismo europeu, representam um contributo inegável para a cultura portuguesa, com a força criativa, inventiva e sensível que a sua dimensão artística sempre manifestou e que a cultura portuguesa nunca esquecerá" refere a nota de pesar de Graça Fonseca.

+ luto

O presidente da Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão, Paulo Cunha, decretou ontem dia de luto municipal pela morte de Artur do Cruzeiro Seixas, um dos nomes mais importantes do movimento Surrealista em Portugal cuja obra está representada no Centro de Estudos do Surrealismo da Fundação Cupertino de Miranda, no concelho famalicense.

eternamente agradecido pela projeção cultural e artística que trouxe a Vila Nova de Famalicão" afirmou ontem o presidente da Câmara Municipal de Famalicão, Paulo Cunha, que decretou o dia de ontem como dia de luto municipal.

Em 2013, Cruzeiro Seixas foi homenageado pelo município famalicense com a atribuição do seu nome a uma das principais ruas de acesso ao Parque da Devesa, em Vila Nova de Famalicão. Dois anos depois, em 2015, foi homenageado com a medalha de honra do município no Dia da Cidade.

A sua obra está representada em diversas coleções privadas e em instituições como o Museu do Chiado (Lisboa), Centro de Arte Moderna da Fundação Calouste Gulbenkian, Biblioteca Nacional, Biblioteca de Tomar, Fundação Cupertino de Miranda, Museu Machado de Castro (Coimbra), Fundação António Prates (Ponte de Sor), Fundación Eugenio Granell (Galiza) ou o Museu de Castelo Branco.

OBITUÁRIO

Cruzeiro Seixas (1920-2020)

O último surrealista português era também o mais destacado na pintura. Opositor do regime e defensor do surrealismo como única revolução, tinha 99 anos

Deuou marca indelelável na arte portuguesa do século XX, mas o artista, sempre de opiniões fortes e contundentes, nunca gostou de ser considerado como tal. "Um atelié, ao fim e ao cabo, é uma loja, onde em vez de se venderem batatas e bacalhau se vende pintura", disse numa das suas últimas entrevistas, ao *Correto do Monde*, em 2019. "Eu não gostava, nem gosto de vender, não tenho prazer nenhum nisso" — "eu gosto é de dar, de maneira que passei a vida a dar". O "homem que pinta" (como se descrevia, tanto é tão bem que se tornou a cara da pintura surrealista portuguesa, morreu no domingo, 8, no Hospital de Santa Maria, em Lisboa, a três semanas de completar 100 anos.

Artur Manuel Rodrigues do Cruzeiro Seixas nasceu a 3 de dezembro de 1920, na Amadora, filho de um trabalhador dos caminhos de ferro de meios modestos. Na infância, no entanto, esteve sempre rodeado de arte: "a minha avó e o meu bisavô eram pintores e desenhistas", contou, e a mãe, que tocava piano e quem primeiro o estimulou a desenhar, "fazia uns buraquinhos nos desenhos e com um fio pendurava-os

pela casa, nos fechos das portas".

Aos 14 anos, ingressou na Escola Artística António Arroio, da qual saiu "com a pior impressão": disse que "a única coisa para a qual tenho habilidade é para desenhar e chumbet a desenho". Não obstante, foi lá que travou conhecimento com o seu futuro colega surrealista, Mário Cesariny, a quem chamou "um segundo pai".

Ainda assim, chegou a ser primeiro tentado pelo neorealismo, em voga na década de 40, antes de se apagar definitivamente ao surrealismo, no qual se une a Cesário, António Maria Lisboa, Pedro Oom e Mário Henrique Leiria para fundar o Grupo Surrealista de Lisboa, hostil ao regime. "Sonhávamos com um mundo livre", conta Cruzeiro Seixas, que dizia estar "sempre na linha de equilíbrio entre ir para a prisão e ser um tipo livre".

Em 1949, participou da primeira exposição dos Surrealistas, em Lisboa, mas no ano seguinte, com

FEZ EXPOSIÇÕES ANTIRREGIME EM ANGOLA E PARTICIPOU DO MOVIMENTO SURREALISTA EM LISBOA

a partida da maior parte dos colegas para Paris, ingressou numa companhia de navios mercantes com a qual viajou pelas ex-colônias, estabelecendo-se em Angola, onde canalizou a solidão para produzir a maior parte de toda a sua poesia em apenas um ano. Envolveu-se com movimentos pró-independência, protagonizando exposições que lhe renderam mais problemas com a PIDE, e retornou ao País em 1964, ocupando diversos cargos no mundo da cultura e sendo alvo de exposições ocasionais, embora se tenha considerado objeto de uma falta de reconhecimento em vida: "Fui muito maltratado."

Mais recentemente, no entanto, recebeu uma reapreciação: em 2009 foi condecorado com a Ordem Militar de Santiago da Espada, e o documentário de 2017 *Cruzeiro Seixas — As Caves do Rei Arthur*, de Cláudia Rita Oliveira, provocou uma nova onda de interesse pela sua

obra, que teve múltiplas reedições nos últimos anos. Da sua vida e do seu trabalho, resumiu: "A minha validade não é desenhar bem ou mal. Aquilo com que me envolvo é sair da vida tão pobre como quando entrei".

LUIZ CARREIRA



Ciclo de Celebração do Centenário de Cruzeiro Seixas



Revista Bica, 28 de Novembro de 2020

CICLO DE CELEBRAÇÃO DE CRUZEIRO SEIXAS NO CENTENÁRIO DO SEU Nascimento

No dia 3 de dezembro, quando se celebram os cem anos sobre o nascimento de Cruzeiro Seixas, serão inaugurados dois polos expositivos do ciclo de celebração do seu centenário. Como reflexo da longa relação de 20 anos de atividade desenvolvida com o artista, a Perve Galeria iniciou o ciclo celebrativo no passado dia 19 de setembro, altura em que inaugurou o primeiro dos polos expositivos na Casa da Liberdade – Mário Cesariny em Alfama. Ocasão que contou com a presença do Presidente da República e da Ministra da Cultura em representação do Primeiro – Ministro.

Os dois polos que serão agora inaugurados, entre as 15h e as 20h desse dia, 3 de dezembro, têm como tema “Construir Cem Nadas Perfeitos”, exposição, realizada no espaço, Atmosfera m, em Lisboa, dedicada a obras inéditas do autor e obras feitas especificamente em sua homenagem, por artistas como Alfredo Luz, Eurico Gonçalves, Javier Félix, entre vários outros, e “Núcleo Cadavres Exquis”, polo expositivo patente na Sociedade Nacional de Belas – Artes onde estão expostas obras colaborativas realizada por Cruzeiro Seixas ao lado de artistas como Mário Cesariny, Valter Hugo Mãe, Eduardo Salaviza, Láudvika Koort e Sophia Zhong.



Agenda Cultural de Lisboa, 3 de Dezembro de 2020

Construir 100 Nadas Perfeitos Ciclo de celebração do centenário de Cruzeiro Seixas

+ AGENDA CULTURAL LISBOA

o artes
3 dezembro 2020 a 12 fevereiro 2021
vários horários
Atmosfera M



A Perve Galeria em colaboração com a Associação Mutualista Montepio apresentam a exposição Construir 100 Nadas Perfeitos, um tributo ao artista plástico surrealista Cruzeiro Seixas, recentemente falecido.

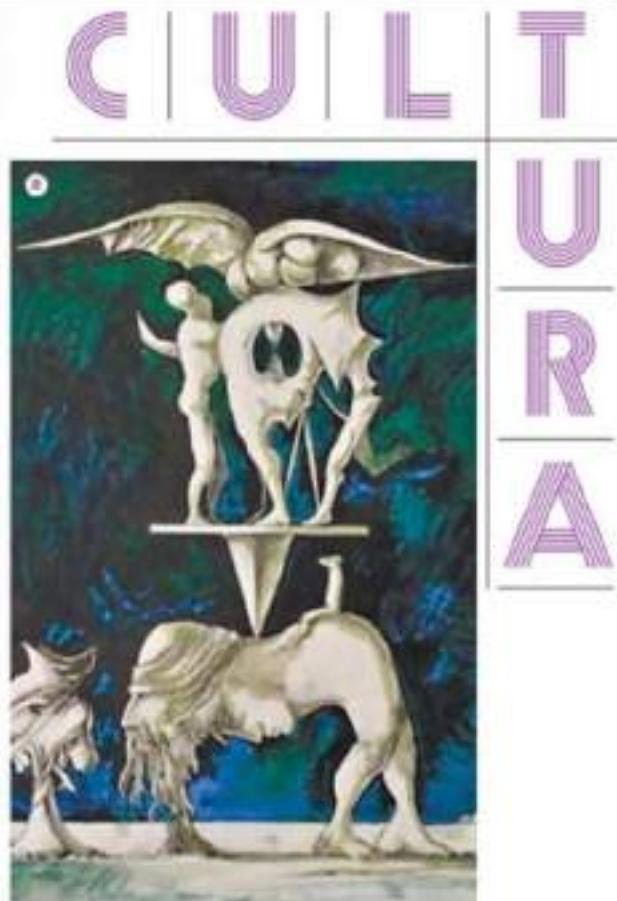


Obras de Artur Cruzeiro Seixas patentes na Galeria São Mamede, no Porto.

1 Os Devoradores de azul (2001)

2 "Depois disto, fica um grande vazio" (2004)

3 Sem título (1973)



Tempo vai valorizar obra de Cruzeiro Seixas

Galeristas defendem que falta realizar estudo aprofundado sobre a obra do artista que completaria hoje 100 anos. Multiplicam-se exposições evocativas

Ana Vitória
anavitoria@jnt.pt

CENTENÁRIO Artista plástico, poeta, visionário e sempre inconformado, Artur Cruzeiro Seixas completaria hoje, cientes de um mês passado sobre a sua morte, 100 anos. Para celebrar a efeméride, há um conjunto de exposições e iniciativas que evanescem o seu percurso e obra multifacetada. É um momento raro para se descolar uma parceria substancial de trabalho daquele que foi um dos embateiros do Surrealismo português, mas

sobre quem falta investigar a obra, diários especialistas ouvidos pelo JN.

"É um centenário muito emotivo", confessa o galerista Carlos Cabral Nunes, que nos últimos 20 anos prima de perto com o artista e sobre ele organizou múltiplas exposições. Este responsável da Perte Galeria, em Lisboa, lamenta que não haja um conhecimento mais profundo de toda a obra de Cruzeiro Seixas. "Fazímos possibilizar um estudo que permita ter um conhecimento aprofundado da amplitude da sua obra", de-

fende o galerista, lembrando também que o percurso de artista foi "estendendo à margem dos circuitos de consagração".

A opinião é validada pelo historiador e crítico de arte Bernardo Pinto de Almeida. "Se a obra de Cruzeiro Seixas atingiu nos últimos anos uma estranha simplicidade com o maior grau de silêncio da parte dos documentadores e, paradoxalmente, com o reconhecimento fascinado de uma questão, é porque a atitude de artista exigiu desde sempre esse regato de quase intransigência", escreveu.

"Cruzeiro Seixas tinha o vício de pintar e desenhar", lembra, a propósito, Francisco Pereira Coutinho, da Galeria São Mamede, onde o artista foi diutamente artista no final do século passado.

TEMPO VALORIZARÁ A OBRA "Tem uma obra imensa, mas é importante distinguir o trigo do joio", ressalva Coutinho, diz, "é indiscutível que há toda uma obra muito sólida que, essa sim, deve ser objeto de um trabalho mais atento do que aqueles que já foram publicados nos anos 80".

Para Pereira Coutinho, cuja galeria também inaugura hoje uma exposição de homenagem ao artista que morreu no passado dia 9 de novembro, "quanto mais tempo passar, mais a sua obra será valorizada".

Alertando para o facto de ser um nome que a morte de um artista significa de imediato a Valoração do seu trabalho no mercado, o galerista admite que tem recebido, nesse sentido, vários pedidos de informação sobre a obra do pintor e poeta. No entanto, lembra que "ele tinha pouca carne a 100 anos. Por isso, o mercado já não muito que se havia antecipado à sua obra".

Nesta mesma linha de pensamento, Carlos Cabral Nunes afirma que nem todos os artistas arangam um patamar cuja obra represente um ativo financeiro. "No caso do Cruzeiro Seixas, penso que a obra vai valer mais à medida que o tempo passar".

EXPOSIÇÕES
Três mostras e um filme na Cinemateca

Na Atmossfera M e na Sociedade Nacional de Belas Artes, ambas em Lisboa, são inauguradas, respetivamente, "Construir cem nadas perfeitas" e "Núcleo Cadavre Exquis". Também hoje, pelas 17,30 horas, a Cinemateca Portuguesa exibe o documentário "Cruzeiro Seixas - As cartas derei Artur". Ainda em Lisboa, a Galeria São Mamede inaugura "Este desejo de voar sem asas". Nesta mostra estarão obras de homenageado, mas também de artistas sobre os quais ele organizou exposições. É o caso de Jorge Vieira, Carlos Calvet ou Raul Pires.

CEM ANOS E UMA EXPOSIÇÃO

"Artista é uma palavra que eu detesto, eu escrevi em alguma parte que quando me designam como artista é como se me dessem uma bofetada. Não gostava nada de ser artista, eu sou um homem que faz desenhos, que pinta." [Excerto da entrevista à GQ Portugal # 162]

Isto não é um obituário. Artur do Cruzeiro Seixas (Amadora, 1920), morreu no dia 8 de novembro, aos 99 anos e 340 dias. Cidadão de espírito livre, recusou sempre o epíteto de artista. Completaria 100 anos inteirinhos no dia 3 de dezembro.

Cruzeiro Seixas, pintor e poeta surrealista, mas não artista, ficou chateado. Passamos a explicar. A Perve Galeria e a Casa da Liberdade – Mário Cesarin organizaram uma exposição que juntou as comemorações dos 20 anos da galeria em Alfama e as do centenário do mestre Cruzeiro Seixas. Carlos Cabral Nunes, diretor e fundador da Perve e da Casa da Liberdade – Mário Cesarin, cultiva uma relação de grande proximidade com o pintor e poeta, pois já se conhecem há mais de 20 anos.

No entanto, Cruzeiro Seixas não pôde estar presente na inauguração dessa exposição, a 19 de setembro. E logo numa inauguração que contou com as insinuações presenças do Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa, e da ministra da Cultura, Graça Fonseca. E não pôde estar presente porque o próprio Cabral Nunes o proibiu: dadas as atuais circunstâncias, a saída do mestre dos seus aposentos – o pintor encontrava-se, há vários anos, alojado na Casa do Artista, em Lisboa – im-

plicaria que, no regresso, permanecesse em isolamento durante 14 dias, como medida preventiva da propagação da covid-19 num lugar tão sensível como é aquele lar.

Cruzeiro ficou muito desagradado, magoado mesmo, segundo Cabral Nunes. Pôrém, a verdade é que veio a verificar-se que, infelizmente, o galerista tinha toda a razão. Algumas semanas após a inauguração da exposição na Perve, a ministra Graça Fonseca agraciou Cruzeiro Seixas com a Medalha de Mérito Cultural, na Biblioteca Nacional de Portugal. Cruzeiro marcou presença nessa cerimónia. De regresso à Casa do Artista, e como previsto e determinado, foi obrigado às tais duas semanas de quarentena. O isolamento forçado acabou por resultar numa grande debilitação do estado de saúde do pintor e poeta, que acabou por não conseguir recuperar – não nos esqueçamos que a inatividade numa pessoa de 100 anos pode ter consequências irreversíveis.



A Perve-Galeria e a Casa da Liberdade – Mário Cesarin, em Lisboa (Rua das Escolas Velhas, Alfama), inauguraram recentemente uma exposição comemorativa do centenário do mestre Cruzeiro Seixas.



Redação

27 NOVEMBRO, 2020

PERVE GALERIA INAUGURA DOIS POLOS DE CELEBRAÇÃO DE CRUZEIRO SEIXAS EM DEZEMBRO

As exposições que integram este ciclo estarão patentes em Lisboa até 30 de dezembro de 2020 na Sociedade Nacional das Belas Artes e até 12 de fevereiro de 2021 na Casa da Liberdade - Mário Cesariny e no espaço Atmosfera m.

No dia 3 de dezembro, quando se celebram os 100 anos do nascimento de Cruzeiro Seixas, serão inaugurados dois polos expositivos do ciclo de celebração do seu centenário, entre as 15h e as 20h, em Lisboa. Dando continuidade ao ciclo celebrativo iniciado a 19 de setembro com a inauguração de polos de exposição na Casa da Liberdade - Mário Cesariny em Alfama, esta inauguração é um reflexo da atividade desenvolvida entre Cruzeiro Seixas e a Perve Galerie.

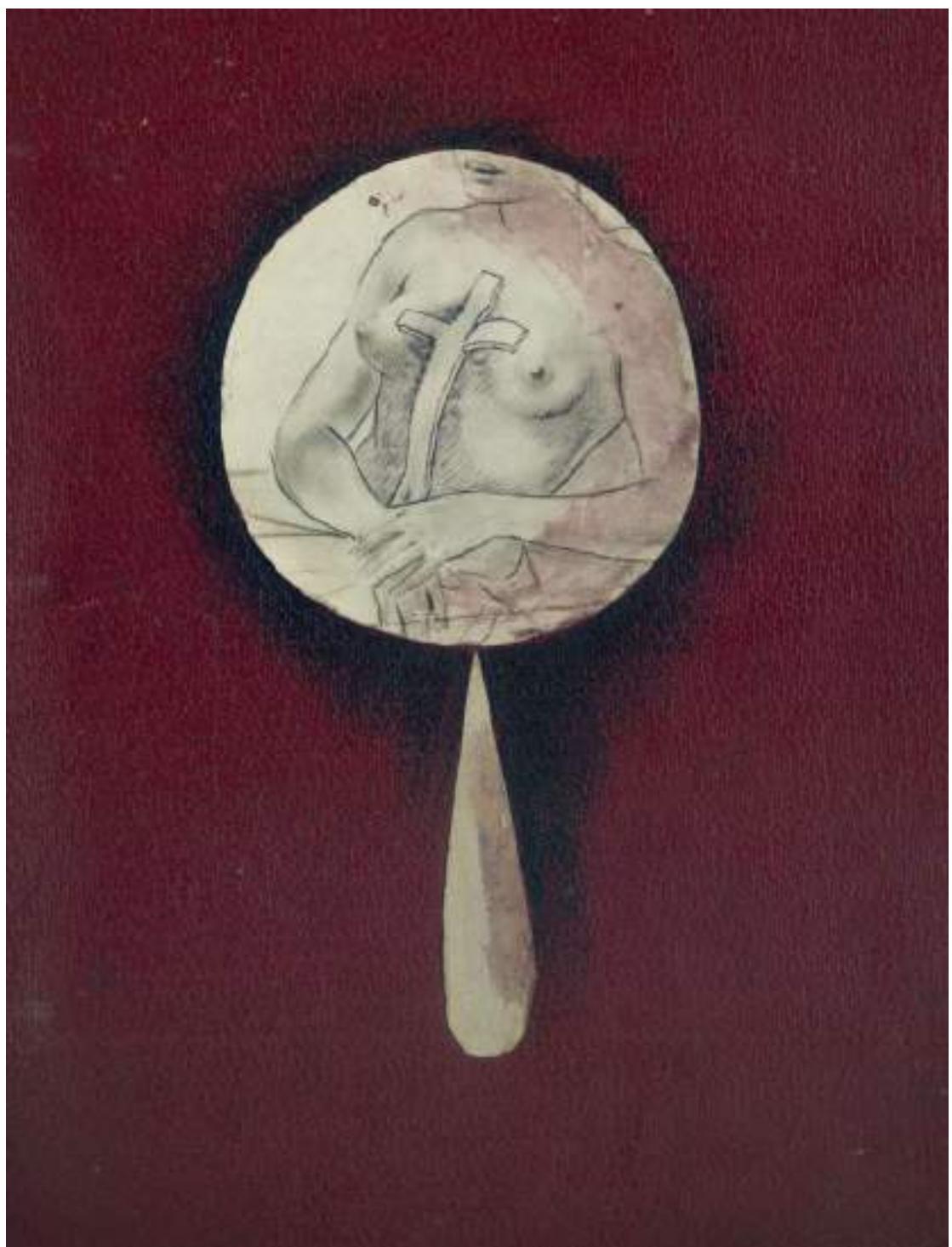
Os dois polos agora inaugurados estão organizados em dois temas: *Construir Cem Nadas Perfeitas*, no espaço Atmosfera m, onde se apresentam obras inéditas do autor e obras feitas especificamente em sua homenagem, por artistas como Alfredo Luz, Eurico Gonçalves, Javier Félix, entre outros; e *Núcleo Cadavres Exquis*, o polo expositivo patente na Sociedade Nacional de Belas Artes onde estão expostas obras colaborativas realizadas por Cruzeiro Seixas ao lado de artistas como Mário Cesariny, Valter Hugo Mãe, Eduardo Salaviza, Liudvika Koort e Sophia Zhong.

Na inauguração destas exposições será lançado um catálogo em formato digital que inclui mais de duas centenas de obras expostas, algumas das quais inéditas, depoimentos de algumas das pessoas que foram muito próximas de Cruzeiro Seixas, tais como, entre vários outros, Aldo Alcota, António Cândido Franco, António e João Prates, Adriana Atrial, Isabel Meyrelles, Teresa Balté e Tomás Paredes.

A par da inauguração das exposições que integram a celebração do centenário do autor, a Cinemateca Portuguesa irá, na mesma data, às 17h30 de 3 de dezembro, exibir o filme *Cruzeiro Seixas - As Cartas do Rei Artur* (2016), de Cláudia Rita Oliveira com produção de Miguel Gonçalves Mendes.

A vernissage decorrerá por convite RSVP e conta com uma visita guiada orientada nos dois espaços expositivos, assim como, sessões de poesia a partir da obra poética publicada por Cruzeiro Seixas e performances de arte urbana a cargo do coletivo Border Lovers de Pedro Amaral e Ivo Bassani.

As exposições que integram este ciclo estarão patentes em Lisboa até 30 de dezembro de 2020 na Sociedade Nacional das Belas Artes e até 12 de fevereiro de 2021 na Casa da Liberdade - Mário Cesariny e no espaço Atmosfera m.



Capa de livro de artista inédito, da década de 1960

Artur Manuel do Cruzeiro Seixas, nasceu a 3 de Dezembro de 1920, na Amadora. Frequentou a Escola António Arroio, em Lisboa.

Em 1948 adere ao anti-grupo “Os Surrealistas”, com Mário Cesariny, Pedro Oom, Henrique Risques Pereira, António Maria Lisboa, Mário Henrique Leiria, Fernando José Francisco, Fernando Alves dos Santos e Carlos Calvet.

Em 1952 deixa Portugal e parte em direção a África, fixando-se em Angola. Com o intensificar da guerra colonial abandona África e regressa a Portugal, onde produz ilustrações para a “Antologia de Poesia Portuguesa Erótica e Satírica” de Natália Correia e, em 1967, inaugura com Mário Cesariny a exposição “Pintura Surrealista”, na Galeria Divulgação, no Porto.

Em 1969, novamente com Cesariny, integra a Exposição Internacional Surrealista na Holanda, e durante a década de 70 mostra trabalhos seus em inúmeras coletivas do movimento surrealista internacional, principalmente aquelas ligadas ao Grupo Phases ao qual havia, entretanto, aderido. Nas décadas seguintes, depois de cortar relações com Cesariny, afasta-se dos circuitos de consagração mercantil e institucional. Fixa-se no Algarve e continua a apresentar os seus trabalhos em exposições individuais e coletivas.

Em 2006, a Perve Galeria, apresentou “Cesariny, Cruzeiro Seixas, Fernando José Francisco e o passeio do cadáver esquisito”. Esta exposição marcou o reencontro dos três artistas após 50 anos de afastamento. Foram aí apresentadas obras suas, originais, realizadas entre 1941 e 2006 - ano em que realizou um conjunto inédito de 12 *Cadavres Exquis*, em colaboração com Cesariny e Fernando José Francisco. Em 2012, também na Perve Galeria, é apresentada a exposição antológica “Homenagem a Cruzeiro Seixas”, com mais de centena e meia de obras de sua autoria, realizadas entre 1940 e 2010.

Artur do Cruzeiro Seixas está representado em inúmeras coleções, de que são exemplo: a coleção do Museu do Chiado (Lisboa); Centro de Arte Moderna da Fundação Calouste Gulbenkian (Lisboa); Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro; Museu Nacional Machado de Castro (Coimbra); Museu Francisco Tavares Proença Júnior (Castelo Branco); Fundação António Prates (Ponte de Sor); Fundação Cupertino de Miranda (V.N.Famalicão) ou Fundación Eugénio Granell (Galiza), entre muitas outras.

A obra de Cruzeiro Seixas assume uma posição de destaque na Coleção Lusofonias, iniciada pela Perve Galeria no ano 2000, com um núcleo significativo de trabalhos realizados ao longo dos anos em que viveu em Angola, em especial desenhos e pinturas de forte matriz africana (não africanista ou exótica) mas também de outros períodos relevantes no seu percurso, como as obras realizadas na década de 1940 quando, com Cesariny e demais companheiros fundou Os Surrealistas. Em 2019, no âmbito de um ciclo de celebração dos 70 anos sobre a 1ª exposição desse anti-grupo, a Perve Galeria organizou um tributo a Cruzeiro Seixas, no espaço Atmosfera M, da Associação Mutualista Montepio, em Lisboa, que agora é revisitado na presente exposição que visa assinalar o centenário deste autor singular, único no panorama das artes visuais nacionais e internacionais..



Cruzeiro Seixas. Nazaré. Fotografia por Cabral Nunes. 9-8-2018

Tanto discutiram a forma, a posição, a cor, o preço da pequena paisagem que ela deitou a mão a uma leve corrente de ar e saiu pela janela para não mais entrar.

Sopunhamos que o vento a levou até ao mar e ai se afogou!

Da "paisagem" que depois pintaram desse tragico momento ninguem gostou...

Fazedor de 100 nadadas perfeitos

O que é um pássaro voando depois do final das águas que uma cascata jorrou, num tempo indizível? É um sonho refeito, tecido laboriosamente enquanto se fez manhã, depois noite e um ano se tonou século de amor e glória, de que não falam já os relógios ou quaisquer cotovias madrugadoras. Assim foi Seixas, que é um Cruzeiro navegando por entre guerras e paz, amando muito, sobretudo a Liberdade escorrendo poesia, dilacerada, luminosa, em espaços de segredo e magia ritual.

Do que aqui se fala, em forma de tributo impossível de satisfazer, dada a condição gigante do homem e, maior, do Ser que "faz coisas", é de uma vida plena, com número redondo a compor-se. 100 anos de Cruzeiro Seixas, a completarem-se no dia 3 de Dezembro. Ele que mais viveu, mais desenhou e pintou, assume-se já não aqui, neste lugar onde julgamos estar inteiros. Ele mora noutro mar e disso nos foi falando, através da sua magnífica obra, construída ao sabor de um longo viver. E no tanto que nos legou, resta-nos apenas a valia do silêncio, na gratidão de um "abra aço" com profundo sentido.

Carlos Cabral Nunes - 15 de Setembro de 2020

NOTAS PARA UM ESTUDO SOBRE CRUZEIRO SEIXAS

Os materiais de segundo nível, que permitem a metamorfose do real sensível, e a percepção desse outro real, a que o surrealismo chamou o supra-real, sem o qual não faz sentido, são de dupla natureza, ou sonora ou visual, quer dizer, ou se manifestam por meio da audição ou por meio da visão.

No primeiro caso temos as alucinações auditivas, que distorcem a camada mais superficial, mas também mais decisiva, da linguagem verbal, o fonema. O fonema é cada uma das parcelas mínimas da linguagem verbal articulada. É encarado em geral como um material arbitrário, posto ao serviço duma codificação de sentido. É porém possível usar esse material de modo distinto, desvinculando-o da relação de arbitrariedade com o real sensível, de primeiro nível, e procurando no som verbal a manifestação do invisível ou do inefável.

Foi esse o trabalho de Mário Cesariny no livro *Alguns mitos maiores alguns mitos menores* propostos à circulação pelo autor, escrito em 1948, publicado dez anos depois, e que António Maria Lisboa teve ainda ocasião de apreciar, a ele se referindo na conferência manifesto de 1950, *Erro Próprio*, editada em 1952, como sendo um jogo de cabala fonética, destinado a progressiva assimilação do irracional, um sinónimo daquilo que linhas acima apontámos como invisível ou inefável.

Nesse livro, o poeta, desarticulando as palavras, ou sequências delas, através dum jogo fonético, em geral assente nas similitudes dos fonemas, criou uma linguagem própria, feita de neologismos, que se pode tomar por um idiolecto verbal, de segundo nível, adequado a comunicar com a realidade ideal que o surrealismo procura e que António Maria Lisboa identificou com o irracional.



Cruzeiro Seixas e Mário Cesariny. Fotografia proveniente do arquivo de Eduardo Tomé

Raúl Pérez, Mário Botas e Cruzeiro Seixas. Holanda, década de 1970. Fotografia proveniente do arquivo de Eduardo Tomé

Podemos pensar que aquilo que os poetas verdadeiros desde sempre fizeram foi aquilo que de forma radical se encontra no livro de Cesariny. Não se trata tanto dum tópico de escola, por muito que ele atravesse transversalmente parte daquilo a que chamamos o surrealismo histórico, mas do núcleo resistente da própria acção poética. Desmembrar as palavras ou as frases de primeiro nível, relativas ao real sensível, para se obter uma linguagem mais autêntica, menos dependente do real visível e da sua reprodução no plano verbal, como faz Cesariny nesse livro dado à luz em 1958, parece ser um processo “intemporal”, que começou no momento em que o homem trocou o estado natural pela civilização, onde os constrangimentos edípianos impuseram uma nova realidade à espécie.

Para se perceber isso a que chamo “processo intemporal”, e que tem todavia um começo colectivo, basta pensar na acção multissecular que alguns poetas da língua portuguesa, que vão do cancioneiro dionisino a Eugénio de Castro e da Fénix Renascida a Ângelo de Lima, exerceram sobre a língua, numa operatividade em tudo concorde com aquilo que se encontra no livro de Mário Cesariny.

As manifestações de segundo nível, que interrompem e transformam nas formas de representação o contínuo da realidade sensível, não se apresentam porém apenas ao nível fonético. Há materiais de tipo visual não fonético que se mostram de grande importância para revelar a alteridade do real. Neste caso também as alucinações de tipo visual, distorcendo a percepção óptica que temos da realidade, podem contribuir para articular a linguagem com uma realidade de segundo nível. A base da linguagem verbal é o fonema, quer dizer, o som, mas o seu resultado mais vulgar é a imagem. A criação de sentido que se pretende obter com a junção dos fonemas, a reprodução do real sensível a que se aspira em qualquer língua arbitrária, não poética, faz-se através da imagem, não do som.



Cruzeiro Seixas, circa anos 1950, Angola
Fotografia Fotografia proveniente do arquivo de Eduardo Tomé



Pedro Oom, Fernando Alves dos Santos, António Maria Lisboa e Mário Cesariny
Lisboa, 1949. Fotografia proveniente do arquivo de Cruzeiro Seixas



Cruzeiro Seixas, circa anos 1970
Fotografia por Mário Botas

Dou um exemplo. Quando digo a palavra porta, tenho por um lado as unidades mínimas sonoras, três consoantes e duas vogais, e por outro uma imagem, uma noção unívoca, que me permite referenciar, a partir duma realidade sensível, um sentido. Por esse motivo um poeta como António Maria Lisboa pôde deixar de lado por um momento a essência sonora da linguagem verbal e dedicar-se no seu principal livro de poemas, *Ossóptico* (1952), ao trabalho óptico ou visual com as palavras, obtendo na assimilação do irracional, ou na transposição do real, resultados equiparáveis àqueles que Mário Cesariny conseguiu com a incisiva acção sobre o som.

É no domínio porém do desenho, da escultura, da pintura ou da criação de objectos que podemos falar de materiais visuais puros. Nenhum som audível; apenas imagens visíveis. É possível trabalhar também com tais materiais na procura de manifestações de segundo nível. Quer as palavras, quer as imagens, quer ainda as coisas, escondem por detrás da sua realidade quotidiana mais mesquinha, outros diriam mais abjecta, um continente secreto, muito mais maravilhoso, que não é outro senão o real supra-sensível a que Lisboa chamou o irracional.

Um dos que trabalhou ou sublimou estes materiais visuais, na tentativa de com eles obter resultados inesperados na assimilação do real de segundo nível foi e é Artur Manuel do Cruzeiro Seixas. A sua acção entre nós é paralela, no domínio puramente visual da sua criação pictórica e objectual, daqueloutra que se encontra na poética verbal de Mário Cesariny e de António Maria Lisboa, que como vimos tem, apesar dessa unidade de base, direcções diferentes.



Cruzeiro Seixas. Gravações para o filme documental, da série NOMA, que lhe foi dedicado. 09-06-2002 Fotografia por Cabral Nunes.



Casa de Cruzeiro Seixas, na Rua da Rosa, ao Bairro Alto, em Lisboa. Junho de 2002. Fotografia por Cabral Nunes.

Artur Manuel do Cruzeiro Seixas é um alquimista das formas, um poeta das imagens, um arquitecto do espírito. Os seus desenhos, que melhor se designam por sismografias da psique, caligrafias psíquicas ou registos pulsionais, mesmo quando enquadrados por um traço que nos parece tão rigoroso quanto talentoso, são a linguagem da alma humana; movem-se na tela ou no papel onde o seu autor os lança em momento de cegueira ou de possessão como os sonhos, os mais maravilhosos e os mais terríveis, se incrustam no céu imaterial do pensamento.

Não há por isso limites para os sinais que se inscrevem nos desenhos de Cruzeiro Seixas; eles palpitan em combustão ardente, pedras vulcânicas em permanente explosão de metamorfose. Se o Universo é um caos organizado, uma anarquia espontânea, onde os astros fazem a vez duma ordem desconhecida e superior, os desenhos de Cruzeiro Seixas são a escrita automática do espírito, um alfabeto psíquico capaz de registar as pequenas e as grandes convulsões da alma, onde as imagens, sempre escaldantes, sempre borbulhantes, tomam o lugar de mediadores entre a matéria densa do mundo e a liberdade gratuita do espírito.

Na tapeçaria dramática de Cruzeiro Seixas uma mão nunca é uma mão, um rosto nunca é um rosto, um cavalo nunca é um cavalo. Não nos iludamos, a não ser por via da participação consciente neste teatro lúdico de acasos, que é disso que aqui se trata. Todas as realidades que saem das mãos de Cruzeiro Seixas são apenas imagens de outras realidades, metáforas vivas e desveladas, num processo contínuo e revelado de metamorfoses, que opera por sucessivas e imperceptíveis transladações de sentido. Na rotação das imagens, na velocidade alucinante das figurações, na permanente desconstrução das identidades, temos o carnaval intenso da criação, a festa do mundo tal como ela pôde ser superiormente vivida em colectivo nas culturas magnas do paleolítico e do mesolítico, tudo antes que a história, com a folha relativa à produção e acumulação, com a eugenia própria da proibição do incesto, que impôs constrangimentos gigantescos nas operações mentais humanas, sufocasse a vida mágica da cultura natural.



Cruzeiro Seixas e Fernando José Francisco, realizando Cadavre Exquis. Fotografia por Cabral Nunes.
2-9-2007



Carlos Cabral Nunes e Cruzeiro Seixas. Visita à exposição da coleção do Centro George Pompidou, em Paris.
31-3-2019



Eurico Gonçalves e Cruzeiro Seixas em visita à exposição da Coleção Lusofonias, na sede da UCCLA, em Lisboa. 15-4-2017

Convenço-me que o homem arcaico, o homem ante-histórico, o homem natural, o homem criança, o homem mulher, via o mundo – animais, plantas, pedras, rios, astros – desenrolar-se diante dos seus olhos como nós vemos a metamorfose num desenho de Cruzeiro Seixas. Daí a ideia de tapeçaria dramática, de montagem psíquica, mas também de percepção em estado puro, a propósito da actividade das suas mãos.

Cruzeiro Seixas sempre negou a arte. Fê-lo pelo lado do testemunho – o desejo mais alto do meu trabalho, é justamente que ele seja um testemunho, diz ele algures – e fê-lo ainda pelo trilho que Marcel Duchamp abriu com o readymade de 1914. O readymade colocou a arte ao alcance de todos, deixando de lado o que nela havia de habilidade e talento, e que muito, ou tudo, era. Com o readymade a arte passou a estar ao nível do desejo de qualquer um. Bastava para tanto isolar a peça e atribuir-lhe um valor de emblema.



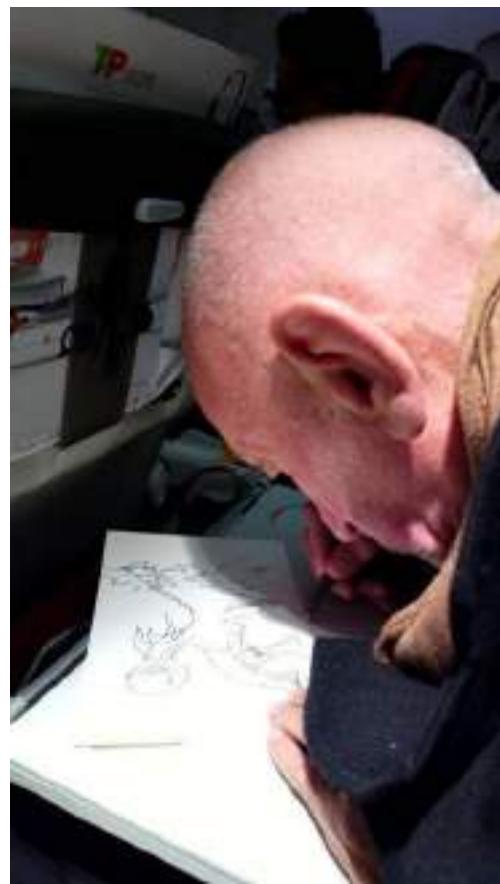
Cruzeiro Seixas realizando obra colaborativa, com Cabral Nunes, em toalha de mesa. Jantar realizado após a 1ª exposição em Lisboa, no Palácio da Ajuda, da coleção de obras de Joan Miró (que passaram a pertencer ao Estado português após petição pública iniciada pelos 2 autores). Fotografia por Cabral Nunes. 7-9-2017



Cruzeiro Seixas e Sophia Zhong, realizando obras colaborativas na Bienal de Cerveira. Fotografia por Cabral Nunes. 11-8-2018



Cruzeiro Seixas. Gravações para o filme documental, da série NOMA, que lhe foi dedicado. Fotografia por Cabral Nunes.
09-06-2002



Cruzeiro Seixas desenhando no voo que o levou a Paris. Fotografia por Cabral Nunes.
17-12-2018

A invenção de Duchamp não coincidiu, ao menos no imediato, com os propósitos do surrealismo. Ao invés, guardando apenas o seu efeito de surpresa anti-burguesa ou de provocação vanguardista, o readymade estava destinado a transformar-se depois, na segunda metade do século XX, no pior pesadelo da actividade artística de sempre, o gadget, o dispositivo, a bagatela, o pechisbeque ao alcance de todos, votado ao consumo industrial em larga escala, contaminando ainda muito daquilo que se convencionou chamar arte moderna ou contemporânea. Nesse sentido o surrealismo parece actual mas não contemporâneo, e menos ainda moderno, se por modernidade entendermos o mundo que saiu da razão instrumental cartesiana.

O que a prática do readymade, de que a instalação é uma extensão em ponto grande, mostrou é que o mercado da arte, nas versões mais canibalescas que se conhecem, para nada precisava das convenções burguesas do talento e da habilidade. Percebe-se com bons motivos que o mercado da arte, para se expandir sem limites e sem entraves, necessitava de se livrar dos códigos estéticos burgueses, demasiado elitistas e restritivos. Sem eles, sem os círculos apertados em que se fechava, a arte ficava nua e sem escudo; estava à mercê de qualquer invasão e livre para se tornar em definitivo uma mercadoria de massas, uma indústria sem entraves, pronta a forçar o consumo como qualquer tomate enlatado. O valor de emblema que o objecto ganhou com o readymade de Duchamp estava apto, e com que facilidade, a tornar-se também um valor de mercado.

O destino da invenção de Duchamp não foi porém apenas o gadget artístico. Pouco depois da sua invenção, o grupo de André Breton, posicionando-se no campo não da arte, ou da anti-arte, ou até da não-arte, mas no do experimentalismo da alma humana, viu no trabalho de Duchamp uma possibilidade nova. Também o surrealismo desposou assim a anti-arte, sem que o seu interesse fosse outro do que perceber na sua superfície nua a significação psíquica, a realidade de segundo nível. De emblema sociológico, o objecto passava a dinâmica de funcionamento simbólico.



Eduardo Tomé e Cruzeiro Seixas. Espanha, 1986



Cruzeiro Seixas com Carlos Calvet. Estoril, Fotografia por Cabral Nunes. 2-5-2012

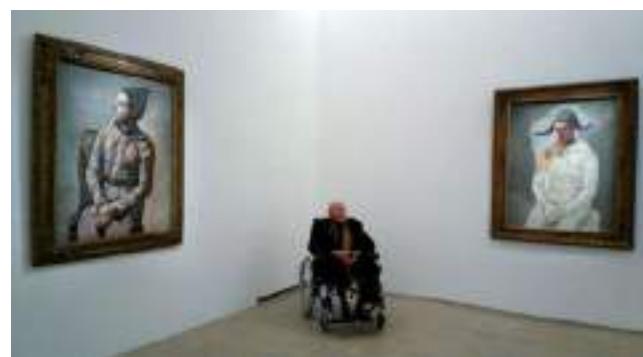
Para o surrealismo, o readymade não era um novo objecto artístico, nascido dum olhar descomprometido com as regras artísticas burguesas, mas um objecto psíquico, uma peça da alma, uma manifestação maravilhosa, um sinal da realidade de segundo nível. Nasceu assim o objecto surrealista.

Convenço-me que o drama decisivo da arte actual se joga na dupla acepção que o trabalho duchampiano tomou ao longo dos últimos cem anos. Por um lado temos a arte ao alcance de todos, através da industrialização desaforada da anti-arte, de que todas essas banais instalações pagas pelos poderes públicos nas rotundas dos subúrbios são o testemunho triste, e por outro temos a arte ao alcance de todos, sem necessidade de poderes, sem necessidade de sponsors, através do objecto surrealista que cada um de nós deve procurar como se dum verdadeiro milagre se tratasse. A herança de Duchamp joga-se toda neste braço-de-ferro, que é também o desafio que hoje se trava entre as duas pulsões vitais, por muito heteróclita que cada um delas seja.

Cruzeiro Seixas, colocando-se do lado da alma, foi um verdadeiro criador de objectos surrealistas. A sua imagem de marca é a chávena intervencionada, de 1954, a que chamou *Quotidiano*. Essa chávena tem a asa para dentro, expondo o absurdo da sua inutilidade, como um homem com a alma para fora, sem consciência e sem extensão, sem fonte de imagens para brotar, é o escravo da realidade sensível e o encarcerado da razão prática. Será que já se percebeu que a asa cruzeirina é a tradução metafórica da alma e até a sua continuidade fónica, numa espécie de cabala temúrica onde o imperativo do verbo amar, ama, serve de ponte e de elo? Asa, ama, alma – compósitos sonoros do irracional ou novo mito posto a circular pelo criador.



Dorindo Carvalho e Cruzeiro Seixas. Perve Galeria, Fotografia por Cabral Nunes. 11-9-2012



Cruzeiro Seixas. Museu Picasso, Paris, Fotografia por Cabral Nunes. 15-12-2018

E quem fala do funcionamento simbólico da chávena intervencionada, pode falar do poder psíquico de objectos como l'opresseur, resultante do encontro fortuito duma bola de ferro, duma torneira velha e duma pluma preta, ou da carga mágica e festiva, largamente (ir)religiosa, de objectos como o Cristo pendurado num cabide, que apresenta tanta pressão destrutiva como força regenerativa. A carga dum tal objecto só me parece comparável ao trabalho extraordinário que Guerra Junqueiro fez sobre o imaginário religioso em Veltice do Padre Eterno. E não querendo, ou não sabendo, falar de Junqueiro, fale-se então de Nietzsche e da abertura do seu Zarathustra: castigo o meu Deus para o purificar.

Cruzeiro Seixas, em sentido pleno, não é pois um artista; é um xamã, um mago, um vidente, um bandeirante da irrealidade do espírito, um homem dos portos, um corsário sempre em viagem para o além, um nauta dos astros ou do éter. O seu trabalho exerce-se mais na transformação da vida quotidiana, em primeiro lugar da sua e da do seu círculo próximo, que na mercantilização galopante e massiva dos artefactos que a sua imaginação dá ao mundo.

Numa direcção que é plena de verdade funda podemos dizer que Cruzeiro Seixas não teve atelier, não marcou o ponto, não se funcionalizou como artista ou como pintor. Ao invés, não se cansando de gritar a morte da pintura e o fim da arte, bem como o horror das academias e das escolas, fugiu para a selva, vadiou pelos trilhos poeirentos dos elefantes, perdeu-se no continente obscuro dos hipopótamos. A sua oficina, se a teve, foi na alma que a encontrou. Por isso lhe bastou, como ele insistiu, um canto de mesa para atirar ao papel com as imagens. Eu acrescentaria até que nem sequer de aparo e de tinta ele necessitou; para desenhar o mundo da alma bastou-lhe o sangue como tinta e o dedo como lápis. Estava tudo dentro dele, intacto e vivo. Não foi, não é, um artista, mas um condutor de imagens psíquicas. Não expôs talento; antes deu a alma, naquilo que esta tem de supranatural e de genial.



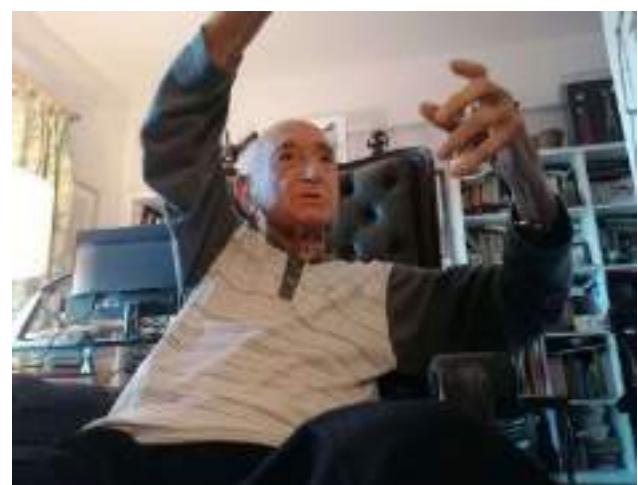
Cruzeiro Seixas na Casa das Histórias - Paula Rego.
Fotografia por Cabral Nunes. 30-7-2017



António Prates e o Presidente da República, com Cruzeiro Seixas.
Fotografia por Cabral Nunes. 1-6-2019



Nuno Silva, Cruzeiro Seixas, Teresa Balté e Carlos C. Nunes
15-08-2018



Cruzeiro Seixas, residência na Casa do Artista, Lisboa. 10 dias antes do confinamento devido à pandemia Covid- Fotografia por Cabral Nunes.
19.5-3-2020



Mário Cesariny, Fernando José Francisco e Cruzeiro Seixas na exposição que realizaram na Perve Galeria, em 2006 Fotografia por Cabral Nunes.

O drama decisivo da arte moderna joga-se no duplo sentido que o trabalho de Duchamp tomou nos últimos cem anos; por um lado o gadget artístico para o consumo das massas, como as estampas de Warhol liofilizadas numa linha de tee-shirts, e por outro o objecto surrealista de funcionamento simbólico, que qualquer um de nós na infância teve o saber pessoal, o génio assistido para construir ou criar a partir do elementar. E quem não recorda esses momentos absolutamente geniais em que num recanto de jardim ou numa sala solitária construiu com duas pedras ou dois pedaços de madeira velha um palácio encantado?

Acrescente-se agora que para o mundo se salvar, para o homem reassumir a plenitude dos seus dons e da sua graça, para a natureza reconquistar a harmonia perdida e a grandeza desfeita, a arte da anti-arte tem de morrer, porque a arte hoje, tal como a moda, perdidas para sempre as convenções elitistas burguesas, é sinónimo despudorado de consumo forçado, tão forçado que todos nós temos em casa um Picasso de plástico, equivalente de delapidação maciça de recursos, que não são recursos mas seres vivos.



Teresa Balté e Cruzeiro Seixas.
Fotografia por Cabral Nunes. 3-7-2018



Cruzeiro Seixas com J. M. Vasconcelos e Fernando Grade na Perve Galeria. Fotografia por Cabral Nunes.
24-1-2014

O que aqui está em causa é o entendimento e a aceitação passiva daquilo que Walter Benjamin chamou a obra de arte na era da reproducibilidade técnica e a obra de poesia, a acção energica, a saudação solene de cada um de nós ao mundo, na era do desastre ecológico. O caminho não é o da metrópole, deslúcida e envenenada, mas o trilho aldeão; em vez de Fernando Pessoa, urbano, colarinhos brancos impecáveis, bilhete de avião no bolso do paletó para Londres, o Velho da Montanha, Teixeira de Pascoaes, em fralda velha, descalço, cabelos em fogo e olhos relampagueantes, no meio dos robles do Marão.

A acção de Cruzeiro Seixas, naquilo que tem de essencial, quer dizer, na fabricação dos seus compostos, situa-se fora do âmbito da indústria cultural e o mais longe possível da mercantilização industrial dos artefactos artísticos da anti-arte. Cada quadro seu é uma obra monumental e única, uma obra digna do espírito de qualquer criança, que é o melhor elogio que se pode fazer a uma criação. Estamos diante de objectos de funcionamento simbólico e não de aparelhos sociais, votados à reprodução sem fim.

A construção de tais objectos funciona pela junção, pelo encontro fortuito dos materiais. O que os singulariza é antes de mais a natureza das suas matérias. Os primeiros objectos que Cruzeiro Seixas criou, por volta de 1946, sem nome, e que se perderam, resultavam do encontro de meias de seda com barbas de espartilho. Nas notas autobiográficas que em 1975 escreveu diz o seguinte sobre estes trabalhos ("Uma ferida que dança", Cruzeiro Seixas, Socitip Editora, 1989, p. 136): Em 1946 reinventei o "objecto surrealista", pois era nenhum o meu conhecimento da sua existência. Fiz alguns, com meias de seda vestindo esqueletos de barbas de espartilho, de que só restam algumas más fotografias.



Valter Hugo Mãe, Cruzeiro Seixas e Perfecto E. Cuadrado. 3-7-2018



Cruzeiro Seixas. Confinamento.
Fotografia por Cabral Nunes. 3.7.2020



C. Cabral Nunes e Cruzeiro Seixas. Caminha, 15-10-2018



Cruzeiro Seixas e António Cândido Franco, Fotografia por Cabral Nunes. 21-08-2018

Em 1951 cria o objecto “L’Opresseur”, já referido. Uma bola de ferro, uma torneira velha e uma pluma preta, recuperadas do lixo, dão lugar a um dos mais poderosos emblemas sociológicos da situação portuguesa da época e a um enigma de decifração simbólica, com vasto impacto fálico.

O que mais toca num primeiro momento nesse objecto é porém a recuperação dos desperdícios que a sociedade rejeita: uma bola inútil de ferro, uma torneira velha, uma pluma gasta. Como se esta acção gritasse que é possível salvar do esquecimento o que perdeu utilidade prática. É o momento de compaixão em que a esfera do objecto se refaz através da reciclagem. Mário Cesariny fez algo de semelhante com uma velha e roída bota de cano alto, no qual inscreveu a inscrição em tinta branca, *lucky boot that came ashore on the sands of sesimbra in the first june 1973*.

Num segundo momento estes objectos reciclados e recicláveis transformam-se porém em objectos de alma. As composições ganham brilho, rotação, vida, aquela vida que uma criança consegue instilar, maravilhando-se, a uma construção de areia. Foi assim que se fizeram as estrelas e foi assim que se ergueram as palafitas. E é assim que o lixo ganha sentido, fazendo-se corrente de ouro. À luz desse relâmpago vemos então o objecto reciclado trasladar-se em objecto simbólico, quer dizer, em preciosidade do espírito. O movimento de translação tem tradução poética, mas não no ocidente; é preciso pensar no uivo dum índio para lhe topar com o equivalente pleno.

A suma civilizacional superior, o vero tesouro que se foi condensando ao longo dos milénios, quase sempre de forma subterrânea, tem agora por base os desperdícios do modo de vida industrial. Nada na nossa civilização está tão perto da sabedoria ancestral como o desperdício. É preciso criar uma arte vadia, uma arte do lixo, própria de sem abrigos, que cruze as imagens intemporais da alma com a gestualidade catártica. São as fezes que valem ouro, o lixo que tem a essência do luxo.

As exposições de arte moderna ou pós-moderna já deixaram de contar. O que conta é a herança surrealista de Duchamp, não a herança industrial, da arte pop ou outra – parece dizer a acção poética criadora de Artur Manuel do Cruzeiro Seixas.

António Cândido Franco
[2011/2020]



Cruzeiro Seixas (Portugal, 1920-2020)

Sem título, 1991

Técnica mista sobre papel, 35 x 50 cm, Ref.: CS247

Coleção Galeria António Prates

FICHA TÉCNICA

conceito e curadoria

Carlos Cabral Nunes

direcção executiva

Nuno Espinho da Silva

produção / comunicação

Alexandra Sarokina

Nuno Espinho da Silva

Mariana Guerra

Vanessa Costa

design gráfico

CCN e Joana Oliveira

organização

Perve Galeria

atmosfera m



Agradecimentos

Adriana Areal

Aldo Alcota

Alfredo Luz

António Cândido Franco

António Prates

Associação Poesia com chá - Luchapa

Aurora Nunes

Cláudia Magalhães

Dalila D'alte

Françoise Py

Frederico Blanc de Sousa

G. Bruno

Jaime Silva

Javier Félix

João Prates

Maria Helena Figueiredo

Maria João B. de Campos

Pedro Amaral

Pedro Bandeira Blanc

Teresa Balté

Tomás Paredes

Rita Barras

Rita Branco

Rui Penedo

Parceria e realização

aPGn2 - a PiGeon too

Associação Mutualista Montepio

Casa da Liberdade - Mário Cesariny

Cinemateca Portuguesa

Perve Galeria - Alfama

Sociedade Nacional de Belas-Artes

CT-95 | Dezembro de 2020

Edição ©® Perve Global - Lda.

Proibida a reprodução integral ou parcial deste catálogo, sem autorização expressa do editor.

Cruzeiro Seixas (Portugal, 1920-2020)

Sem Título, circa 1980

Técnica mista sobre papel, 30 x 21 cm

Obra proveniente do espólio de Herberto Helder

Coleção Daniel Oliveira



Rua das Escolas Gerais, 13
1110-218 Lisboa | Portugal

Horário: 3ª a Sábado das 14h às 20h
tel. (+351) 218 822 607
telm. (+351) 912 521 450

Catálogo e informações:
www.pervegaleria.eu



Rua Barata Salgueiro, 36
1250-044 Lisboa | Portugal

Horário: 2ª a 6ª das 10h às 19h
Sábado das 14h às 19h
tel. (+351) 213 138 510



Rua Castilho, n.º 5
1250-096 Lisboa | Portugal

Horário: 2ª a 6ª das 9h às 17h
tel. (+351) 210 002 730

Apoios:

